

ANAIIS



A transversalidade da atuação bibliotecária:

SEABIBI Agenda
2030

XI Semana Acadêmica de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Organizado por:
Arysa Cabral Barros



ANAIS



A transversalidade da atuação bibliotecária:

SEABIBI Agenda
2030

XI Semana Acadêmica de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Organizado por:

Arysa Cabral Barros



Anais da XI Semana Acadêmica de Biblioteconomia: a transversalidade da atuação bibliotecária: Agenda 2030

Efetuada depósito legal na Câmara Brasileira do Livro (CBL).



Av. Ten. Raimundo Rocha, 1639 - Cidade Universitária, Juazeiro do Norte - CE
CEP 63048-080 - Telefone: (88) 3221-9200

Organizador

Arysa Cabral Barros

Capa, Diagramação e Projeto Gráfico

Emanueli da Silva Viana

Revisão de Normalização

Ana Lúcia Lucio Pinheiro

Karina Carvalho Dantas

Revisão Ortográfica

Natália Brito Bessa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Cariri
Sistema de Bibliotecas

S471a Semana Acadêmica de Biblioteconomia (11. : 2023 : Juazeiro do Norte, CE).
Anais da XI Semana Acadêmica de Biblioteconomia : a transversalidade da
atuação bibliotecária: Agenda 2030 / organizado por Arysa Cabral Barros. - Juazeiro
do Norte:
UFCA, 2023.
E- book.

Disponível em: <http://ebooks.ufca.edu.br/>
Universidade Federal do Cariri (UFCA)
Curso de Biblioteconomia – UFCA
ISBN 978-65-88329-66-5

1. Semana Acadêmica de Biblioteconomia - SEABI. 2. Biblioteconomia. 3. Ciência
da Informação. 4. Agenda 2030. I. Barros, Arysa Cabral. Título.

CDD 020

Bibliotecária: Glacínésia Leal Mendonça - CRB 3/ 925



SUMÁRIO

Aplicação das Diretrizes para indexação de obras estético-literárias em bibliotecas públicas: análise de “Os Brilhantes”, de Rodolfo Teófilo	6
---	----------

*Aline Fernandes de Mendonça
André Anderson Cavalcante Felipe*

Gamificação como fator de reintegração de usuário na biblioteca escolar	15
--	-----------

*Antônia Lucineide Francisco de Lima
Marcus Vinicius de Oliveira Brasil*

Mediação e patrimônio cultural: apontamentos iniciais	23
--	-----------

Thaís Pereira da Silva

Jogo educativo “Vamos Aprender?”: para bibliotecas e instituições de ensino	35
--	-----------

*Maria Débora Maciel
Arluci Goes Elliott*

O uso do marketing digital em mídias sociais para bibliotecas universitárias: vantagens e indicadores qualitativos	44
---	-----------

*Jessica Gabriela Silva Ribeiro
David Vernon Vieira*

Gestão da biblioteca escolar e o bibliotecário: relato de experiência na escola Amália Xavier	56
--	-----------

*Susana de Oliveira Brito
Elieny do Nascimento Silva
Lucas Almeida Serafim*



Desafios no gerenciamento de ambientes informacionais: um breve estudo de caso com a biblioteca <i>Elva Grace Barber</i> do Seminário e Faculdade Batista do Cariri	66
<i>Gleidson Dejair de Oliveira</i> <i>Pedro Lucas de Sousa Grangeiro</i> <i>Arysa Cabral Barros</i>	
Inclusão Social e Bibliotecas Públicas: uma análise bibliométrica	74
<i>Elizabeth da Paz Santos</i> <i>Adriane de Oliveira Silva</i> <i>Gustavo Cardoso Oliveira</i> <i>Isaura Nelsivania Sombra Oliveira</i>	
Análise da interface de um portal institucional à luz da teoria da Arquitetura da Informação	86
<i>Laís Cirilo Lima Garcez</i> <i>Márcio Bezerra da Silva</i>	
Live streaming em Bibliotecas: A tecnologia a favor da educação	100
<i>Karine Araújo Monteiro</i> <i>David Vernon Vieira</i>	
O cordel como fonte de informação: uma ferramenta antirracista	114
<i>Igor Aquino de Pinho</i> <i>Francisca Pereira dos Santos</i>	
Memória social dos quilombos do Cariri: acervos como ferramentas de preservação	129
<i>Francisco Wagner Santana Filgueiras</i> <i>Priscilla Régis Cunha de Queiroz</i>	
Conhecer o racismo para combatê-lo: caminhos para uma prática antirracista através da informação	138
<i>Karina de Carvalho Dantas</i> <i>Priscilla Régis Cunha de Queiroz</i> <i>Arysa Cabral Barros</i>	



Projeto de Cultura Quilombo Mulatos: um relato de experiência acadêmica 153

Raniele Lima dos Santos

Karine de Araújo Monteiro

Jose Wesley Barbosa Belino

Priscilla Régis Cunha de Queiroz

Jenifer Evangelista da Silva

Mulheres na Biblioteconomia: a presença das mulheres na gestão da Biblioteca Nacional 162

Maria Daiane Santana

Arysa Cabral Barros

Jornais como veículo de informação e preservação da memória: uma análise do acervo físico e digital do Museu da UFCA em Juazeiro do Norte 170

Jose Wesley Barbosa Belino

Walter Cadete de Souza Junior

Francisco Weber dos Anjos

Acervo, memória e religiosidade no contexto das bibliotecas especializadas 178

Mateus de Souza Peralta

Arysa Cabral Barros





Modalidade: Trabalho Completo

GT 2: Organização e Representação da Informação e do Conhecimento

Aplicação das Diretrizes para indexação de obras estético-literárias em bibliotecas públicas: análise de “Os Brilhantes”, de Rodolfo Teófilo

*Aline Fernandes de Mendonça
André Anderson Cavalcante Felipe*

Resumo: Trata da análise temática de obras literárias regionais cearenses por meio da aplicação das Diretrizes para Indexação de Obras Estético-Literárias (DIELs). Propõe como objetivo, desenvolver a indexação do romance ‘Os Brilhantes’, de Rodolfo Teófilo, com base nas da DIELs. Metodologicamente, caracteriza-se como uma pesquisa aplicada do tipo bibliográfica. Os resultados da pesquisa apontam que a indexação da obra ‘Os Brilhantes’, mediante as DIELs, promoveu descritores para além da identificação do gênero e tipo da obra (romance brasileiro; literatura brasileira), com ênfase nos temas presentes da obra em si, como: vingança, cangaço, desigualdade social, aspectos psicológicos da criminalidade, dentre outros, que podem vir a se tornar pontos de acesso na representação da obra em um catálogo. Considera-se que a aplicação da DIEL pode contribuir para a qualificação da organização da informação em bibliotecas públicas, especialmente no âmbito de obras regionais.

Palavras-chave: diretrizes para indexação de obras estético-literárias; biblioteca pública; literatura regional cearense; os brilhantes.

1 INTRODUÇÃO

A indexação consiste no processo de fazer uma análise conceitual de um documento, atribuir descritores a ele e, por fim, traduzir esses descritores por meio do uso de um vocabulário controlado, para que o documento possa ser recuperado por assunto em um sistema de recuperação de informação (SILVA, 2022).

Embora a indexação de documentos científicos seja, no geral, considerada satisfatória, quando se aborda a recuperação de obras estético-literárias por assunto, o resultado costuma apresentar apenas o gênero literário da obra, retratando pouco da representação temática desse tipo de documento (SILVA; PAJEÚ; FELIPE, 2022).

Com vistas a reduzir essa discrepância, alguns autores da Biblioteconomia e Ciência da Informação criaram protocolos, modelos e diretrizes para a indexação temática de obras estético-literárias, dentre os quais, citamos: o modelo de Moreira (2006), que se utiliza das Dimensões da Ficção de Pejtersen (1978 *apud* SILVA, 2022); o Modelo para Indexação de Ficção (MENTIF) de Fujita *et al.* (2017); e o Modelo Empírico de Leitura Documental para Indexação de literatura infantojuvenil de ficção em prosa para biblioteca escolar, de Alves (2020). O modelo que usaremos nesse trabalho, a mais recente proposta, são as Diretrizes para Indexação de Obras Estético-literárias (DIEL) de Silva (2022).

Não só a indexação, mas a Organização da Informação como um todo, costuma estar defasada em bibliotecas públicas. Os principais motivos para essa realidade são a precarização, a falta de recursos, a falta de profissionais qualificados e a ausência de uma política planejada de organização da informação no espaço dessas bibliotecas (MIRANDA, 1978; SUAIDEN, 2000; MILANESI, 2013).

Sendo as bibliotecas públicas encarregadas de preservar e disseminar a produção científica e ficcional da região em que atuam (IFLA-UNESCO, 2022), consideramos que uma aplicação das DIEL na análise de uma obra de literatura cearense pode contribuir para a qualificação da Organização da Informação em bibliotecas públicas, especificamente no âmbito das produções regionais.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

É uma pesquisa aplicada, pois visa resolver problemas identificados no contexto da pesquisa. É também bibliográfica, uma vez que se baseia em material já publicado. Pode ser também pensada como um estudo de caso, pois foca na análise de uma única obra (GIL, 2017).

Suas etapas consistiram em: delimitação do problema (defasagem na organização da informação em bibliotecas públicas, especialmente no tratamento temático de obras literárias); leitura de bibliografia voltada para o tema, buscada na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI); aplicação das DIEL na análise de uma obra, selecionada por ser regional; e na análise crítica dos resultados dessa aplicação.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A primeira biblioteca pública brasileira foi inaugurada no Colégio dos Jesuítas, em 4 de agosto de 1811. Ela já surge com a perspectiva de facilitar o acesso das pessoas à palavra escrita, mas estes esforços foram dificultados pelo fato de que os segmentos dominantes não tinham interesse em promover essa facilidade de acesso.

Embora a discrepância entre o acesso à informação nessa época e atualmente seja acentuada, ainda assim, podemos dizer que, no Brasil, o projeto de acesso gratuito e qualificado à informação ainda não conseguiu se concretizar (SUAIDEN, 2000).

Em contexto de tamanha precarização, a organização da informação em bibliotecas públicas não foi considerada prioridade, uma vez que essas instituições se veem em constante luta por coisas básicas. Nessa situação, foi dada prioridade à atuação cultural das bibliotecas públicas, sendo a presença de eventos como contação de histórias, oficinas, palestras, rodas de conversa e outras propostas atividades razoavelmente consolidadas nesses espaços (MACHADO; ELIAS JÚNIOR; ACHILLES, 2014). No entanto, não há o estabelecimento de um vínculo entre essas atividades e o caráter especificamente informacional que distingue a biblioteca pública de outros equipamentos culturais.

Embora as ações culturais sejam, também, parte fundamental da atuação de uma biblioteca pública, é na organização da informação que essa instituição adquire suas características distintivas, senão, bastaria chamá-la de sala de eventos. E, diferente do que se pode pensar, essas duas dimensões não estão separadas. Por meio de uma organização da informação qualificada, as ações culturais podem atingir o seu máximo de potencial nas missões de disseminar e democratizar informação, missões estas que caracterizam uma biblioteca pública.

Sendo as ações culturais a parte mais consolidada de uma biblioteca pública, pensa-se que, por meio de uma focalização na literatura, é possível aproximar essas duas dimensões. A defasagem na organização da informação em bibliotecas públicas atinge um nível ainda maior quando se pensa em representação temática da literatura, uma vez que nem em bibliotecas que já tem sua atuação reconhecida, a exemplo de bibliotecas universitárias e nacionais, esse tipo de documento possui uma representação satisfatória.

Silva (2022) analisa a representação temática de obras ficcionais em bibliotecas nacionais da América Latina, e observa que nessas instituições, que frequentemente são tidas como referência, a representação temática de obras ficcionais limita-se a identificação do gênero da obra, não representando os assuntos que possam estar presentes nas narrativas.

Alguns modelos de leitura documental de obras ficcionais foram propostos para tentar sanar essa questão. Moreira (2006) elabora dois quadros auxiliares baseados nas Dimensões da Ficção elaboradas por Pejtersen (1978 *apud* SILVA, 2022), em pesquisa onde foram entrevistados 300 leitores de ficção para se perceber suas demandas. As dimensões são: estrutura, cenário, intenção do autor e acessibilidade.

Outra proposta foi o Modelo para Indexação de Ficção (MENTIF) elaborado por Fujita *et al.* (2017). Esse modelo consiste em um quadro com cinco colunas que con-

tém: as categorias; os questionamentos que guiam a busca por termos; as partes da estrutura textual; a identificação dos conceitos e; a seleção de conceitos. As linhas se dividem em personagem, evento, espaço e tempo (SILVA, 2022).

Alves (2020) propôs o Modelo Empírico de Leitura Documental para Indexação de literatura infantojuvenil de ficção em prosa para biblioteca escolar, que escolheu tratar de um assunto bastante específico. O modelo também se dá em formato de quadro, considerando aspectos como a estrutura do texto, conceitos, personagens principais, narrador, espaço, tempo da história e tempo da narrativa. Também insere em seu quadro perguntas que servem como norte para o indexador garimpar os descritores.

As DIEL propostas por Silva (2022) seguem o padrão de quadros e perguntas, tendo como diferencial a concepção de indexação dialógica, conceito que a autora ainda está desenvolvendo, mas que aponta para o fato de que no processo de construção de um enunciado (que pode ser uma obra literária) várias vozes e obras estão presentes, logo, a indexação poderia se qualificar quando entra em contato com os enunciados que circundam e atravessam o texto que está sendo indexado.

Baseadas na filosofia da linguagem de Bakhtin (2003), as DIEL introduzem os três elementos do gênero do discurso: a forma composicional, onde é verificada a estrutura do documento; o estilo, onde verifica-se o estilo do gênero e do autor no contexto em que a obra foi escrita; e a unidade temática, onde o principal é o ponto de vista do autor e de outros sujeitos sobre o texto (SILVA, 2022). Por meio de perguntas norteadoras, analisa-se a obra dentro desses três parâmetros, tentando identificar possíveis pontos de acesso que representem o conteúdo temático da obra.

Na seção seguinte, aplicamos as DIEL na análise da obra *Os Brilhantes*, de Roldolfo Teófilo, romance naturalista e cearense que trata principalmente do cangaço e da vida nos sertões do Nordeste. Usamos o Tesouro da UNESP para fazer a tradução dos termos escolhidos.

Segundo a UNESP (2023):

Tesouro é um sistema de organização do conhecimento científico composto de palavras-chave (descritores) relacionadas semântica e genericamente conforme áreas de conhecimento. É utilizado como instrumento para organização, indexação e recuperação da informação em bases de dados. O Tesouro Unesp tem vocabulário com termos especializados das áreas de conhecimento de suas atividades de ensino, pesquisa e extensão. É utilizado para representar o conteúdo da informação mais significativa de livros, dissertações, teses, monografias, trabalhos de conclusão de curso, artigos de periódicos, documentos, legislação etc. com o nível de especificidade e exaustividade necessário para a recuperação da informação de sua comunidade usuária.

Escolhemos o Tesouro UNESP pela sua abrangência, e por ele também ter sido

utilizado por Silva (2022) em sua pesquisa. Porém, esse tesouro tem algumas limitações quando ao tratamento dos regionalismos, como veremos a seguir.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção demonstraremos a aplicação prática das DIEL na análise de *Os Brilhantes*, de Rodolfo Teófilo.

Quadro 1 – Aplicação das DIEL na obra *Os brilhantes*

FORMA COMPOSICIONAL	ESTILO	UNIDADE TEMÁTICA
Percepção psicofisiológica do sentido físico	Compreensão do seu significado no contexto	Ponto de vista do autor e percepção de outros sujeitos
QUESTÕES		
<p>Em qual suporte se apresenta a obra?</p> <p>Qual o gênero do discurso desse enunciado?</p> <p>Em que língua foi escrita?</p> <p>Quais assuntos podem ser extraídos dos campos padrões desse suporte (título, subtítulo, sumário, resumo, ficha catalográfica etc.)?</p> <p>De que tratam as ilustrações, figuras etc. encontradas na obra?</p>	<p style="text-align: center;">GÊNERO</p> <p>Qual a classificação do gênero literário?</p> <p>Qual a classificação do subgênero?</p> <p>Qual o estilo do gênero no período em que foi usado pelo autor?</p> <p>Qual a classificação do assunto do gênero?</p> <p>As categorias da análise literária:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Enredo – qual a história contada e sobre o quê? 2. Cenário: em qual cenário se passa a história? 3. Personagens: quais os personagens importantes e suas características? 4. Contexto, tempo e espaço: há relações com o contexto histórico? Em que tempo se passa a narrativa? Quais os espaços que configuram o contexto? <p style="text-align: center;">AUTO</p> <p>Qual a localização geográfica de nascimento do autor?</p> <p>A que Escola Literária pertence?</p> <p>Quais os traços marcantes da sua literatura (uso da linguagem, metáforas, estilo de escrita, subclassificação do gênero, temas preferidos)?</p> <p>Qual o estilo do autor no contexto em que a obra foi escrita?</p>	<p>O que o autor enuncia nesta obra?</p> <p>A que outras obras ele se refere?</p> <p>O que outros sujeitos construíram a partir dela?</p>
LOCAIS DE BUSCA DOS ASSUNTOS		

<p>Capa, ficha catalográfica, sumário, títulos, títulos de capítulos, ilustrações, resumo, sinopse</p>	<p>Orelhas, contracapa, dados biográficos, prefácio, introdução</p> <p>Dialogue com outros textos por meio de pesquisas sobre o estilo do autor e do gênero (biografias, catálogos de editores, entrevistas, classificação dos gêneros)</p>	<p>Textos produzidos sobre a obra, tais como: resenhas, resumos, monografias, críticas literárias, reportagens, notícias, entrevistas, pesquisas, <i>blogs</i>, <i>vlogs</i> etc.</p>
<p>CONCEITOS IDENTIFICADOS</p>		
<p>Brochura Romance Prosa Português Cangaço Mudanças (psicologia) Sertão Força Assassinato Baseado em fatos reais Cavalheirismo Injustiça Desigualdade social Bacamarte (arma) Seca Tragédia Traição</p>	<p>Romance Romance naturalista Literatura regionalista Romance psicológico</p> <p>Jesuíno Brilhante, menino franzino que ao crescer se torna um vaqueiro hábil, ao presenciar o assassinato de um parente próximo, jura vingança contra Francisco Calangro, mas acaba matando Honorato, irmão de Francisco. Vem à tona rivalidades antigas e forma-se o grupo Os Brilhantes, que cresce e inspira terror entre os ricos e admiração entre os pobres. Jesuíno é traído por Cobra-Verde, um dos Brilhantes, que se dispõe a matá-lo.</p> <p>Paraíba Rio Grande do Norte Sítio Tuiuiú Riacho de Porcos Brejo da Cruz Patu (povoado) Casa de Pedra (esconderijo)</p> <p>Jesuíno Brilhante (personagem principal), assassino e sádico, porém justo. Exalação (cavalo, montaria fiel de Jesuíno). João Alves de Melo Calado (pai de Jesuíno) Francisco Calangro Honorato Calangro</p> <p>1844 (nascimento de Jesuíno) Século XIX (período em que passa a história) Brasil Império</p> <p>Autor nasce na Bahia, mas com um mês de vida vai para o Ceará e passa a vida se autodeclarando autêntico cearense. Naturalismo. Segundo críticos, escrita “seca” e “pedante”.</p>	<p>Origem da tendência ao crime Determinismo genético Animalização do homem Vida sertaneja Banditismo Violência Vingança Sadismo Criminalidade (Psicologia) Vidas Secas</p>

TERMOS ESCOLHIDOS (TESAURO UNESP)
Ficção biográfica (campo padrão) Prosa (literatura) (campo padrão) Língua portuguesa (campo padrão) Cangaço Mudança (Psicologia) Sertões Homicídio Desigualdade social Secas Romance naturalista (campo padrão) Literatura regionalista (campo padrão) Romance psicológico (campo padrão) Romance sertanista (campo padrão) Naturalismo (literatura) Violência Vingança Sadismo Crime Traição
APRECIÇÃO REGIONALISTA
Bacamarte (arma) Paraíba (campo padrão) Rio Grande do Norte (campo padrão) Sítio Tuiuiu (lugar fictício) Casa de Pedra (lugar fictício) Riacho dos Porcos Brejo do Cruz Patu (povoado) Banditismo
OUTROS TERMOS
Jesuíno Brilhante (personagem principal) Exalação (cavalo) João Alves de Melo Calado Francisco Calangro Honorato Calangro Século XIX (campo padrão) Brasil Império Determinismo genético Animalização do homem

Fonte: Baseado em Silva, Pajeú e Felipe (2022).

Podemos verificar que por meio das DIEL conseguimos identificar uma rica quantidade de termos que podem vir a compor a representação temática do documento em um sistema de recuperação da informação. Ressaltamos que a seção “apreciação regionalista” não consta nas DIEL, sendo aqui colocada para especificar os termos que são relevantes para caracterizar a regionalidade da obra, mas que não encontraram tradução no Tesouro utilizado.

Um exemplo é o termo “banditismo”, palavra frequentemente utilizada por historiadores que estudam a região para designar as ações dos cangaceiros. No Tesouro, os termos disponíveis, “bandidos” e “bandoleiros” apagavam a especificidade desse

fenômeno que ocorreu no nordeste brasileiro. O mesmo vale para a presença do bacamarte, arma típica da época e dos grupos de cangaço. Também os termos referentes aos estados do Nordeste, necessitaram ser destacados.

Ressaltamos que todos os termos foram escolhidos por extração, seja da obra em si, seja de resenhas sobre ela, não tendo sido nenhum termo atribuído pela autora deste trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse trabalho, utilizamos um exemplo de aplicação das Diretrizes para Indexação de Obras Estético-Literárias em uma obra literária cearense, com vistas a contribuir para a promoção da qualificação da organização da informação em bibliotecas públicas, que tem como uma de suas missões mais fundamentais a preservação e disseminação das obras científicas e literárias da região em que atua.

Consideramos que a aplicação das DIEL tem o potencial de melhorar significativamente a representação temática de obras literárias e, possivelmente, seu emprego seria qualificado por uma lista de termos autorizados, lista de cabeçalhos de assunto ou vocabulário controlado voltado para as necessidades das obras regionais.

REFERÊNCIAS

ALVES, Roberta Caroline Versu. As influências das garantias de ficção, literária e de uso na indexação da literatura infantojuvenil: proposta de modelo de leitura. **Palavra Chave (La Plata)**, Argentina, v. 9, n. 2, abr./set. 2020. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?pid=S1853-99122020000100088&script=sci_arttext. Acesso em: 8 mar. 2023.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003.

FUJITA, Mariângela Spotti Lopes *et al.* Indexação de obras de ficção em bibliotecas universitárias: avaliação e adequação do Modelo para indexação de ficção (MENTIF). **Palavra Chave (La Plata)**, Argentina, v. 7, n. 1, out. 2017. Disponível em: <https://brap-ci.inf.br/index.php/res/v/66283>. Acesso em: 8 mar. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

IFLA-UNESCO. **Manifesto da Biblioteca Pública IFLA-UNESCO 2022**. Repositório FEBAB, jul. 2022. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/6247>. Acesso em: 8 mar. 2023.

MACHADO, Elisa Campos; ELIAS JÚNIOR, Alberto Calil; ACHILLES, Daniele. A biblioteca pública no espaço público: estratégias de mobilização cultural e atuação sócio-política do bibliotecário. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [s. l.], v. 14, número especial, p. 115-124, out./dez. 2014. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/35853>. Acesso em: 8 mar. 2023.

MILANESI, Luís. Biblioteca pública: do século XIX para o XXI. **Revista USP**, São Paulo, n. 97, p. 59-70, mar./abr./maio. 2013. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/re- USP/article/view/61685>. Acesso em: 8 mar. 2023.

MIRANDA, Antonio Basílio de. A missão da biblioteca pública no Brasil. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, [Brasília], v. 6, n. 1, p. 69-75, jan./jun. 1978. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/78366>. Acesso em: 8 mar. 2023.

MOREIRA, Margareth Egídia. **Análise de assunto da literatura ficcional infantil: categorias para ler o que você tem**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/VALA-6T7RNC>. Acesso em: 8 mar. 2023.

SILVA, Sandra Rafaela Batista da. **Diretrizes para indexação de obras estético-literárias a partir da filosofia da linguagem bakhtiniana**. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Pernambuco, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/45958>. Acesso em: 8 mar. 2023.

SILVA, Sandra Rafaela Batista da; PAJEÚ, Hélio Márcio; FELIPE, André Anderson Cavalcante. Diretrizes para indexação de obras estético-literárias: aplicação em títulos Nacionais. **Informação na Sociedade Contemporânea**, Natal, RN, v. 6, p. 1-19, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/informacao/article/view/27761>. Acesso em: 8 mar. 2023.

SUAIDEN, Emir. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 52-60, maio/ago. 2000. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/19166>. Acesso em: 8 mar. 2023.

TEÓFILO, Rodolfo. **Os Brilhantes**. 5. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2017.

UNESP. **Tesouro Unesp**. 2023. Disponível em: <https://www.biblioteca.unesp.br/tesouro/vocab/sobre.php>. Acesso em: 8 mar. 2023.



Modalidade: Resumo Expandido

GT 3: Cultura e Mediação em Unidades de Informação

Gamificação como fator de reintegração de usuários na biblioteca escolar

Antônia Lucineide Francisco de Lima

Marcus Vinicius de Oliveira Brasil

Resumo: A biblioteca, em sua função educadora e otimizadora do acesso e promoção da informação e conhecimento, precisa ser vista e entendida como um ambiente que vai além de um conceito de aprendizagem organizacional. Nesse sentido, alguns aspectos devem ser levados em consideração para que a biblioteca não se torne um espaço obsoleto e para que continue contribuindo para os processos de passagem da aprendizagem através do acesso a um acervo informacional atrativo. O presente artigo tem como objetivo levar uma reflexão no que concerne ao uso da gamificação como estratégia que possa vir a contribuir para a função motivadora de visitação, conquista do usuário, valoriza o e incentivo   leitura por meio dos serviços ofertados no âmbito da biblioteca escolar. Conclui-se que a gamifica o pode ser implementada por meio de atividades em coopera o com bibliotecários e professores, fazendo com que alunos possam ter uma maior aproxima o da biblioteca e possibilitando maior valoriza o de tal espaço.

Palavras-chave: biblioteca escolar; gamifica o; usuários.

1 INTRODU O

Uma escola sem biblioteca   uma institui o incompleta, no entanto, uma biblioteca não orientada para um trabalho dinâmico torna-se improdutiva, devendo existir um processo ativo que possa aproximar os usuários dos serviços ofertados, correspondendo principalmente às necessidades informacionais e expectativas do educando do século atual, que está imerso em um mundo tecnológico.

Assim, a biblioteca da atualidade precisa se tornar um espaço cada vez mais atrativo, no qual a oferta dos serviços deve despertar curiosidade, anima o e desejo dos alunos em visitá-la. Conforme defendido por Ferraz (2014), na sociedade do século

XXI, a explosão e acesso à informação são matéria-prima por excelência, sendo de total importância que a biblioteca, dentro do espaço escolar, sirva para disponibilizar a informação, validá-la e ensinar os alunos a escolher tal ambiente como um local propício para o acesso a novos conhecimentos.

Ao abordar tal temática, Dias (2007) sabiamente pontua que, dirão os mais cépticos, teremos que “matar” a internet, novas tecnologias e softwares para que os tradicionais templos da sabedoria voltem a ter frequentadores interessados pela leitura. Dir-se-á apenas que a biblioteca escolar tem um novo papel, uma nova ordem, em que a principal preocupação deve ser a disseminação da informação, unindo o mundo real à novas técnicas de interação e de promoção da leitura e de novos conhecimentos, utilizando inclusive de diferentes tecnologias da informação.

Ao abordarem a temática relacionada às tecnologias da informação e seu impacto nos espaços educacionais, Alhammad e Moreno (2018) enfatizam que as tecnologias da informação têm grande potencial de melhorar o envolvimento de usuários, utilizando da motivação por meio do desenvolvimento de softwares, que podem ocasionar resultados promissores. Tais estratégias podem ser utilizadas em dinâmicas capazes de motivar estudantes por meio de mecânicas, como ações de feedback, de desafio ou de cooperação e competição, além de componentes como representações visuais de níveis, pontuação ou avatares, conforme explicitado por Klock *et al.* (2017).

Diante do exposto, pode-se dizer que o uso de gamificação pode ser uma solução para que bibliotecários possam desenvolver um planejamento de maneira eficaz e colaborativa. Integrando diferentes atividades e dinâmicas, os bibliotecários podem contribuir para a corroboração de novas competências informacionais, maior interação entre leitores e biblioteca, além da inovação nos serviços oferecidos, fazendo com os alunos possam entender o ato de ler como algo necessário e prazeroso, diminuindo assim a fragmentação do uso de um espaço tão importante por meio da união entre conhecimento e novas tecnologias.

Frente ao panorama exposto, este resumo tem como objetivo levar uma reflexão no que concerne ao uso da gamificação como estratégia que possa vir a contribuir para a função motivadora de visitação, conquista do usuário, valorização, e incentivo à leitura por meio dos serviços ofertados no âmbito da biblioteca escolar.

A escolha do tema se justifica em três aspectos. Primeiramente, no que se refere a aspectos pessoais, a pesquisadora, no desenvolvimento de sua função como bibliotecária há quase uma década, percebe que o uso da biblioteca, em especial quando os alunos migram do ensino fundamental I para o fundamental II, sofre grande evasão. Tal fato pode estar relacionado à dinâmica utilizada na instituição, ao envolvimento dos alunos com outras tecnologias e, em especial, à falta de ações atrativas que os

levem a frequentar a biblioteca de maneira assídua.

No aspecto social, é importante destacar que a biblioteca, por ser um centro de transmissão e disseminação da informação e do conhecimento, a partir de fontes bibliográficas, eletrônicas e digitais, é intermediária no acesso a novas informações e precisa estar em evidência e em constante uso dentro das intuições de ensino, contribuindo no processo de ensino e aprendizagem, bem como na formação de novos leitores.

Por fim, no aspecto científico, a pesquisa contribuirá com informações para que gestores e bibliotecários, por meio de novas informações e modelos de ações utilizando da gamificação, consigam tornar a biblioteca um espaço mais atrativo e propício para mediar o conhecimento, acesso à leitura, a formação intelectual, política e social do aluno.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente resumo faz parte de uma pesquisa exploratória, na qual o método utilizado consistiu em revisão de literatura, onde reduziu-se a buscar através de trabalhos publicados anteriormente aspectos conceituais que envolvem assuntos relacionados ao uso da gamificação no ambiente da biblioteca escolar, tendo como intuito realizar uma reflexão sobre a temática proposta. Conforme Koch-Grünberg (2011, p. 20), com a gamificação “pretende-se adotar elementos de jogos para uso em outros contextos e atividades que não são jogos puros e completos”.

De acordo com Prodanov e Freitas (2013), as pesquisas que têm como foco a revisão de literatura são elaboradas a partir de material já publicado, constituídos principalmente por livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, monografias, dissertações, teses, material cartográfico e divulgação digital. O objetivo da pesquisa qualitativa é, portanto, possibilitar que o pesquisador tenha contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa.

3 A FUNÇÃO EDUCACIONAL DAS BIBLIOTECAS

Aspectos relacionados à educação, assim como todos os fatores que impactam sobre tal finalidade, têm se tornado tema de constantes estudos e discussões nos últimos anos. Nesta perspectiva, pode-se dizer que, no ambiente escolar, todos os espaços devem ser levados em consideração, sendo a biblioteca um ambiente que pode impactar de maneira positiva no processo de formação do aluno, se fazendo necessária uma compreensão referente aos novos olhares sobre a aprendizagem, novas práticas e conhecimentos que se inovam e expandem. Nesse contexto, colocamos em

evidência como a biblioteca, por fazer parte do fazer escolar, precisa se adequar a tais mudanças, evitando que caia no esquecimento.

Diante do exposto, pode-se dizer que existe uma necessidade de se repensar o papel da biblioteca no que concerne aos serviços ofertados, e como gestores podem contribuir para um maior interesse dos alunos por tal ambiente. Segundo Tolomei (2017), se faz necessário criar uma ponte contínua entre os serviços ofertados pela biblioteca e demais atividades do processo de ensino-aprendizagem, entendendo que não se pode desvincular tal espaço da missão formativa da escola. Nesse contexto, a gamificação se apresenta como uma excelente ferramenta motivadora, capaz de engajar os usuários na construção do conhecimento e aproximá-los da unidade de informação.

A biblioteca escolar contribui com a formação do educando por meio das mais diversas fontes de informação, por exemplo, pela disponibilização de materiais com o propósito de buscar soluções e respostas para os problemas enfrentados diariamente no processo de ensino-aprendizagem e na formação de novos leitores.

No entanto, o que se percebe é que, nos últimos anos, a biblioteca tem perdido um pouco de sua função como espaço de educação, de acesso à informação e extensão da sala de aula, o que exige melhorias e um olhar cuidadoso a fim de dinamizar os serviços ofertados, para assim tornar-se um ambiente atrativo novamente.

A biblioteca está tendo que adaptar seus serviços a uma nova realidade que é composta por uma demanda muito grande de informação, por uma gama de usuários mais exigentes e também por um enorme grupo de usuários potenciais, isto é, aqueles que têm necessidades informacionais, mas não buscam solucioná-las nas bibliotecas por desconhecer que este é um espaço reservado à busca de informações e construção de conhecimento, esse fator muitas das vezes acontece por não existir ações que possam atrair os alunos até a biblioteca (SALES, 2014, p. 3).

Corroborando com essas informações, Silva, Lima e Araújo (2019) acrescentam que, com todas as mudanças no campo educacional, avanço das tecnologias, modificações nas metodologias de ensino e, em especial, das possibilidades de interação e acesso a informações, especialmente com o advento da internet e toda explosão “informacional” do século XXI, o uso das bibliotecas escolares tem perdido um pouco de seu espaço, exigindo um maior reforço e dinamização por parte dos gestores desses ambientes, em detrimento de se tornarem subutilizadas.

4 TRABALHOS RELACIONADOS

É fato que, nos últimos anos, as instituições de ensino, especialmente as escolas, passaram por inúmeras mudanças frente ao advento de toda a globalização, novas

mídias e diferentes meios de acesso à informação. Por esse motivo, as organizações precisam investir em metodologias ativas que contribuam para uma aprendizagem significativa. Ausubel (1968) define aprendizagem significativa como um processo de ações que chegam ao aluno com o intuito de assimilação de diferentes matérias que possam servir como estratégias de aprendizagem.

Diante do exposto, outro fato merece destaque: os inúmeros debates em torno da utilização das bibliotecas escolares e como estas precisam resgatar a sua real função no século atual, apresentando-se frente à sociedade como um espaço que vai além de um “depósito de livros”. Se faz necessário investir em ações que possam reconhecer a biblioteca como um local que media a promoção cultural, o acesso à informação e a democratização social através da leitura (CAMILLO, 2015).

Dentro desta perspectiva, é relevante enfatizar que a biblioteca como um espaço integrador de acesso à informação precisa acompanhar as mudanças sociais, em que os serviços ofertados precisam atender às necessidades e expectativas de um alunado imerso a inúmeras tecnologias. Castro (2013) defende que a biblioteca é um espaço de inserção dos sujeitos ao exercício da cidadania, auxiliando-os no desenvolvimento da criticidade e da criatividade, proporcionando diversas trocas de experiências. Para tanto, se faz necessário que bibliotecários e gestores estejam atentos a maneiras inovadoras de promover o acesso à leitura, inserindo conseqüentemente o educando neste espaço que tem sua importância cultural e social no processo de ensino-aprendizagem de qualquer indivíduo.

Ao abordar contextos voltados para a inovação e ações que sejam capazes de aproximar usuários de determinados espaços dentro da escola, a exemplo da biblioteca, é importante destacar que existem algumas ferramentas capazes de viabilizar este processo. A gamificação é uma das técnicas que tem ganhado bastante visibilidade no campo dos serviços ofertados em unidades de informação, com o intuito de “estreitar o relacionamento” entre usuários e serviços ofertados pela biblioteca, assim como estimular a leitura.

Segundo McGonigal (2011), as principais características da gamificação são: a busca pela definição de metas a serem alcançadas de maneira satisfatória e prazerosa; regras, uma vez que cada indivíduo precisa passar por etapas para conquistar um prêmio; sistema de feedback, pois a partir do momento em que se sentem motivados, os usuários voltam a utilizar os serviços ofertados; e participação voluntária, motivados pelo prazer de realizar determinadas tarefas.

Corroborando com essas informações, Alves e Teixeira (2014) acrescentam que a gamificação é a construção de modelos, sistemas ou modo de produção com foco nas pessoas, tendo como premissa a lógica dos games, que são usados com o intuito

de engajar pessoas por meio da motivação e de ações que promovam a aprendizagem, ao mesmo tempo que resolvem determinados problemas.

No caso da gamificação utilizada em bibliotecas, esta é capaz de formar novos leitores e aproximar os mesmos da biblioteca, resolvendo o problema de esquecimento deste espaço por parte dos alunos. Sendo assim, pode-se dizer que a gamificação se apresenta como uma maneira eficiente e eficaz, que utiliza de ações que promovem a interação entre o aluno e a biblioteca em atividades lúdicas, jogos e games, motivando o aluno a frequentar a unidade informacional como espaço de lazer e descontração, servindo de elo na construção de novos leitores e fazendo com o que hábito de ler passe a ser visto como uma prática agradável, um instrumento de prazer, de enriquecimento sociocultural e aprendizagem.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de ensino-aprendizagem passa por mudanças com o passar dos anos, e alguns fatores são fundamentais para a construção de uma perspectiva positiva da “arte” de ensinar e aprender no campo da educação. Nesse sentido, é indispensável o estabelecimento de algumas proposições na vida dos educandos, entendendo que fatores como o conhecimento prévio, atividades e ambientes que possam ofertar o acesso a informações extraclasse contribuem para a aprendizagem e saberes de cada indivíduo. No entanto, para que possa acontecer uma aprendizagem significativa, é necessário levar em consideração a qualidade da formação do professor, da metodologia de educação aplicada, da estrutura física da instituição e, particularmente da existência de uma biblioteca ativa, dinâmica e colaborativa com o sistema de ensino da instituição.

Com as evoluções tecnológicas, manter uma biblioteca escolar ativa e atrativa tem sido um dos grandes desafios para gestores e bibliotecários, os quais enfrentam dificuldades para fazer com que os usuários vejam tal ambiente como um espaço interessante. Entretanto, pode-se dizer que bibliotecários e gestores que desejam transformar as bibliotecas em espaços dinâmicos podem contar com diversas possibilidades provenientes da tecnologia da informação. Ao investir em recursos de inovação, é possível utilizar inúmeras ferramentas como estratégias para disponibilizar ambientes mais interativos e atrativos aos alunos, como pelo uso de sistemas de gamificação, que podem ser implementados em atividades que envolvam bibliotecários e professores, fazendo com que os alunos possam ter uma maior aproximação da biblioteca, consequentemente estimulando maior valorização de tal espaço.

REFERÊNCIAS

ALHAMMAD, M. M; MORENO, A. M. What is going on in agile gamification? **Companion**, Porto, v. 1, n. 52, p. 21-25, May. 2018. Disponível em: <https://dl.acm.org/doi/abs/10.1145/3234152.3234161>. Acesso em: 20 jan. 2023.

ALVES, M. M.; TEIXEIRA, O. Gamificação e objetos de aprendizagem: contribuições da gamificação para o design de objetos de aprendizagem. *In*: FADEL, L. M. *et al.* (org.). **Gamificação na Educação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2014. p. 122-142.

AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. **Educational Psychology**: a cognitive view. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1968.

CAMILLO, E. S. O imaginário em (dis)curso: movências de sentidos sobre Biblioteca Pública. **Biblioteca Escolar em Revista**, Ribeirão Preto, v. 4, n. 1, p. 55-74, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/106617>. Acesso em: 20 jan. 2023.

CASTRO, P. A. **Ação cultural e social na Biblioteca Olavo Bilac**. 2013. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências da Informação e da Documentação) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013.

DIAS, M. F. S. **Bibliotecas escolares**: história e actualidade. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação, Especialização em Educação, Desenvolvimento Local e Mudança Social) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Lisboa, 2007.

FERRAZ, M. N. O papel social das bibliotecas públicas no século XXI e o caso da superintendência de bibliotecas públicas de Minas Gerais. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [s. l.], v. 19, número especial, p. 18-30, out./dez. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/h3kdkrxzgdBqk8cm9ZKtqhd/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 20 jan. 2023.

KLOCK, A. C. T. *et al.* Evaluation of usability and user experience regarding the gamification of educational systems. *In*: TWELFTH LATIN AMERICAN CONFERENCE ON LEARNING TECHNOLOGIES (LACLO), 2017, La Plata, Argentina. **Anais** [...]. [S. l.: s. n.], 2017. p. 1-8. Disponível em: <https://ieeexplore.ieee.org/abstract/document/8120907>. Acesso em: 20 jan. 2023.

KOCH-GRÜNBERG, T. T. **Gameful Connectivism**: social bookmarking no SAPO Campus. 2011. 130 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Multimédia) – Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro, Portugal, 2011.

MCGONIGAL, J. **Reality is broken**: why games make us better and how they can change the world. Nova York: Penguin Press, 2011.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SALES, F. O ambiente escolar e a atuação bibliotecária: o olhar da Educação e o olhar da biblioteconomia. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, [s. l.], v. 9, n. 18, p. 40-57, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2004v9n18p40>. Acesso em: 20 jan. 2023.

SILVA, A. K. A.; LIMA, A. L. F.; ARAÚJO, J. F. Atuação do bibliotecário como gestor na biblioteca escolar. *In*: ENCONTRO NACIONAL DOS ESTUDANTES DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 42., 2019, Belém, PA. **Anais [...]**. Belém: UFPA, 2019. p. 343-356. Disponível em: https://livroaberto.ufpa.br/jspui/bitstream/prefix/699/8/Livro_AnaisEncontroNacional.pdf. Acesso em: 20 jan. 2023.

TOLOMEI, B. V. A gamificação como estratégia de engajamento e motivação na educação. **EaD em Foco**, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 145-156, 2017. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/440>. Acesso em: 20 jan. 2023.



Modalidade: Trabalho Completo

GT3: Cultura e mediação em ambientes de informação

Mediação e patrimônio cultural: apontamentos iniciais

Thaís Pereira da Silva¹

Resumo: O presente trabalho pretende apresentar o desenvolvimento preliminar de uma pesquisa no âmbito da mediação cultural e da informação a respeito da manifestação religiosa e cultural de Santo Antônio na cidade de Barbalha – CE. O objetivo é de examinar práticas de mediação cultural e de mediação da informação que se ocupam da manifestação de Santo Antônio de Barbalha, no Cariri cearense, a fim de compreendermos especificidades dessas práticas e as articulações que se estabelecem, ou não, entre elas, focalizando suas formas e conteúdos, seus fins e grupos concernidos. O método que será empregado é a análise comparativa, seguido de uma análise de conteúdo, a partir da coleta de materiais como: entrevistas, observação das práticas de mediação, e de materiais impressos e virtuais em ambientes de educação, cultura e informação. Os resultados parciais dessa pesquisa poderão ser observados a medida em que forem realizadas a coleta e análise dos materiais mencionados.

Palavras-chave: Mediação da informação; mediação cultural; patrimônio cultural; festa de Santo Antônio.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende apresentar o desenvolvimento preliminar de uma pesquisa no âmbito da mediação cultural e da informação a respeito de um patrimônio cultural, mais precisamente a Festa de Santo Antônio de Barbalha – CE, a partir do recenseamento das principais características dessa manifestação, assim como das práticas mais recentes de mediação que dela tem se ocupado, sendo exercidas por diferentes instituições e de distintas formas, junto à população local.

De caráter sincrético, essa festa se inicia com o hasteamento da bandeira na porta da Igreja e dura cerca de treze dias, contando com missas regulares, ciclos de

¹ Mestra em Museologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: thaispereirads@hotmail.com.

oração em algumas casas do município e apresentações de grupos culturais tradicionais nos períodos da manhã e da tarde, shows com grandes bandas à noite, quitandas que comercializam comidas e bebidas típicas da região. Santo Antônio tem grande apelo entre o povo caririense pelo imaginário antigo, não apenas regional, de heranças europeias, – não sem alguma dose de patriarcalismo e machismo – de que ele seria um santo casamenteiro, a quem tradicionalmente recorreriam as mulheres. Assim, quando o mastro é conduzido até a igreja, muitas mulheres acorrem para tocá-lo ou mesmo retirar lascas de madeira para a produção de chás e realização de promessas. O festejo ganha uma maior visibilidade quando passou a integrar na lista de bens culturais registrados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2015 e hoje é um patrimônio cultural imaterial brasileiro.

As festas estão dentro da categoria do patrimônio cultural imaterial. Elas são espaços onde geralmente a sociedade se utiliza do divertimento, a fim de liberar tensões acumuladas no cotidiano, na rotina e no trabalho. Podem ser assim consideradas como momentos de “fuga da realidade”, uma forma de lazer, de diversão e/ou maneiras de celebrar o sagrado, de socializar, sendo assim um fenômeno social. Dado as diversidades de elementos, tais como a religião, a cultura, símbolos, identidades individuais e coletivas, todos estes aspectos associados compõem esse fenômeno social de lazer e entretenimento.

Os patrimônios culturais imateriais, por não serem bens de natureza material e estática, são passíveis de transformações, podendo adquirir, ao longo do tempo, outros elementos devido a sua dinamização. Este tipo de bem coletivo confere às pessoas o sentimento de identidade e de pertencimento para com sua história e a sua cultura, e, por meio da sua natureza intangível, é importante que a dinamicidade e constante recriação aconteçam para que os mesmos acompanhem as demandas atuais dos seus grupos, e da sociedade como um todo.

Os resultados obtidos em nossas pesquisas anteriores sobre este patrimônio cultural nos indicaram a abundância e a pertinência da mediação cultural e da informação no funcionamento da manifestação de Santo Antônio de Barbalha, e observamos ali um campo fértil para o desenvolvimento de nossas pesquisas posteriores. Não obstante as práticas de mediação a respeito das manifestações populares caririenses terem se tornado mais constantes e intensas no decorrer das últimas décadas, elas próprias ainda não foram estudadas suficientemente pelo prisma da mediação cultural e da informação no âmbito da Ciência da Informação.

Estudar o funcionamento de práticas culturais específicas ainda pouco abordadas contribui para delimitar os espaços que, em razão de sua grande dispersão, continuam inexplorados. Por outro lado, o exame de suas especificidades e das articulações

que se estabelecem entre essas práticas e no interior de cada uma delas nos permite exercer a ação contínua de compreender as relações entre diferentes sujeitos sociais, processos e produtos culturais e os efeitos e respostas que se processam nos espaços e nas políticas públicas, em especial, quando essas especificidades e articulações envolvem procedimentos ainda pouco usuais. Em suma, é isso o que pretendemos fazer: analisar práticas tradicionais e recentes de mediação cultural e da informação, avaliar seus efeitos em expressões culturais específicas de nossa sociedade, e sua incidência em reconfigurações dos usos e das apropriações do espaço público.

Assim, o problema central de nossa pesquisa consiste em responder a esta questão: a ampliação e diversificação de formas de mediação cultural e de mediação da informação a partir dos dispositivos e ambientes de informação e educação produzem que tipos de mudanças simbólicas da festa, nas formas de apropriação dos sujeitos e nas reconfigurações do espaço público, quanto a essa expressão cultural do Cariri, ainda que aspectos importantes dessas práticas sejam conservados?

O objetivo da pesquisa é a de examinar práticas de mediação cultural e de mediação da informação que se ocupam da manifestação de Santo Antônio de Barbalha, no Cariri cearense, a fim de compreendermos especificidades dessas práticas e as articulações que se estabelecem, ou não, entre elas, focalizando suas formas e conteúdos, seus fins e grupos concernidos.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O material de análise compreende diversas práticas de mediação cultural e da informação que tratam da manifestação de Santo Antônio em Barbalha. Essas práticas são empreendidas pelas seguintes instituições e se manifestam por meio dos seguintes profissionais e dispositivos:

- Secretarias de educação e de cultura da cidade de Barbalha. Examinaremos aulas de cultura regional e eventos de divulgação cultural; livros didáticos; projetos políticos pedagógicos e planos de ação institucional; postagens em sites e redes sociais; e entrevistas com profissionais dessas instituições, ou seja, professores, bibliotecários; atividades, produtos e serviços oferecidos pelas bibliotecas públicas e bibliotecas escolares.
- Escola de Saberes de Barbalha - ESBA. Examinaremos eventos de divulgação cultural; cartilhas e outros documentos de difusão da manifestação de Santo Antônio; planos institucionais de promoção cultural; postagens em sites e redes sociais; e entrevistas com profissionais da instituição.

Para desenvolver a pesquisa, será adotado este percurso: em um primeiro momento, realizaremos pesquisas bibliográficas, a fim de consolidar nossa formação no

âmbito da Ciência da Informação privilegiando os pressupostos teóricos e procedimentos analíticos da mediação cultural e da informação. Também pretendemos revisar pesquisas que abordam a manifestação popular que selecionamos e o contexto cultural em que ela está inserida, considerando aspectos importantes que a permeiam, como o patrimônio cultural, a memória e identidade. Esse estudo preliminar nos proporcionará as condições necessárias para melhor examinar as diferentes práticas de mediação praticadas por essas três instituições que mencionamos.

Em seguida, realizaremos pesquisas de campo, a fim de coletar os dados de nosso projeto. Essa etapa documental envolve as seguintes atividades: observar as práticas de mediação da informação; assistir práticas de mediação cultural; reunir documentos; realizar entrevistas com profissionais de educação, da informação e da cultura. Finalmente, passaremos efetivamente à descrição e análise das práticas de mediação cultural e de mediação da informação que promovem e constituem a referida manifestação popular cariense, a fim de entender suas especificidades e as articulações que se estabelecem entre essas práticas, com foco em suas formas e conteúdos em seus fins e grupos concernidos.

Aqui, faremos o uso da análise comparativa baseada em Schneider e Schmitt (1998) que segundo esses autores o método nos permite descobrir regularidades, semelhanças e diferenças no fenômeno analisado. E em seguida a análise de conteúdo baseada em Bardin (2008). Em termos de aplicação, a análise de conteúdo será dividida em três fases, contando com a pré-análise, a exploração do material e, por fim, o tratamento dos resultados e interpretação (BARDIN, 2008).

Nessa etapa das análises dos dados, buscaremos, em primeiro lugar, compreender melhor as diferentes formas em que essas práticas se materializam. Em seguida, observaremos suas ações e seus funcionamentos, o que elas dizem e seus modos de dizer. Posteriormente, examinaremos seus desígnios e os grupos de sujeitos que elas envolvem.

3 A FESTA DE SANTO ANTÔNIO DE BARBALHA

Segundo o autor Souza (2000), a cronologia das três importantes fases que definem as mudanças e os elementos incorporados ao longo do tempo, são: a) Início; b) Mudanças, incorporações e consolidação; e c) Fase atual.

Segundo o autor, não existe registro oficial que informe com precisão sobre o primeiro cortejo do Pau da Bandeira, mas através da memória oral local existem duas versões de inauguração: na primeira, a festa teria sido realizada no último quartel do século XIX, e, na segunda, em 1928, no primeiro ano do Padre José Correia Lima na paróquia de Santo Antônio (SOUZA, 2000).

A primeira fase é de constituição da festa, embora o carregamento do mastro só tenha sido incluído oficialmente nos registros da paróquia em 1972, pois havia resistência da igreja católica em incluir o carregamento do mastro como parte dos festejos de Santo Antônio, visto que o ritual de carregá-lo, e hastear nele a bandeira do santo foi de iniciativa da população, ou seja, era uma prática do catolicismo popular² e diferia do processo de romanização³ que a igreja passava na época. Entre os períodos de 1928 a 1971, a igreja de Barbalha não reconhecia oficialmente em seus registros o cortejo do Pau da Bandeira (SOUZA, 2000).

A segunda fase compreende as mudanças, incorporações e consolidação. Ela é percebida após 1940, quando a festa ganha um aspecto turístico. Segundo o dossiê de registro do IPHAN (2015), ela ganhou notoriedade após a crise na produção de cana de açúcar na cidade, até então a sua principal fonte econômica.

Na segunda metade do século XX, o principal ramo da economia de Barbalha – produção e comércio de açúcar e rapadura – entrou em crise. Uma série de medidas, portanto, foram concebidas e encaminhadas a fim de permitir que outras atividades pudessem ocupar a centralidade e relevância econômica dos engenhos barbalhenses de outros tempos. A Festa de Santo Antônio, em Barbalha, tornou-se uma possibilidade plausível, implicando o início da exploração referente ao potencial turístico dos festejos dedicados a Santo Antônio de Pádua. A partir desse novo sentido atribuído à festa, houve uma série de mudanças em sua configuração (IPHAN, 2015, p. 59).

O potencial turístico mencionado é proveniente de alguns elementos incorporados como o crescente consumo de cachaça pela população e pelos próprios carregadores nos dias que compreendem o corte do tronco, e no dia do carregamento. Isso é reforçado por meio de uma “brincadeira” que acontece através de uma distribuição gratuita de cachaça que vai à frente do cortejo do mastro, por uma carroça denominada “cachaça do Sr. Vigário” carregando tambores da bebida, ofertando para todos que quiserem consumir.

Outra inserção que foi incorporada por volta dos anos 1973, segundo a literatura, e que se perdura até hoje no festejo, foi o desfile de folguedos. Esse momento é descrito pelo historiador Souza de *folclorização*. Ele ocorre no período da manhã, logo

² Segundo o Tesouro da Cultura Popular (CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR, 2004) este termo se refere ao sistema de crença cujo núcleo estruturante é a relação estabelecida entre o crente e o santo padroeiro, reconhecidos ou não pela Igreja, mediante promessas, devoções, romarias e procissões. Abrange um conjunto de interpretações e práticas que extrapolam do catolicismo oficial.

³ O autor Maués (1995) explica que esse foi o período de reforma da Igreja Católica, que objetivava combater as práticas de catolicismo popular no Brasil fazendo com que as instituições eclesiais brasileiras entrassem em sintonia com as diretrizes da Santa Sé.

após a missa de abertura realizada na igreja matriz.

A terceira fase apontada por Souza como atual remete aos anos 1998, fase em que o seu trabalho foi escrito. Neste período o festejo já conta com uma programação social regular, como as quermesses, leilões, desfile de folguedos e programação musical no parque de eventos da cidade.

4 MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO

A mediação da informação é plural e é discutida em diferentes áreas do conhecimento, como no judiciário, na comunicação e na educação, no que tange os seus conceitos e fundamentos epistemológicos e pragmáticos (SILVA, 2015). Na Ciência da Informação vem sendo amplamente discutida e estudada nos GTs dos principais eventos científicos do país e de alguns programas de pós-graduação de instituições de ensino superior. Dentre os principais autores brasileiros que propõem o conceito de mediação da informação dentro da CI destacamos Almeida Júnior e Gomes. O autor Almeida Júnior elaborou suas primeiras considerações sobre mediação da informação no IX ENANCIB, em 2008. Posteriormente, no ano de 2009, ele publicou o trabalho intitulado “Mediação da informação e múltiplas linguagens”. Finalmente, em 2015, o autor atualiza o seu conceito em uma nova publicação apresentada em um capítulo de livro, no qual ele desenvolve:

Mediação da informação é **toda ação de interferência** – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; **visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional**, gerando conflitos e novas necessidades informacionais (ALMEIDA JÚNIOR, 2015, p. 25, grifo nosso).

Através deste conceito, percebemos a mediação da informação como sendo toda interferência realizada através de equipamentos de informação, cujo objetivo é fornecer a informação para que esta seja apropriada e satisfaça uma necessidade informacional. O autor também desenvolveu duas tipologias para o processo de mediação da informação, a saber: **implícita** e **explícita**.

A primeira, a **mediação implícita**, ocorre nos espaços dos equipamentos informacionais em que as ações são desenvolvidas sem a presença física e imediata dos usuários. Nesses espaços, como já observado, estão a seleção, o armazenamento e o processamento da informação. A **mediação explícita**, por seu lado, ocorre nos espaços em que a presença do usuário é inevitável, é condição *sine qua non* para sua existência, mesmo que tal presença não seja física, como,

por exemplo, nos acessos à distância em que não é solicitada a interferência do profissional da informação (ALMEIDA JÚNIOR, 2009, p. 92-93, grifo nosso).

É possível observar que na mediação implícita são desenvolvidas atividades como planejamento, organização e representação da informação, enquanto na mediação explícita as atividades estão relacionadas pelo próprio usuário da informação, como o acesso, o uso e, por fim, a apropriação da informação, inclusive podendo ser realizado a distância.

Outro autor que destacamos no cenário da mediação da informação e que vem propondo reflexões a respeito do tema é Silva. Em um texto publicado em 2015, o autor afirma que não existe neutralidade na mediação da informação, na medida em que se mostra alternativas e posicionamento no processo de mediação. E ainda acrescenta que a mediação pode ser afirmada em três pontos: construção, intervenção e interferência (SILVA, 2015). Diante disso, o autor contribui com o conceito a respeito da mediação como:

[...] um conjunto de práticas construtivas de intervenções e interferências regidas por intencionalidades, normas/regras, correntes teórico-ideológicas e crenças concebidas pelo profissional da informação em interação com os usuários no âmbito de suas realidades cotidianas e experienciais, indicando procedimentos singulares, coletivos e/ou plurais de acesso e uso da informação, estimulando à apreensão e apropriação para satisfação de necessidades de informação (SILVA, 2015, p. 103).

Os termos intervenção e interferência se designam de forma complementar. A intervenção seria a mediação propriamente dita, e a interferência “[...] seria a transformação social e cognitiva concebida a partir da intervenção” (Ibid, p. 103), ou seja, a mudança de estado obtido por meio das fontes e serviços de informação fornecidas por meio da mediação.

Salientamos também o conceito da autora Gomes (2014) que aborda sobre a mediação da informação como um desenvolvimento do protagonismo social, e articula que a mediação ganha contornos nas dimensões dialógicas, estética, formativa e ética. A ação mediadora é pautada na dialogia e que esta é a base da mediação, ela se caracteriza como colaborativa, pois tanto o profissional da informação quanto todos aqueles que estão envolvidos no processo são interlocutores (GOMES, 2014). No que diz respeito ao seu conceito sobre mediação da informação, a autora ainda acrescenta:

[...] uma ação ligada ao movimento multidirecional, a um agir na vida, representando uma ação geradora de experiências a partir do encontro com a informação e com o outro (ou outros) que a produziram,

promovem e disponibilizam, e ainda do encontro com os próprios dispositivos (instrumentos, processos, produtos, serviços, espaços e ambientes) que possibilitam a busca, o acesso e o uso da informação (GOMES, 2014, p. 51).

Nesse sentido, a ideia de mediação da informação tem o intuito de dinamizar a informação a partir de uma estruturação de dispositivos que buscam a qualificação dos processos de informação, como, por exemplo, a busca, acesso e a apropriação da informação. Se tratando de uma manifestação popular, a mediação da informação exercida na perspectiva da autora, contribui como um importante subsídio dinamização da memória dessa manifestação, independente do formato: tradicional ou virtual, uma vez que esse intercâmbio de informações, num espaço formal, proponha uma reflexão crítica dos grupos concernidos sobre os aspectos políticos, religiosos e culturais da manifestação.

4.1 Mediação Cultural

O autor Davallon (2007) identificou pelo menos três tipos de uso do termo 'mediação': um uso comum, outro operacional e um último de caráter definitivo. O primeiro desses usos é aquele que, por um lado, visa promover um acordo entre partes, conciliá-las, sendo este pouco presente no campo dos estudos da Ciência da Informação ou da Comunicação; por outro, de uso mais frequente, emprega-se o termo 'mediação' para se referir à função de 'intermediário de uma ação de comunicação', de modo a melhor promovê-la. É o caso de um jornalista que redija de modo mais claro à sua audiência o que disse um entrevistado.

Outros setores de investigação concebem a mediação como um conceito operativo face a seus objetos e objetivos específicos, configurando o segundo tipo de emprego abordado por Davallon (2007).

Esses setores são o da mediação pedagógica, o da mediação cultural, o da mediação institucional, ou da mediação social, entre outros, que se caracterizam pela especificidade de formação de seus agentes sociais, tais como educadores e profissionais do campo cultural; pela produção de objetos e de dispositivos com a finalidade de mediar o acesso a certos objetos e bens culturais, como materiais didáticos e projetos e programas institucionais; o estabelecimento de formulação de políticas que estabelecem modos de mediação; a discussão de novas ferramentas tecnológicas e da concepção e uso de ambientes virtuais, como as redes sociais, como espaços de estabelecimento da mediação. Os setores mencionados e as questões que eles abordam, apesar de suas especificidades, têm em comum a existência de um terceiro elemento, daquele que atua como mediador da informação, e que parece conservar, segundo

Davallon (2007, p. 11), quatro características principais:

(i) Esta acção produz sempre, em maior ou menor grau, um “efeito” sobre o destinatário da comunicação: ele vai aceder, aprender, passar, etc. Esta acção é, além disso, modalizada: o destinatário é um beneficiário respeitado, valorizado como sujeito, e não instrumentalizado. (ii) O objecto, o actor ou a situação de partida sofrem uma modificação devido à integração num outro contexto. Por exemplo, o objecto técnico posto em contexto de uso funciona de forma diferente da mediação, mesmo se não é transformado enquanto tal. O fenómeno é semelhante para a obra de arte, o saber ou o actor sob a acção de uma mediação. (iii) O operador da acção (o terceiro elemento enquanto mediador) é, certamente, quer acção humana, quer operador objectivado sob forma de dispositivo, quer por vezes ambos; mas, seja como for, há quase sempre polémica sobre a sua forma e a sua natureza. (iv) A acção do elemento terceiro tem sempre um impacto sobre o ambiente (mais frequentemente o ambiente social) no qual ela se situa.

No caso específico da mediação cultural, há sempre a presença desse terceiro, seja ele um mediador, seja ele um processo ou meio que atua na mediação. Assim, ela se estabelece pela atuação de profissionais e por meio de dispositivos com vistas a transmitir uma informação ou restituir e garantir a interação entre sujeitos. Davallon (2007) observa três constantes nos estudos que se valem desse conceito de ‘mediação cultural’: a presença da intersubjetividade, da linguagem e do político; o princípio de que a comunicação social é produto da mediação, e não o contrário; a concepção de que essa mediação intervém no processo de comunicação a partir de um ponto de fuga, sem que os seus participantes possam ter controle sobre esse ponto.

Para o autor, os teóricos que buscaram definir a mediação, ao se confrontarem com o seu caráter diverso e dinâmico, geralmente recorrem à filosofia como uma ferramenta para tentar controlar a sua indefinição. No entanto, se a filosofia pensa a noção geral da mediação, campos como o da Ciência da Informação devem lidar com suas formas e seus funcionamentos específicos, próprios dos diversos objetos de estudo e sujeitos implicados.

É com vistas a apreender a especificidade das formas de mediação contemporâneas, institucionalizadas de uma manifestação cultural de origem popular, e que constituem aqui nosso objeto de pesquisa, que nos interessamos pela reflexão deste autor, em especial, considerando a centralidade que parece haver na formulação desses programas de promoção didática das festas em âmbito escolar, de divulgação dos festejos por meios digitais e de incorporação de novas formas de apelo ao gosto popular dessas manifestações culturais, de modo a consolidar e perenizar junto às novas gerações essas festas que derivam de uma longa tradição, nem sempre reconhecida,

em nossa história e sociedade, como formas de expressão cultural legítimas.

Perrotti e Pieruccini (2014) nos mostram que a mediação cultural tem adquirido um interesse crescente na sociedade: na academia, que procura estudá-la e compreendê-la melhor, mas também em diferentes instituições, que dela se apropriam e a mobilizam na mediação de fenômenos culturais. Ela tem, portanto, uma grande relevância em nossa sociedade e nos espaços públicos. Para os autores, a mediação não somente viabiliza a compreensão dos sentidos produzidos em outro lugar, mas ela também produz sentidos, concorre para produzir as ações e os sentidos das ações comunicativas e das práticas culturais. Ela própria tem uma dimensão ontológica, simbólica e discursiva a respeito do mundo. Além disso, tem uma dimensão deontológica, pois atua na construção e no direcionamento de certos sentidos sobre fenômenos culturais para os sujeitos sociais. A sua institucionalização nos espaços públicos e as práticas que suscita são importantes para a construção de significados partilhados, e para a conservação dos elementos culturais de uma sociedade. Além de refletir sobre a noção de mediação e seu papel, os autores trataram de suas diferentes configurações e das questões que o surgimento de novas tecnologias suscita. Uma dessas questões é a da presença dos intermediários nas novas ferramentas, como as redes sociais, que são frequentemente consideradas como autônomas, mas sem realmente sê-lo.

É natural que um campo tão pertinente e produtivo em nossa sociedade seja muito estudado e abranja noções diversas. Uma concepção considerada relativamente tradicional de mediação é a que nos oferece Coelho (2001):

A mediação cultural são processos de diferente natureza cuja meta é promover a aproximação entre indivíduos ou coletividades e obras de cultura e arte. Essa aproximação é feita com o objetivo de facilitar a compreensão da obra, seu conhecimento sensível e intelectual - com o que se desenvolvem apreciadores ou espectadores, na busca da formação de públicos para a cultura - ou de iniciar esses indivíduos e coletividades na prática efetiva de uma determinada atividade cultural.

Se observarmos as práticas de mediação cultural e de mediação da informação de manifestação de Santo Antônio, é possível identificar de imediato que elas realmente compreendem mais de um processo e que eles são de natureza diversa. Essas práticas são fomentadas por diversas instituições, como secretarias de educação e cultura, centros culturais e a própria universidade; envolvem profissionais, como professores e agentes culturais com diferentes formações; se vale de recursos tradicionais e ferramentas digitais, como materiais didáticos, acadêmicos e institucionais, portfólios e panfletos, sites e redes sociais.

Além disso, elas não se limitam a mediar somente obras de cultura tradicio-

nal, uma vez que abrangem outros tipos de fenômenos culturais humanos, como o que tratamos aqui em nosso projeto. Finalmente, elas não apenas criam canais entre expressões culturais e sujeitos, mas produzem sentidos próprios e os orientam no interior de nossa sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

O trabalho pretendeu apresentar o desenvolvimento preliminar da pesquisa no âmbito da mediação cultural e da informação sobre a manifestação religiosa e cultural do Cariri cearense, a Festa de Santo Antônio de Barbalha – CE.

Com o objetivo de examinar práticas de mediação cultural e de mediação da informação que se ocupam da manifestação de Santo Antônio de Barbalha, no Cariri cearense para compreendermos especificidades dessas práticas e as articulações que se estabelecem, ou não, entre elas, focalizando suas formas e conteúdos, seus fins e grupos concernidos.

A partir da análise comparativa e de conteúdo os resultados parciais dessa pesquisa poderão ser mais bem observados a medida em que forem realizadas as coletas e análises dos materiais, tais como, entrevistas, observação da prática de mediação, e de materiais impressos e virtuais em ambientes de educação, cultura e informação.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação e múltiplas linguagens. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 89-103, jan./dez. 2009. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/119300>. Acesso em: 1 fev. 2023.

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A.; SILVA, R. J. (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2008.

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E CULTURA POPULAR. **Tesouro de Folclore e Cultura Popular Brasileira**. Rio de Janeiro: IPHAN/MinC. 2004. 1 CD. Disponível em: <http://www.cnfcp.gov.br/tesouro/>. Acesso em: 1 fev. 2023.

COELHO NETO, J. T. **Dicionário crítico de política cultural**. São Paulo: Iluminuras, 2001.

DAVALLON, J. A mediação: comunicação em processo? **Prisma.com**, Portugal, n. 4, p. 03-36, 2007. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/61109>. Acesso em: 1

fev. 2023.

GOMES, H. F. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 46-59, maio/ago. 2014. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19994>. Acesso em: 1 fev. 2023.

IPHAN. **Dossiê de Registro**: festa do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha. Fortaleza: Ministério da Cultura, 2015. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_festa_pau_da_bandeira_santo_ant%C3%B4nio_barbalha.pdf. Acesso em: 1 fev. 2023.

MAUÉS, R. H. **Padres, pajés, santos e festas**: catolicismo popular e controle eclesialístico – um estudo antropológico no interior da Amazônia. Belém: Cejup, 1995.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. A mediação cultural como categoria autônoma. **Informação & Informação**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 1-22, maio/ago. 2014. DOI: <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2014v19n2p01>. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19992>. Acesso em: 1 fev. 2023.

SCHNEIDER S.; SCHMITT, C. J. O uso do método comparativo na Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998. Disponível em: <https://elizabethruano.com/wp-content/uploads/2018/08/schneider-schmitt-1998-o-uso-do-metodo-comparativo-nas-ciencias-sociais.pdf>. Acesso em: 1 fev. 2023.

SILVA, J. L. C. Percepções conceituais sobre mediação da informação. **InCID**: revista de documentação e ciência da informação, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, p. 93-108, mar./ago. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/incid/article/view/89731>. Acesso em: 1 fev. 2023.

SOUZA, O. T. **A festa do pau da bandeira de Santo Antônio de Barbalha (CE)**: entre o controle e a autonomia (1928-1998). 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2000.



Modalidade: Resumo Expandido

GT 3: Cultura e Mediação em Unidades de Informação

Jogo educativo “Vamos Aprender?”: para bibliotecas e instituições de ensino

Maria Débora Maciel

Ariluci Goes Elliott

Resumo: O uso de jogos orientados ao ensino e a aprendizagem possui uma potencialidade no estímulo/reforço de importantes habilidades como: solução de problemas, trabalho em equipe e comunicação. Através desta capacidade que os jogos dispõem em influenciar positivamente no processo de aprendizagem, foi estudado e desenvolvido o jogo de tabuleiro “Vamos Aprender?”, para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem dos usuários e/ou discentes de bibliotecas e instituições de ensino. Desta forma, este trabalho objetiva relatar a experiência obtida no decorrer do desenvolvimento de um jogo educativo elaborado no ano de 2021, por meio do Programa Memória, Preservação e Experiências Culturais nas Bibliotecas Comunitárias, vinculado à Pró-Reitoria de Cultura da Universidade Federal do Cariri (UFCA), que busca incentivar a disseminação da informação e da cultura juntamente com a comunidade em que está inserido. O jogo foi construído e desenvolvido com base em pesquisas bibliográficas acerca da eficácia e implementação da utilização de jogos para estimular a linguagem, a escrita, o raciocínio lógico e a interpretação de texto, visando que sua produção física seja de baixo custo com todos os componentes disponíveis para baixar, imprimir e jogar.

Palavras-chave: jogos educacionais; atividades lúdicas; jogos de tabuleiro.

1 INTRODUÇÃO

É notório que a educação é o método mais completo e seguro para estruturar uma vida em sociedade, tendo como um de seus meios a leitura, que expande “o universo de informação e conhecimento, possibilita o contato com o novo, e favorece o crescimento e o desenvolvimento intelectual do aluno” (MACEDO, 2010, p. 13) principalmente da primeira fase escolar até o ensino médio.

Sob esse viés, destaca-se o uso de jogos educativos em ambientes informacionais, pois “as atividades lúdicas podem contribuir significativamente para o processo

de construção do conhecimento da criança” (SANTOS, 2014, p. 32).

Este trabalho se justifica por contribuir no desenvolvimento de jogos educativos de baixo custo e de fácil distribuição, que favoreçam no processo de consolidação das práticas de linguagem “que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos” (BRASIL, 2018, p. 71) de diferentes fontes de informação.

No que concerne à efetividade da utilização destes jogos no processo de ensino-aprendizagem, convém destacar as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (DCES, 2008):

As atividades em forma de jogo são as que mais podem facilitar e contribuir para o desenvolvimento metodológico de ensino-aprendizagem da criança, em virtude da riqueza de oportunidades que o lúdico oferece. Estimula a criatividade, a crítica, e a socialização, sendo assim uma atividade importante e significativa pelo seu conteúdo pedagógico-social (SECRETARIA, 2008, p. 33).

Diante desse contexto, pretendo neste estudo responder à seguinte questão: o jogo “Vamos Aprender?” está apto a auxiliar no processo de ensino-aprendizagem das práticas de linguagem para usuários e/ou discentes de bibliotecas e instituições de ensino?

Sendo assim, o presente trabalho tem por objetivo relatar a experiência obtida no decorrer do desenvolvimento do jogo de tabuleiro, intitulado de “Vamos aprender?”, movido por perguntas e respostas, chamadas de adivinhas e/ou charadas, onde os jogadores têm o desafio de decifrar perguntas enigmáticas.

Tal atividade teve como base artigos já produzidos acerca desta temática, que foram analisados durante a pesquisa bibliográfica sobre a eficácia e implementação da utilização de jogos para estimular diversas habilidades cognitivas auxiliando no ensino das práticas de linguagem de forma lúdica.

Este jogo educativo é resultado das atividades remotas (durante o isolamento causado pela Pandemia do COVID-19), desenvolvidas no ano de 2021 por meio do Programa Memória, Preservação e Experiências Culturais nas Bibliotecas Comunitárias, no Eixo de Acervo e Memória, da Pró-Reitoria de Cultura da Universidade Federal do Cariri (UFCA), que busca incentivar a disseminação da informação e da cultura juntamente com a promoção de práticas leitoras e atividades lúdicas voltadas para a comunidade em que está inserida.

2 DESENVOLVIMENTO DO JOGO

Jogos educativos são comumente utilizados para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem, por serem atividades lúdicas com objetivos pedagógicos para o desenvolvimento físico/cognitivo dos indivíduos, tendo formatos e características distintas (Tabuleiros, jogos online, entre outros) que mudam de complexidade de acordo com o conhecimento que se deseja repassar. Na produção do jogo “Vamos aprender?”, foram pensadas duas etapas distintas:

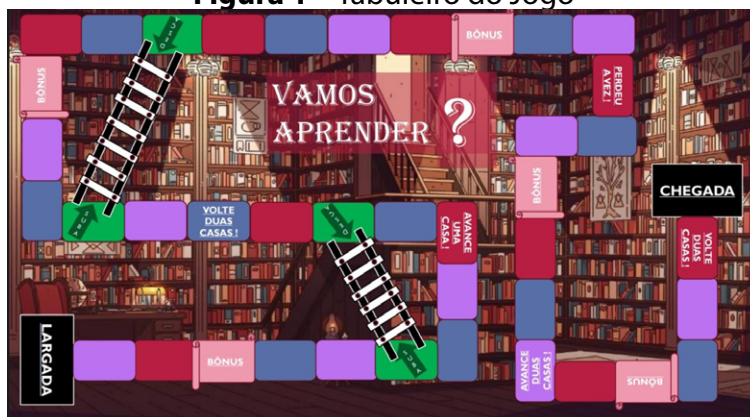
- I. Uma primeira etapa que consistiu na pesquisa bibliográfica em distintos artigos que tinham por temática o desenvolvimento de jogos de tabuleiro de baixo custo; seleção do estilo de jogabilidade a ser seguido com nível de complexidade compatível à faixa etária mínima do público-alvo escolhido, capaz de apresentar com facilidade ao usuário/discente o conteúdo proposto no jogo;
- II. Uma segunda etapa na qual o jogo de tabuleiro foi produzido a partir da criação das regras, mecânicas e modos do jogo, layout do tabuleiro e componentes físicos (produzidos a partir de elementos gratuitos disponíveis no editor digital Canva e PowerPoint).

Nos próximos tópicos deste trabalho, todo o desenvolvimento realizado em ambas as etapas será descrito, especificando as contribuições pedagógicas que poderão ser realizadas durante e após o jogo. O jogo tem como público-alvo crianças a partir de oito anos de idade, devendo ser jogado com 2 ou 5 jogadores, 1 deles será o Mestre do jogo e não fará parte da corrida, com exceção de partidas com apenas dois jogadores.

2.1 Componentes físicos do jogo

O jogo foi desenvolvido no formato de tabuleiro (Figura 1), possuindo uma trilha que deverá ser percorrida pelos jogadores do começo ao fim, através da solução de perguntas enigmáticas, popularmente conhecidas como adivinhas/charadas. O jogador também enfrentará desafios ao parar em determinadas casas do tabuleiro, podendo até mesmo voltar para o início da trilha ou avançar várias casas, passar turnos sem jogar ou pegar casas bônus que poderão ajudá-lo a avançar na corrida, mas somente ao cumprir as exigências da carta. Aquele que concluir a trilha primeiro irá ganhar o jogo.

Figura 1 – Tabuleiro do Jogo



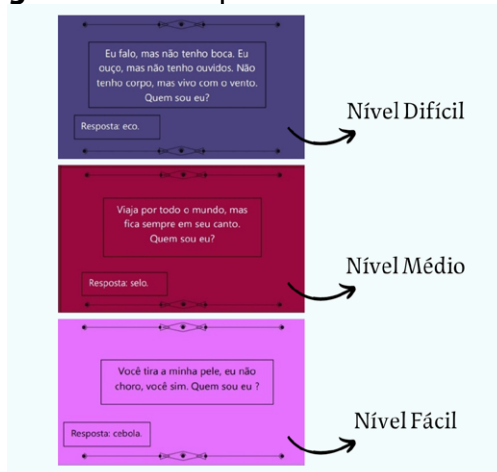
Fonte: Autor (2021).

Este tabuleiro foi desenvolvido por meio do uso dos elementos gratuitos do PowerPoint, com somente sua ilustração de fundo pertencendo ao banco de imagens do Google, contudo sua alteração é simples de ser executada podendo no futuro ser personalizado de acordo com o local em que o jogo for aplicado.

Quanto às casas da trilha, cada uma tem sua cor e seu nível de dificuldade das charadas correspondente. As casas são divididas em três cores: casas roxas são charadas fáceis; casas vermelhas são charadas médias, casas azuis são charadas difíceis.

Quatro tipos de cartas distintas (Figura 2) acompanham o jogo, sendo elas: 20 cartas de nível fácil, 20 cartas de nível intermediário, 20 cartas de nível difícil e 10 cartas bônus.

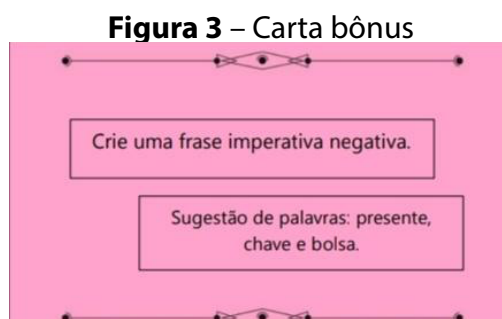
Figura 2 – Cartas por nível de dificuldade



Fonte: Autor (2021).

Estas cartas com diferentes níveis contêm charadas de acordo com seu nível de dificuldade correspondente. Essas cartas só podem ficar com o Mestre do Jogo, pois ele é um jogador imparcial na partida. O Mestre do Jogo deve ler a carta de nível refe-

rente a casa da trilha em que o jogador cair, exemplo: casa azul, ler uma carta azul. Se o jogador não souber a resposta para a charada, cabe ao Mestre do Jogo dar uma dica da resposta da forma que escolher. Se mesmo assim o jogador não souber a resposta sua vez passa para o próximo jogador dando continuidade ao jogo.



Fonte: Autor (2021).

As cartas bônus (Figura 3) são aquelas que contêm diferentes tipos de frase e palavras sugeridas, para criar uma frase única com o tipo de frase que o Mestre do Jogo escolher. Quando o jogador cair em uma casa bônus, o Mestre irá escolher uma carta bônus e ler ela para o jogador, que irá fazer uma frase com uma das palavras sugeridas na carta, seguindo o exemplo de frase escolhida pelo Mestre. Se o jogador criar a frase, conforme indicado pelo Mestre, o jogador poderá jogar o dado mais uma vez. Se o jogador se recusar a fazer a frase ele ficará uma rodada sem jogar, passando sua vez para o próximo jogador. Segue abaixo a explicação de cada tipo de frase assim como um exemplo, para ler quando a carta bônus for escolhida:

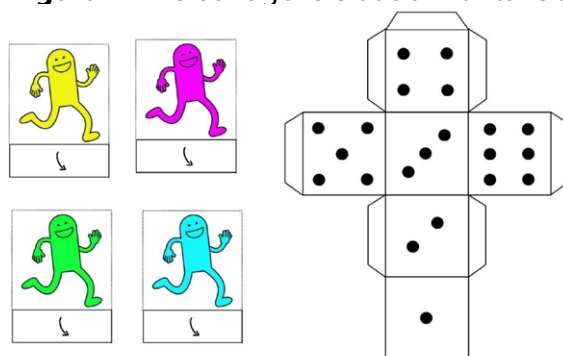
- I. **Frases exclamativas:** são aquelas cujo objetivo é expressar algum tipo de emoção de forma intensa. Quando o emissor produz esse tipo de frase, ele está revelando determinado sentimento (urgência, medo, preocupação, pressa etc.) e, como sugere o próprio nome, essa revelação de emoções é seguida por um ponto de exclamação. Exemplos: “Não saia de casa hoje!”, “Ela é a moça mais linda do mundo!”.
- II. **Frases declarativas:** são aquelas que usamos para afirmar alguma coisa. Elas podem ser afirmativas ou negativas e levam um ponto final. Exemplos: “Ele estudou para a prova”, “Ele não estudou para a prova”.
- III. **Frases imperativas:** são utilizadas quando o emissor precisa dar alguma ordem, fazer pedidos ou pedir conselhos a alguém. Podem ser finalizadas com ponto final ou de exclamação e também se dividem em afirmativas ou negativas. Exemplos: “Esqueça!”, “Não esqueça!”.

- IV. **Frases interrogativas:** o emissor tem a intenção de fazer uma pergunta. A frase poderá ser terminada com um ponto final, no caso de um questionamento indireto, ou por um ponto de interrogação, quando a pergunta for direta. Exemplos: “Você sabe onde está a caneta?”. “Que horas você vem?”.
- V. **Frases optativas:** a pontuação final também é uma exclamação, e seu intuito é o de expressar algum tipo de desejo. Exemplos: “Espero que a cirurgia ocorra bem!”, “Que vontade de comer brigadeiro!”.

Para deixar o jogo mais didático, o jogador pode escrever as respostas das charadas que acertar, assim como a frase que produzir, se cair em uma casa bônus durante a partida. Ao fim do jogo essas anotações podem ser recolhidas pelo educador e servir como uma atividade ou como um exercício de escrita.

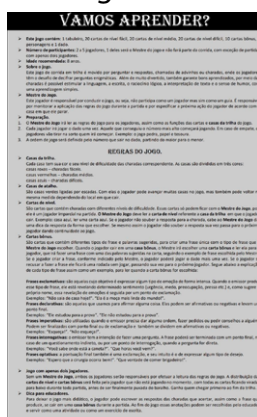
O jogo ainda acompanha quatro personagens e um dado montáveis (Figura 4), junto de um regulamento (Figura 5) que contém todas as regras do jogo. Esses componentes foram produzidos por meio de elementos gratuitos do aplicativo de edição Canva.

Figura 4 – Personagens e dado montáveis



Fonte: Autor (2021).

Figura 5 – Regulamento do jogo



Fonte: Autor (2021).

2.2 Mecânica e modos do jogo

A mecânica do jogo está condicionada aos componentes do jogo que possuem funções determinadas tendo poder para mudar o rumo do jogo que consiste no cumprimento das seguintes etapas:

1. Escolha da pessoa que será o Mestre do Jogo, que irá ler as regras do jogo para os jogadores, assim como as funções das cartas e casas da trilha do jogo.
2. Seleção do personagem que irá percorrer a trilha, seguida da determinação da ordem do jogo pelo número que sair no dado, partindo do maior para o menor.
3. O jogo irá prosseguir segundo as regras presentes no manual e irá ganhar o jogo quem chegar primeiro ao fim da trilha.

Na 1º etapa o Mestre do Jogo é escolhido, recomenda-se que o orientador responsável assuma este papel, pois este jogador é responsável por conduzir o jogo, ou seja, não participa como um jogador, mas sim como um guia, sendo assim responsável por monitorar a aplicação das regras do jogo durante a partida e por especificar a próxima ação do jogador de acordo com a casa em que ele parar.

Na 2º etapa os jogadores irão selecionar seus personagens, com exceção do Mestre do Jogo, e em seguida determinar a ordem das jogadas através do dado, aquele que conseguir o número mais alto começará jogando com sequência sendo definida do maior para o menor número e em caso de empate os jogadores vão tirar na sorte quem irá começar. Exemplo: o jogo pedra, papel e tesoura.

Na 3º etapa o jogo se inicia, com cada jogador rolando o dado na ordem determinada anteriormente. Contudo vale ressaltar que o modo do jogo deve ser adaptado a quantidade de jogadores que irão participar, pois sem um Mestre do Jogo, o modo

de jogo com apenas dois jogadores deverá ser adotado, com ambos tendo a responsabilidade de efetuar a leitura das regras do jogo. A distribuição das cartas de nível e cartas bônus será feita pelo jogador que não está jogando no momento, com todas as cartas ficando viradas para baixo durante toda partida, antes de ser finalmente puxada do baralho. E como no modo comum do jogo, ganha quem chegar primeiro ao fim da trilha.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A implementação de jogos como agentes facilitadores do ensino está sendo naturalizada em várias instituições de ensino e da informação. Com a realização de uma dinâmica com base neste jogo “Vamos aprender?”, os alunos envolvidos poderão ter um auxílio no processo de ensino-aprendizagem das práticas de linguagem através de um método divertido, de fácil acesso e de baixo custo de criação.

Contudo, cabe ressaltar que a aplicação deste jogo em sala de aula ainda não foi realizada por conta das condições de isolamento social adotadas no período de sua criação devido a Pandemia do COVID-19, não sendo possível quantificar a eficácia de sua implementação, mas já é possível constatar que:

- É possível obter uma maior compreensão de conceitos teóricos acerca da formulação de frases específicas;
- Maior interação entre grupos de alunos em busca de resultados;
- Autocrítica do aluno em querer melhorar no jogo e vencer, em virtude de uma tomada de decisão errada que o faça perder;
- Prática da leitura e da escrita ao implementar diferentes formas de utilizar o jogo.

REFERÊNCIAS

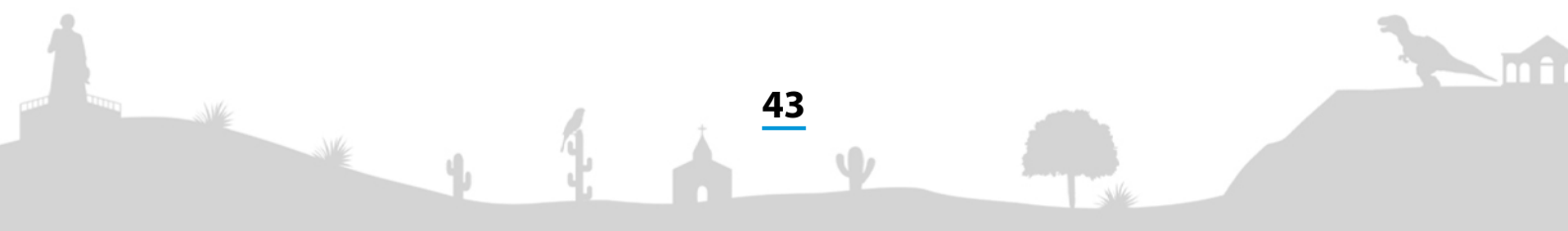
BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, [2018?]. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 04 mar. 2023.

MACEDO, Luciana Alves de. **Biblioteca escolar como espaço de incentivo à leitura**. 2010. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Departamento de Ciência da Informação, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade da Paraíba, João Pessoa, 2010. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=G-Xf5BH7WFAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 5 mar. 2023.

SANTOS, Vilmar Rodrigues dos. **Jogos na escola: os jogos nas aulas como ferramenta**

pedagógica. Petrópolis: Vozes, 2014.

SECRETARIA do Estado da Educação do Paraná. **Diretrizes curriculares da educação básica**: educação física. Paraná: SEED, 2008.





Modalidade: Trabalho Completo

GT 4: Gestão e Empreendedorismo em Ambientes de Informação

O uso do *marketing* digital em mídias sociais para bibliotecas universitárias: vantagens e indicadores qualitativos

Jessica Gabriela Silva Ribeiro

David Vernon Vieira

Resumo: O *marketing* digital em bibliotecas universitárias possibilita que esses ambientes modifiquem a sua atuação tradicional, promovendo seus produtos e serviços no meio digital. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar as vantagens de utilizar o *marketing* como estratégia de gestão e discutir indicadores qualitativos que auxiliam os bibliotecários na sua atuação em mídias sociais. Portanto, foi desenvolvido um estudo exploratório, com abordagem qualitativa, que analisou as vantagens e contribuições do *marketing* digital para as bibliotecas universitárias. Nota-se que o *marketing* digital para bibliotecas pode ser realizado através das mídias sociais, já que elas permitem a aproximação da biblioteca com o público-alvo. Dessa forma, para o uso do *marketing* digital em mídias sociais os indicadores de qualidade são ferramentas indicadas para a divulgação das bibliotecas. Portanto, é necessário que os bibliotecários saibam quais são as mídias mais utilizadas pelos usuários e tenham conhecimento de estratégias de *marketing* digital para auxiliar na gestão das bibliotecas universitárias.

Palavras-chave: *marketing* digital; bibliotecas universitárias; mídias sociais.

1 INTRODUÇÃO

Com os avanços tecnológicos as pessoas têm usado a *internet* para vários fins, inclusive para acessar informações. Dessa forma, as bibliotecas vêm modificando sua atuação para se inserir no ambiente digital. O uso do *marketing* digital é a estratégia mais adequada para a aproximação desses usuários e para atrair mais pessoas a utilizarem seus serviços (GULKA; LUCAS; CORREA, 2018).

Nesse contexto, com as mudanças na forma de acesso à informação, os biblio-

tecários podem utilizar as mídias sociais como uma ferramenta de marketing para disseminar as informações necessárias e estabelecer uma proximidade e facilitar o contato com seus usuários. Porém, é preciso se atentar ao comportamento do público e identificar quais são as mídias mais utilizadas (NÓBREGA, 2019).

Portanto, nota-se que com mudanças sociais e tecnológicas, os bibliotecários devem procurar se adequar para ofertar serviços de qualidade para seus usuários nesse ambiente digital. Essa mudança é necessária para que as bibliotecas universitárias consigam inovar e manter-se próximas dos usuários (LIMA, 2019).

Dessa forma, esta pesquisa pretende contribuir com a discussão sobre a relevância do uso das mídias sociais como estratégia de marketing digital para bibliotecas universitárias. Logo, como problemática da pesquisa, surgiu o seguinte questionamento: como o *marketing* digital pode contribuir para a melhoria da gestão de bibliotecas universitárias?

Assim, o objetivo deste trabalho é analisar as vantagens de utilizar o *marketing* digital como estratégia de gestão e discutir indicadores qualitativos que auxiliem os bibliotecários na sua atuação em mídias sociais.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo é considerado um estudo exploratório, que buscou analisar as vantagens e contribuições do *marketing* digital para as bibliotecas universitárias. Assim, a abordagem utilizada é a qualitativa, para tanto foi realizado um levantamento bibliográfico, e o material utilizado é constituído de artigos de periódicos científicos e eventos na área de Ciência da Informação e *blogs* especializados no tema. A pesquisa dos artigos foi realizada através do Google Acadêmico e bases de dados presentes no Portal de Periódicos da Capes, os artigos pesquisados abordavam o uso do *marketing* digital para bibliotecas universitárias.

Dessa forma, os termos utilizados no processo de busca foram: *Marketing* digital, Bibliotecas universitárias, *Marketing* em bibliotecas, *Marketing* em mídias sociais, Agenda 2030.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Marketing digital

O *marketing* passou por várias mudanças até chegar à versão que conhecemos hoje. De acordo com Ahimed (2022), o escritor Philip Kotler escreveu livros sobre os conceitos do *marketing* onde “[...] são abordados os conceitos de *marketing* de acordo

com sua evolução, e são denominados de Marketing 1.0, 2.0, 3.0, 4.0 e por fim, o mais atual, o Marketing 5.0” (AHIMED, 2022, p. 16).

Assim, para Kotler (2010 *apud* AHIMED, 2022), o Marketing 1.0 teve início depois da revolução industrial e tinha o foco apenas em produzir. Apenas na década de 70, devido à necessidade de mudanças para concorrer com outras empresas, foi que começaram a se preocupar com os clientes.

A era do *Marketing* 2.0 iniciou nos anos 80, e é focada na informação, já que os clientes comparam os preços, produtos. A criação da *internet* facilitou esse processo de selecionar os produtos mais adequados e baratos (KOTLER; KARTAJAYA; SETIAWAN, 2010, p. 57 *apud* AHIMED, 2022).

O *Marketing* 3.0 é a era do relacionamento, os clientes passam a ser vistos como pessoas e não um mero consumidor (KOTLER, 2012, p. 35 *apud* AHIMED, 2022). Dessa forma, a próxima era o “*Marketing* 4.0 é centrado no ser humano, ampliando as ideias a respeito do consumidor e alcançando o engajamento da era digital” (KOTLER; KARTAJAYA; SETIAWAN, 2017 *apud* AHIMED, 2022).

Segundo Kotler (2021 *apud* AHIMED, 2022), vivemos na era do *Marketing* 5.0, marcada pelo avanço de novas tecnologias e mudanças na forma como os clientes se comunicam com as empresas. Devido ao contexto da pandemia, as pessoas passaram a utilizar serviços *online* e com isso o *marketing* teve que se adaptar para estar ativo no meio digital.

De acordo com Cabral (2021, online), o *Marketing* digital: “se trata de uma estratégia de gestão, que utiliza o meio digital para promover produtos e serviços de qualquer marca, empresa, instituição ou pessoa, de forma planejada e estruturada, a fim de que seja possível conquistar ao máximo os objetivos almejados”.

Dessa forma, o *Marketing* digital deve ser usado como uma ferramenta que utiliza a *internet* como um canal de comunicação para a divulgação de produtos e serviços nas mídias digitais em busca de atrair clientes.

Assis (2019), ressalta que apesar das mudanças observadas no *Marketing* digital, ele é baseado nos conceitos do marketing tradicional, se diferenciando apenas no ambiente de atuação já que o *marketing* digital atua de forma *online*. Além disso, “outro ponto a observar são as estratégias e práticas adotadas no *Marketing* digital se adaptam ao ambiente *online*” (ASSIS, 2019, p. 23).

3.2 Bibliotecas Universitárias e agenda 2030

A Agenda 2030 é um plano de ação desenvolvido pelas Nações Unidas que estabelecem 17 objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) com 169 metas que buscam soluções para o desenvolvimento econômico, ambiental e social (IFLA, 2015).

De acordo com a Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias – IFLA (2015), as bibliotecas são instituições que podem contribuir para o desenvolvimento da agenda 2030. O documento publicado pela IFLA é um conjunto de ferramentas que tem o propósito de “[...] apoiar o trabalho de *advocacy* para a inclusão das bibliotecas e do acesso à informação como parte dos planos de desenvolvimento nacionais e regionais[...].” (IFLA, 2015, p. 1).

Segundo Teixeira (2018), as bibliotecas universitárias são instituições que estão vinculadas a universidades e atuam seguindo a missão e objetivos da universidade que estão inseridas. Assim, esse ambiente atua gerenciando e disponibilizando informações para a comunidade, “[...] subsidiando as atividades de ensino, pesquisa, inovação, extensão e administração, promovendo seus produtos e serviços, capacitação do usuário, no que tange à busca e acesso à informação e ao desenvolvimento da atitude científica do estudante” (TEIXEIRA, 2018, p. 17).

Portanto, como é apontado por Costa (2022), devido a esse perfil das bibliotecas universitárias, essas instituições podem contribuir para realizar as metas da Agenda 2030. Assim, “[...] esses espaços contribuem para o cumprimento das metas estabelecidas pela Agenda 2030 no que tange a acessibilidade ao ensino” (COSTA, 2022, p. 2). Como o objetivo de número 4. Educação de qualidade.

Dessa forma, pensando nas ações e atividades realizadas nas bibliotecas que contribuem para a realização desse objetivo, a pandemia causou impacto nas ações das bibliotecas.

O impacto da pandemia para as bibliotecas universitárias na prestação de serviços acadêmicos e para os usuários que utilizam de seu espaço e acervo físicos significou dois grandes desafios: o primeiro representado pela necessidade de atender as demandas da comunidade científica, auxiliando nas pesquisas em andamento ou novas; o segundo decorrente da urgência em se reinventar diante do isolamento, utilizando o aparato tecnológico para divulgar seus serviços e garantir atendimentos mínimos (COSTA, 2022, p. 9).

Assim, essas instituições tiveram que se adaptar ao ambiente digital e utilizar essas ferramentas a seu favor para dar continuidade a prestação de alguns serviços que conseguiam oferecer além do ambiente físico. Algumas instituições já faziam uso dessas tecnologias e outras tiveram que iniciar esse processo para conseguir levar informações aos usuários. E o recurso mais utilizado nesse processo são as mídias sociais (COSTA, 2022).

Por isso, as mídias sociais são importantes ferramentas para as bibliotecas universitárias e através das estratégias de *marketing* para o meio digital. É possível que as bibliotecas supram as necessidades dos seus usuários e levar as informações necessá-

rias de forma rápida e eficiente.

3.3 Marketing digital em Bibliotecas Universitárias

Segundo Teixeira (2019, p. 22), “A Biblioteca Universitária desempenha um papel fundamental de democratização da informação, contemplando tanto a comunidade acadêmica quanto a comunidade ao seu entorno”. Portanto, as bibliotecas precisam estar sempre atentas às tecnologias que estão em constante mudança para conseguir desempenhar sua função de proporcionar o acesso à informação independentemente do ambiente.

A aplicação do *Marketing* digital em bibliotecas universitárias é uma estratégia apropriada para a inovação, permitindo que esses espaços possam modificar a sua forma de atuação tradicional, possibilitando a promoção dos seus produtos e serviços no meio digital (TEIXEIRA, 2019).

Assim, Cabral (2021) aponta que existem várias vantagens na aplicação do *Marketing* digital em bibliotecas, sendo as principais:

- Visibilidade dentro da instituição a qual ela pertence;
- Percepção do seu posicionamento pela comunidade;
- Construção e gestão de marca, tanto no *online* quanto no *offline*;
- Aumento do seu valor percebido;
- Fortalecimento dos laços com os usuários por meio de um relacionamento constante e segmentado;
- Economia dos custos com marketing, visto que no ambiente digital é tudo mais acessível;
- Acompanhamento de métricas em tempo real, o que permite mudanças mais rápidas e precisas (CABRAL, 2021, online).

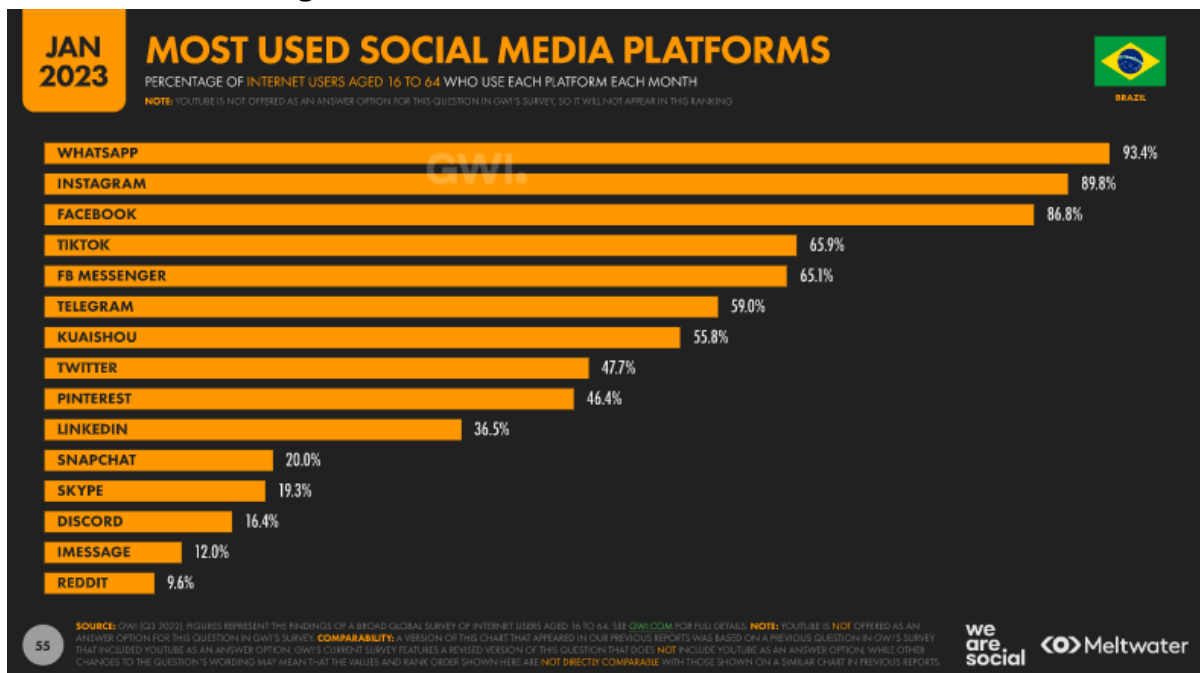
Percebe-se que o *Marketing* digital é uma ótima ferramenta para as bibliotecas que desejam ampliar a sua forma de atuação se tornando presente no meio digital e favorecendo a comunicação com a comunidade, permitindo mudanças caso seja necessário para a adequação nesse ambiente.

3.4 Bibliotecas Universitárias e as mídias sociais

Segundo Lima (2019, p. 20), “No âmbito das Bibliotecas Universitárias, surgiram preocupações em oferecer serviços que supram as necessidades dos usuários, sejam como simples informações cotidianas, ou até mesmo atividades realizadas dentro da

Biblioteca”. Assim, devido às mudanças no comportamento dos usuários e a sua presença na *internet*, as bibliotecas universitárias viram a necessidade de utilizar as mídias sociais para se aproximar do público (LIMA, 2019). Atualmente existem muitas mídias sociais sendo utilizadas no Brasil.

Figura 1 – Plataformas de mídia social mais usadas



Fonte: DataReportal (2023).

O Relatório de Visão Geral Global Digital 2023 foi produzido pela empresa *Keypios* através do portal *DataReportal* em parceria com a *Meltwater* e a *We Are Social*. Assim, podemos analisar quais são as plataformas de mídias sociais mais utilizadas no Brasil.

A plataforma YouTube é tratada na pesquisa como uma plataforma de vídeo em vez de uma plataforma de mídia social, desta forma, o YouTube não aparece no cálculo. O percentual é feito com base nos internautas de 16 a 64 anos que utilizam as plataformas.

Desta forma, podemos observar que os brasileiros fazem muito uso de mídias sociais. E devido a esse contexto elas podem ser utilizadas para realizar o *marketing* digital das bibliotecas. Tendo em vista que existem muitas possibilidades para atuação em mídias sociais:

Analisar os recursos que cada mídia possibilita é de extrema relevância no momento da escolha, como também avaliar características no que se refere à sua potencialidade, seu grau de dificuldade de utilização e suas limitações. No que se refere à mensagem que se quer pas-

sar para o público-alvo, é necessário avaliar se a mídia a ser escolhida passará de maneira eficiente uma imagem positiva da biblioteca como participante ativa do contexto virtual/digital (ARAÚJO; FREIRE, 2019, p. 45).

Dessa forma, cabe aos bibliotecários analisarem as mídias sociais disponíveis para definir quais serão utilizadas pela biblioteca. Além de avaliar se ela é a mais adequada para estabelecer o contato com o público. O estudo de usuários é uma boa maneira de saber quais são as mídias mais utilizadas pelo público-alvo das bibliotecas.

Tendo em vista que a utilização das mídias sociais é vantajosa para a biblioteca e podem ser utilizadas para vários fins como a divulgação de produtos e serviços físicos ou digitais. Como podemos observar na análise realizada por Selbach (2020) no conteúdo publicado nas mídias sociais pelas bibliotecas universitárias do Rio Grande do Sul. O conteúdo foi dividido em sete grandes áreas, sendo elas:

- a) Conteúdo informativo necessário: apresenta informações referentes a horários de funcionamento, avisos de alteração de horários, avisos gerais;
- b) Conteúdo informativo sugerido: apresenta conteúdo diverso a respeito da biblioteca, coleções, acervo, novas aquisições e toda informação extra ao funcionamento da biblioteca;
- c) Tutoriais e instruções: apresenta informações de como usar a biblioteca, como localizar livros nas estantes, como usar coleções on-line, como pesquisar no catálogo e outras instruções necessárias;
- d) Conteúdo científico: apresenta notícias, informações e instruções referentes ao campo acadêmico-científico, tais como publicação em periódicos científicos, índices de publicações, dicas para publicação científica;
- e) Normas técnicas de documentação: apresenta informações e dicas de uso das normas técnicas de documentação da ABNT, Vancouver, APA e demais normas de publicação utilizadas na universidade;
- f) Conteúdo literário: apresenta dicas de leituras, notícias literárias e curiosidades literárias;
- g) Divulgação de eventos: apresenta informações, divulgação de eventos e acontecimentos da Universidade e na biblioteca (SELBACH, 2020, p. 13).

Portanto, as bibliotecas têm várias vantagens em utilizar as estratégias de marketing em mídias sociais, tendo em vista as possibilidades de cada plataforma para manter o contato com o público, além de permitir o direcionamento para os serviços disponibilizados pela biblioteca em outras plataformas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Constata-se que o marketing digital para bibliotecas pode ser realizado através das mídias sociais, possibilitando que as bibliotecas inovem em seus serviços e desenvolvam sua atuação no meio digital a partir dos interesses de seus usuários.

Assim, Silva (2020) propõe alguns indicadores qualitativos como estratégia para a atuação das bibliotecas em mídias sociais, utilizando como base as quatro fases de Strutzel (2015) para um modelo de presença digital, são elas: existência, atração, relacionamento e engajamento. Além de usar “os indicadores elaborados por Giroto e Formentini (2018), voltados para *websites* de arquivos e bibliotecas públicas estaduais, a saber: atração de usuários, interação, conteúdo, promoção, personalização e relacionamento” (SILVA, 2020, p. 41).

Quadro 1 – Descrição dos indicadores qualitativos propostos

Atração de usuários	Levantamento de horários de maior acesso, faixa etária, entre outras métricas disponibilizadas na mídia social, assim como os dados constantes no sistema de gestão da instituição de ensino com relação aos usuários; e estabelecimento de metas a atingir, buscando integrar as necessidades e perfil do público aos produtos e serviços oferecidos pela biblioteca.
Disponibilização de informações	Usar de modo eficaz os locais de destaque no perfil, expondo as informações de contato, localização, horários e perguntas frequentes.
Relacionamento	Acompanhamento dos comentários, com o intuito de valorizar a opinião dos usuários, responder questionamentos e articular ações para amenizar descontentamentos e possíveis conflitos; e disponibilização de canais para comunicação, sejam eles dentro ou fora da mídia social, estipulando respostas padrão para serem utilizadas como base em caso de perguntas frequentes.
Personalização	Cadastro da logo da instituição nos locais viabilizados pela mídia social, a exemplo de imagens de perfil e capa; e produção de imagens e identidade visual própria, transmitindo seriedade, facilitando o reconhecimento do conteúdo publicado, bem como evitando quebra de direitos autorais ao utilizar material obtido de modo corriqueiro pela internet.
Promoção	Definição de cronograma de publicações e estruturação de materiais a serem produzidos, considerando as especificidades de cada público e mídias selecionadas; utilização dos recursos oferecidos pela mídia, a fim de criar vínculo com o público através da interatividade e participação; e incentivo ao uso de outros serviços digitais oferecidos pela biblioteca (por exemplo: bases de dados, biblioteca virtual, repositório institucional), seja através de <i>links</i> , tutoriais, entre outros, estruturando essa ação de modo que a transição de uma plataforma para outra seja prática e intuitiva.

Acessibilidade	Identificação e estruturação de mecanismos facilitadores para pessoas com deficiência, como a descrição de imagens, principalmente aquelas que possuem informações relevantes, geralmente acompanhada de #paracegover.
Formalização	Existência de guia, manual ou diretriz, entre outros documentos possíveis, que formalize os processos realizados para a concretização das ações determinadas, facilitando o acesso e transmissão das informações quanto à sua execução.

Fonte: Elaborado por Silva (2020).

Sendo assim, são vários os pontos que devemos considerar para planejar o uso de mídias sociais como ferramenta de promoção das bibliotecas universitárias. Como a atração dos usuários: analisar os interesses e necessidades do público e estabelecer metas para melhor atender; Disponibilização de informações: deixar em locais de destaque no perfil todas as possíveis dúvidas ao alcance do usuário; Relacionamento: estar atento aos comentários e buscar ter um contato direto com os usuários; Personalização: ter sua própria identidade visual para facilitar o conhecimento de produtos produzidos pela biblioteca; Promoção: manter um cronograma de publicações para estabelecer um vínculo com o público e divulgar os produtos e serviços ofertados; Acessibilidade: usar ferramentas facilitadoras para incluir pessoas com deficiência; Formalização: utilizar documentos para formalizar os processos realizados.

Assim, cabe aos bibliotecários utilizarem essas estratégias para a promoção da biblioteca. Para isso, é preciso que se tenha conhecimento de estratégias de *marketing* digital e busquem utilizar as possibilidades das mídias sociais para comunicação com usuários e divulgação da biblioteca.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho analisou como o uso das mídias sociais pode ser importante como estratégia de *marketing* digital para bibliotecas universitárias. Assim, essa pesquisa possibilita que se reflita a atuação das bibliotecas universitárias nesse contexto tecnológico e como os bibliotecários podem utilizar estratégias de *marketing* digital para melhorar sua atuação na *internet* através das mídias sociais.

As bibliotecas universitárias podem contribuir para cumprir as metas da Agenda 2030 fornecendo informação de qualidade que contribui para o aprendizado dos usuários. Assim, o uso de mídias sociais é uma forma de ficar próxima do público fornecendo informações para além do ambiente físico e do acervo da biblioteca.

Podemos notar que o *marketing* digital é importante nesse processo de constantes mudanças tecnológicas para manter a biblioteca próxima aos usuário, proporcionando que a biblioteca amplie a divulgação dos seus serviços, além de facilitar o

contato para resolver possíveis dúvidas.

Entretanto, é preciso que os bibliotecários acompanhem as novas tendências tecnológicas e procurem saber quais são as mídias sociais mais utilizadas para se inserir nesse meio. Além disso, é preciso que o bibliotecário saiba ou aprenda estratégias de *marketing* digital para auxiliar na gestão da biblioteca universitária.

Conseqüentemente, para o uso do *marketing* em mídias sociais, os indicadores qualitativos são ferramentas que podem auxiliar a divulgação das bibliotecas. São indicados para bibliotecários que querem começar a atuar no meio digital ou para aqueles que já atuam, mas não tem uma organização.

Os indicadores de qualidade podem ser utilizados como orientações gerais para qualquer tipo de mídia social, servindo para o planejamento, contato com os usuários e divulgação dos serviços da biblioteca. Assim, para o desenvolvimento de pesquisas futuras sugere-se que sejam analisados quais são as mídias sociais atualmente mais utilizadas pelas bibliotecas universitárias brasileiras e como elas são usadas para promover os produtos e serviços.

REFERÊNCIAS

AHIMED, Beatriz. **O Bibliotecário está atuando nas redes sociais com o marketing digital?** 2022. 59 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/48574>. Acesso em: 8 fev. 2022.

ARAÚJO, Walqueline da Silva; FREIRE, Gustavo Henrique de Araújo. Marketing em mídias sociais: contribuições para bibliotecas. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão Preto, v. 10, n. 2, p. 39-54, set. 2019. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v10i2p39-54>. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/134949>. Acesso em: 17 fev. 2023.

ASSIS, Kamila de Andrade. **As Mídias sociais no Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Ceará.** 2019. 60 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Centro de Humanidades, Departamento de Ciências da Informação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/52820>. Acesso em: 11 fev. 2023.

CABRAL, Mayara. **Marketing Digital para bibliotecas e Bibliotecários.** Biblio Mkt. [S. l.], [2021?]. Disponível em: <https://bibliomkt.com.br/marketing-digital-para-bibliotecas-e-bibliotecarios/>. Acesso em: 11 fev. 2023.

COSTA, Patrícia. Impactos do Covid-19 nas metas da Agenda 2030: as bibliotecas universitárias e seus desafios. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 29., 2022, [s. l.]. **Anais [...]**. São Paulo, SP: Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários, Cientistas de Informação e

Instituições, 2022. p. 1-13. Disponível em: <https://portal.febab.org.br/cbbd2022/article/view/2522>. Acesso em: 2 mar. 2023.

DATAREPORTAL. **Digital 2023 Brazil v01**. 2023. Disponível em: <https://indd.adobe.com/view/f0e4e76b=14-0a4-08a8-00d-0cffda6ee32f?allowFullscreen=true&wmode=opaque>. Acesso em: 18 fev. 2023.

GULKA, Juliana Aparecida; LUCAS, Elaine Rosangela de Oliveira; CORREA, Elisa Cristina Delfini. O uso de marketing digital em bibliotecas. **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 5, n. 1, p. 59-69, 2018. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/4104>. Acesso em: 16 fev. 2023.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **Conjunto de ferramentas**: as bibliotecas e a implementação da Agenda 2030 da ONU. 2015. Disponível em: <https://www.ifla.org/wpcontent/uploads/2019/05/assets/hq/topics/libraries-development/documents/libraries-un-2030-agenda-toolkit-pt.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2023.

LIMA, Daniel da Silva. **O Instagram como instrumento de marketing digital utilizado por bibliotecas universitárias como apoio, divulgação e interação com seu usuário**: um estudo sobre o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Ceará. 2019. 82 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/52805>. Acesso em: 15 fev. 2023.

NÓBREGA, Ilzeni Almeida. **Marketing em Unidade da Informação**: uma análise das estratégias de marketing nas mídias sociais da Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba (CCSA/UFPB). 2019. 59 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/21430>. Acesso em: 16 fev. 2023.

SELBACH, Clarissa Jesinska. Mídias sociais em bibliotecas universitárias do Rio Grande do Sul. **RevIU – Revista Informação & Universidade**, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 1-23, 2020. Disponível em: <http://reviu.febab.org.br/index.php/reviu/article/view/10>. Acesso em: 28 fev. 2023.

SILVA, Flavia Sena da. **Onde está a estratégia digital das bibliotecas?**: marketing em mídias sociais na UFPB. 2020. 48 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22135>. Acesso em: 19 fev. 2023.

TEIXEIRA, Ana Paula Santos Souza. **O marketing digital como estratégia de promoção de bibliotecas universitárias**. 2018. 160 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/29841>. Acesso em: 12 fev. 2023.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento à Pró-reitora de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação (PRPI) da Universidade Federal do Cariri que proporcionou uma bolsa de estudos para realizar esta pesquisa.





Modalidade: Trabalho Completo

GT 4: Gestão e Empreendedorismo em Unidades de Informação

Gestão da biblioteca escolar e o bibliotecário: relato de experiência na escola Amália Xavier

Susana de Oliveira Brito

Elieny do Nascimento Silva

Lucas Almeida Serafim

Resumo: Partindo das vivências de estágio extracurricular que oportuniza o contato do aluno com vivências práticas entre teoria e prática de gestão em determinados campos informacionais, dentre eles a biblioteca escolar, um campo onde o bibliotecário é responsável por toda estrutura organizacional física, tecnológica e de pessoas, levou-me a questionar a relevância do bibliotecário gestor dentro da unidade escolar, e como funcionam as unidades que não possuem um bibliotecário gestor. Logo, a experiência vivida na prática, leva o aluno a perceber o grau de importância da gestão de uma biblioteca escolar, por bibliotecário dotado de todas as virtudes gestoras. Sendo assim, o objetivo será descrever quais são as competências do bibliotecário e a eficácia na gestão das bibliotecas escolares. O embasamento desta pesquisa, em andamento, constitui-se da população referente a funcionários que atuam na referida biblioteca, e a amostragem é constituída por quatro professores responsáveis pela biblioteca. Essa pesquisa tem natureza aplicada, com o intuito de gerar conhecimento para a solução de problemas específicos do ambiente informacional. A metodologia utilizada foi uma pesquisa básica, de abordagem qualitativa e de caráter exploratório, a partir de uma revisão bibliográfica e documental de um estudo de caso; como resultado, o bibliotecário gestor dentro de uma biblioteca escolar. Portanto, fica evidente que um bibliotecário agrega valor ao ambiente com vista de melhorias contínuas, tratar os pontos sensíveis como a qualificação e habilidades para o quadro funcional ao qual está inserido.

Palavras-chave: Bibliotecário Gestor; Biblioteca escolar; competências.

1 INTRODUÇÃO

A teoria da biblioteconomia ressalta a eficácia da biblioteca escolar que demanda do profissional bibliotecário uma estrutura adequada, organização e acervo

atualizado, além de recursos humanos e financeiros. Desta forma, o trabalho tem como foco principal abordar a importância da gestão nas bibliotecas escolares e o papel do bibliotecário relatando as experiências vividas na Escola de Ensino Médio de Tempo Integral Amália Xavier.

A gestão na biblioteca consiste em um conjunto de ferramentas, que viabilizam a qualidade e produtividade de um determinado local, sendo bibliotecas ou outras unidades de informação, tais como: centros de documentação, centros culturais, serviços ou redes de informações. Segundo Lisboa *et al.* (2011), a organização envolve quatro pontos no processo de gestão, a planificação, organização, liderança e controle. Processos estes que devem fazer parte de toda organização que busca a qualidade e eficiência.

Sendo assim, o atual profissional da informação com suas habilidades e técnicas faz o uso de planejamento estratégico para atingir a cultura na qual está inserido, desenvolvendo o papel de gestor e levando em consideração as necessidades da organização. Neste sentido, o planejamento é um direcionamento para ser alcançado no futuro, envolve todo processo de organização e relações com os ambientes que são chamados de planejamento estratégico.

Dentre a sociedade da informação, ou sociedade tecnologicamente avançada, o profissional para atender de forma eficaz a organização, em especial uma biblioteca escolar em que está inserida, precisa ter um olhar crítico, traçar um mapeamento estrutural e organizacional da biblioteca escolar conforme a missão e objetivo da unidade escolar. Assim, formulou-se a questão norteadora da pesquisa: quais as competências e habilidades para uma gestão eficaz de uma biblioteca escolar?

Para responder ao questionamento, formulou-se o objetivo geral da pesquisa de discutir a gestão nas bibliotecas escolares, no município de Juazeiro do Norte-CE, pelo bibliotecário, com a gestão da biblioteca sem bibliotecário. Trata-se de um estudo de caso e a pesquisa encontra-se em andamento.

O instrumento de planejamento, linha de ação determinante na eficácia dos processos, fornece parâmetros de controle ao plano traçado pelo bibliotecário, orientando a direção da missão, ou seja, o que a organização deve fazer para fazer a mudança acontecer. Então, o bibliotecário gestor tem um papel relevante na unidade onde está inserido, apto a realizar diagnósticos organizacionais pertinentes para tomada de decisões, dentro das finalidades organizacionais.

Justifica-se a escolha da temática por ser um requisito no mercado de trabalho, como também por ser algo pertinente questionado em pesquisas e na atuação do profissional da informação dentro do ambiente escolar, onde na maioria das vezes o bibliotecário é substituído por outro profissional acarretando muitas falhas nas com-

petências que deveriam ser aplicadas, principalmente no quesito de planejamento e recuperação da informação. Com o intuito de atrair contribuições para o tema em questão, o relato aponta as habilidades e competências do bibliotecário escolar, visando mostrar o impacto social na formação de cidadãos pensadores que utilizam este espaço educacional e, especificamente, demonstra um espaço escolar em que a gestão da biblioteca escolar é realizada por docentes, com formações distintas.

Atualmente, para que a biblioteca se mantenha ativa e o bibliotecário consiga desempenhar o seu papel, é fundamental saber transformar bens em serviços de qualidade. Assim sendo, a justificativa do meu interesse pela atuação do Bibliotecário enquanto gestor, se deu a partir das práticas vivenciadas na biblioteca escolar, me motivando a estudar o perfil, as habilidades e competências gerenciais do bibliotecário. A experiência, a partir das vivências do estágio curricular obrigatório, trouxe a oportunidade de trabalhar as habilidades e competências exigidas de um bibliotecário na atual sociedade da informação diante da vivência do papel do bibliotecário e alcançar resultados e promover a unidade de informação em que está engajado.

Destarte, para romper as verdadeiras barreiras, o bibliotecário deve dar importância à necessidade da atual sociedade informacional, sendo colaborativo, adaptar as práticas arcaicas, priorizando novos conhecimento e habilidades até mesmo de outras áreas a fim de obter competências, realizar o diagnóstico estratégico, identificar os pontos a serem melhorados e propor a transformação otimizar e facilitar a cultura participativa.

Portanto, a justificativa pessoal e acadêmica do estudo dá-se em virtude que as práticas organizacionais realizadas dentro do estágio na biblioteca escolar, em especial da escola pública estadual da cidade de Juazeiro do Norte, E.M.T.I. Amália Xavier, foi de grande valia para traçar um diagnóstico estratégico da biblioteca, etapa inicial e indispensável do planejamento e assim explanar o perfil do bibliotecário gestor tanto em questão de pessoas quanto administrador da unidade de informação.

Essa pesquisa de natureza aplicada objetiva gerar discussões e conhecimento para a solução de problemas específicos do ambiente informacional. A metodologia utilizada compreendeu uma pesquisa básica, de abordagem qualitativa e de caráter exploratório, a partir de uma revisão bibliográfica e documental de um estudo de caso. Apresenta uma visão geral sobre a relevância do bibliotecário gestor dentro de uma biblioteca escolar, as habilidades e competências gestoras necessárias para participar do planejamento, das tomadas de decisões, definir as políticas e diretrizes do local inserido.

Sendo assim, o plano de ação como a ferramenta 5w2h proposto indicará os problemas da biblioteca priorizando os mais urgentes e, por conseguinte, alcançar êxi-

to na aplicação de um sistema gestão de qualidade de biblioteca e assim transformar e agregar valor à biblioteca.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A princípio, esta pesquisa possui caráter exploratório e natureza qualitativa, visto que a investigação metodológica da pesquisa sistematiza a realidade dos fatos, esse processo é necessário para comprovar o conhecimento científico (MARTINS; THEÓPHILO, 2009). O objeto compreendeu-se na biblioteca escolar do colégio Amália Xavier, localizado na cidade de Juazeiro do Norte. A população pesquisada constituiu-se de funcionários que atuam da referida biblioteca e a amostragem é formada por quatro professores responsáveis pela biblioteca com formação em letras e pedagogia.

A pesquisa realizou-se durante o período de estágio supervisionado, com duração de 96 horas, no primeiro semestre de 2022, onde foi observado o objeto de estudo e posteriormente a definição do instrumento de coleta de dados empregados. Para a coleta de dados o instrumento foi a entrevista informal com o quadro funcional da biblioteca e observação direta do ambiente.

Nesse sentido, levou em consideração o roteiro estruturado dentro dos aspectos de um conjunto de melhorias e oportunidades, espaço físico, acervo bibliográfico, serviços oferecidos, recursos humanos – pessoal e administração, com o propósito de obter um diagnóstico da biblioteca e priorizar as oportunidades de melhoria.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Até o século XX, o bibliotecário foi visto como guardião de livros. Diante da globalização e das tecnologias de informação avançada, o mesmo passou a desenvolver atividades de gestão mais especificamente. Destarte, o bibliotecário tornou-se um gestor multidisciplinar, que trabalha com diversos suportes informacionais além de gerir unidades informacionais. Nesse sentido, as transformações tecnológicas e as novas necessidades do mercado justificam a transição do profissional bibliotecário contemporâneo.

Assim, o tema abordado explana a transição contemporânea do bibliotecário, com um novo perfil no século XXI, as práticas administrativas – diferencial dentre as habilidades do gestor bibliotecário. Nesse contexto, o estágio realizado na biblioteca escolar despertou a minha curiosidade sobre a relevância do bibliotecário gestor. Assim, apresenta-se uma visão geral sobre a importância da gestão da biblioteca escolar e o papel do bibliotecário enquanto profissional da informação no século XXI na biblioteca escolar.

É importante abordar os benefícios imensuráveis para a organização proporcionados pelo gestor bibliotecário, que possui habilidades e qualidades. O foco do presente estudo dá-se sobretudo na tomada de decisões para o melhor funcionamento da unidade informacional e assim obter resultados de crescimento tanto fisicamente quanto na questão da equipe e desenvolvimento do meio o qual gerencia.

Araújo e Oliveira (2005) dialogam com a modalidade que a biblioteca transpassou por uma transmutação ao longo do tempo, principalmente em relação à sociedade contemporânea e à forma como a informação é tratada. No que tange às transformações para Agustín e Gimeno (2013), as mudanças que ocorrem no ambiente escolar se refletem nos conceitos da biblioteca escolar e nas suas contribuições ao público por ela atendido.

Na década de 1970, o profissional bibliotecário, nos Estados Unidos, apropriou-se do termo *Information literacy*, termos ligadas ao uso da informação eletrônica, mas que chega ao Brasil como fomento de desenvolvimento para o profissional da informação, de forma mais clara o termo representa as competências informacionais do bibliotecário.

A função de liderança foi inicialmente proposta por *Stripling*, em 1996, quando sugeriu que o bibliotecário assumisse a função de "catalisador" das mudanças na escola especificando as habilidades informacionais de maneira detalhada, o *Information Power* pode ser considerado o documento que concretiza a assimilação do conceito de competência informacional pela classe bibliotecária. No *Information Power* (AASL, 1998) a função de liderança destaca-se como um dos três pilares do processo, e o bibliotecário é exortado a liderar a partir da mudança na biblioteca da própria escola como um todo. Atualmente, o termo está em construção, e foi mencionado pela primeira vez por Caregnato (2000), que o traduziu como alfabetização informacional.

Diante da explanação, a tradução do termo *information literacy* como competência informacional havia sido feita por Campello (2002) na perspectiva da biblioteca escolar, em texto que sinalizava para o potencial desse conceito como catalisador das mudanças do papel da biblioteca em face das exigências da educação no século XXI.

Então, desde sempre o papel da biblioteca escolar apropriou-se de metodologias focando na aplicação de ferramentas de gestão de serviços para assim contribuir para o desenvolvimento humano. Segundo a IFLA (2007), esse apoderamento possibilita desenvolver a concepção aos cidadãos, possibilitando o pensamento crítico e o efetivo acesso à informação em todos os formatos e meios. Para Drucker (1994 *apud* MIRANDA, 2012, p. 10):

Gestão é uma atividade complexa, envolvendo a combinação e a coordenação de recursos humanos, físicos e financeiros, por forma a que se produzam bens ou serviços que sejam simultaneamente procurados e que possam ser oferecidos a um preço que possa ser pago, tornando ao mesmo tempo agradável e aceitável o ambiente de trabalho de todos os envolvidos.

Assim, fundamentar o papel do bibliotecário gestor como suas habilidades e competências pode influenciar, beneficiar o desenvolvimento da unidade de informação, a qual se refletem nos processos de liderança, integração e aceitação de desafios e estratégias. Logo, o bibliotecário exerce a função de administrador, usuário é o cliente, e o serviço oferecido é o produto. Nessa concepção, destaca-se:

Líder, gerente, administrador, empresário são [...] termos designados para o mesmo papel, ou seja, aquele que dirige, coordena um grupo, sejam as tarefas, sejam as pessoas, orienta metas e estratégias, atua eficazmente na direção da produtividade, na solução de problemas, levando em conta em suas decisões, os sentimentos dos liderados, as crenças, os motivos, os talentos, promovendo mudanças com vistas ao futuro, à inovação e ao crescimento (FAREY, 1993 *apud* SCHETTE, 1999, p. 39).

O Bibliotecário gestor é o profissional administrador que coordena, organiza, comanda todas as atividades ligadas à unidade de informação e que detenha o conhecimento administrativo que permite a liderança e os procedimentos gerenciais através das metas e políticas estipuladas na unidade informacional. Ressalta que o gestor detém as teorias e tendências organizacionais, e assim fazer fluir os objetivos pessoais com as aspirações da organização, sua função é melhorar o ambiente de trabalho com processos, métodos e rotinas de qualidades.

Dessa forma, é possível notar a importância de um bibliotecário líder dotado de habilidades, como este vai impactar diretamente a organização informacional, no caso a biblioteca Escolar Amália Xavier, e realizar tarefas desde operacionais como liderar a equipe que por ali passar.

Para que a gestão alcance a qualidade com eficiência e eficaz o profissional bibliotecário deve tomar como base para alcançar os resultados ofertados a teoria da qualidade. Vergueiro (2002) afirma que:

Mesmo que existam diversos nomes para as teorias da qualidade, todos devem sua gênese à evolução do pensamento teórico da ciência administrativa, que iniciou a busca pelo conhecimento do ambiente de tomada de decisão, e, realmente, a qualidade e a ciência adminis-

trativa são muito próximas, não só nos conceitos, mas em seu campo de atuação também chegamos assim ao ponto de decisão: qualidade ou administração? Ficaremos com as duas. Passaremos a chamar essa mistura de gestão pela qualidade, ou seja, uma maneira de organização da biblioteca na qual visamos garantir aos serviços as características que estão na expectativa dos usuários.

Portanto, o bibliotecário como gestor busca oferta de serviços baseada na gestão da qualidade, no uso de ferramentas de gestão sem deixar de fora a avaliação e assim consegue proporcionar acesso e uso de qualidade a informação a todos possíveis usuários. De acordo com Santos, Fachin e Varvakis (2003, p. 86), “à medida que a importância da informação aumenta na sociedade atual, os usuários de serviços de informação passam a ser mais exigentes”, dando maior destaque à gestão de serviços em bibliotecas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A princípio, identificou-se ações atuais da gestão da qualidade, identificaram-se problemas, buscou-se formas de transformar a realidade com processos que modificam a realidade existente. Essa pesquisa de natureza aplicada, com o objetivo de gerar conhecimento para a solução de problemas específicos do ambiente informacional. A metodologia utilizada compreendeu uma pesquisa básica, de abordagem qualitativa e de caráter exploratório, a partir de uma revisão bibliográfica e documental de um estudo de caso.

4.1 Tabelas

Quadro 1 - Diagnóstico

Aspecto analisado	Pontos fortes	Pontos fracos
<p>Espaço físico</p> <p>*Características a serem observadas: área disponível, ruído, temperatura e umidade, iluminação, rede elétrica e hidráulica, infraestrutura</p>	<p>Localização central na escola</p>	<p>Há barulho nos espaços de estudo da biblioteca</p>
<p>Mobiliário</p> <p>*Características a serem observadas: quantidade de assentos para usuários de estantes e armários para guarda de acervo de postos de trabalho para a equipe</p>	<p>Mesas e cadeiras suficientes e bem distribuídas Espaço amplo e agradável</p>	<p>Balcão de atendimento não planejado para usuários portadores de necessidades especiais Sem computador em bancada acessível</p>

Estrutura organizacional (missão, valores e objetivos institucionais)	Reconhecimento da Direção do valor de existência da biblioteca	
Recursos humanos *Características a serem observadas: quantidade e capacitação	Profissionais não possuem formação na área	Sem intérpretes de Língua Brasileira de Sinais (Libras)
Acervo físico e digital (formação e desenvolvimento)		Não possui sistema de segurança eletrônico para controle do acervo.
Processamento técnico (classificação, catalogação e indexação)		Não possui uma regra. Não há CDD para classificação
Informatização		Não possui. O acervo não está cadastrado no sistema
Serviços prestados		Empréstimos
Projetos desenvolvidos		Palestras com alunos
Educação do usuário		Não possui regulamento
Gestão e planejamento		Não possui política de gerenciamento

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A escola possui um espaço que necessita de melhorias, a atual gestão tem buscado estratégias para mudar a realidade e tornar o espaço mais acolhedor. A biblioteca possui um acervo composto de muitos livros didáticos, literatura e materiais especiais. Foi implantado o Programa PHL, uma parte do acervo foi classificada e catalogada e inserida no acervo.

Quadro 2 – Prognóstico

Problema	Estratégia	Objetivos	Metas
Não tem um planejamento de suas atividades.	Planejamento de curto e longo prazo.	Instalação de uma ferramenta de gestão do Acervo.	Processo de execução das ações formuladas, instalar a ferramenta PHL.
Não possuir um manual de políticas.	Introduzir um conjunto de atividades que busca resolver as questões de uma unidade de informação.	Adotando processos e técnicas em função dos objetivos estabelecidos.	Introduzir um conjunto de atividades que busca resolver as questões da biblioteca, com a colaboração do quadro funcional através do planejamento estratégico organizacional.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

No que concerne aos instrumentos de gestão sobre planejamento estratégico, política de formação e desenvolvimento de acervo, dentre outros, a biblioteca da escola precisa melhorar, e a ausência desses instrumentos prejudica a prática da gestão e desenvolvimento do espaço. Observou-se que os professores regentes não possuem conhecimento de Biblioteconomia e estão na biblioteca por inúmeros motivos, desde questões de saúde, a complementar carga horária.

Visando as habilidades e competências necessárias para um gestor eficaz podemos ressaltar a comunicação, motivação, organização, negociação, expertise na área de atuação e liderança. A observação direta, realizada na escola, permitiu observar que os responsáveis pela biblioteca se ocupam em empréstimo de livros, no formato muito rudimentar, necessitando assim de treinamentos para otimizar o espaço.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresenta uma visão parcial da pesquisa que está sendo desenvolvida na escola sobre a relevância do bibliotecário gestor em uma biblioteca escolar da rede estadual de ensino. Enfatiza-se que os regentes da biblioteca buscam desenvolver um trabalho satisfatório, mas em virtude da falta de conhecimento do campo bibliotecônico há muitas lacunas que precisam ser sanadas, e o responsável por essa ação é o bibliotecário.

Os instrumentos de gestão, desde o planejamento às políticas institucionais, colaboram para as tomadas de decisões, favorecendo uma gestão eficaz. Sendo assim, faz-se necessário um bom plano de ação para agregar valor ao ambiente com vista de melhorias contínuas, tratar os pontos sensíveis como a qualificação e habilidades para o quadro funcional.

REFERÊNCIAS

AASL – American Association of School Librarians; Association for Educational Communications and Technology. **Information power: building partnerships for learning**. Chicago: American Library Association, 1998.

AGUSTÍN, Carmen; GIMENO, Begoña. Bibliotecas escolares. *In*: NUÑES, Eloy Martos; FERNANDES-FÍGARES, Mar Campos (org.). **Diccionario de nuevas formas de lectura y escritura**. Madrid: Red Internacional de Universidades Lectoras, Santillana, 2013. p. 67-70.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga; OLIVEIRA, Marlene de. A produção de conhecimentos e a origem das bibliotecas. *In*: CENDÓN, Beatriz Valadares *et al.* **Ciência da informação**

e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p. 24-36.

CAMPELLO, Bernadete. A competência informacional na educação para o século XXI. *In:* CAMPELLO, Bernadete Santos *et al.* **A Biblioteca escolar:** temas para uma prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. p. 9-11.

CAREGNATO, Sonia. O desenvolvimento de habilidades informacionais: papel das bibliotecas universitárias no contexto da informação digital em rede. **Revista de Biblioteconomia & Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 47-55, jan./dez. 2000. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/99818>. Acesso em: 22 mar. 2023.

IFLA; UNESCO. **A biblioteca escolar no ensino-aprendizagem para todos:** manifesto da biblioteca escolar da IFLA/UNESCO. 2007. Disponível em: <https://archive.ifla.org/VII/s11/pubs/schoolmanif.htm>. Acesso em 3 nov. 2022.

LISBOA, João *et al.* (org.). **Introdução à gestão de organizações**. 3. ed. Porto: Vida Económica, 2011.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009.

MIRANDA, Ticiane de Aguiar Moutinho de. **As mulheres executivas e seus estilos de gestão**. 2012. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Empresarial) – Faculdade Integrada, Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2012.

SANTOS, Luciano Costa; FACHIN, Gleisy Regina Bóries; VARVAKIS, Gregorio. Gerenciando processos de serviços em bibliotecas. **Ciência da informação**, Brasília, v. 32, n. 2, p. 85-94, maio/ago. 2003. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/1009>. Acesso em: 3 nov. 2022.

SCHETTE, Fátima Rosely. **Ser líder:** um estudo fenomenológico de depoimentos. 1999. 121 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 1999. Disponível em: <https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/15860>. Acesso em: 3 nov. 2022.

VERGUEIRO, Waldomiro. **Qualidade em serviços de informação**. São Paulo: Arte & Ciência, 2002.



Modalidade: Resumo Expandido

GT 4: Gestão e Empreendedorismo em Unidades de Informação

Desafios no gerenciamento de ambientes informacionais: um breve estudo de caso com a biblioteca *Elva Grace Barber* do Seminário e Faculdade Batista do Cariri

Gleidson Dejair de Oliveira

Pedro Lucas de Sousa Grangeiro

Arysa Cabral Barros

Resumo: Ressalta que o gerenciamento de um ambiente de informação requer a criação e o desenvolvimento de diversas competências informacionais pelo profissional bibliotecário, considerando o planejamento estratégico uma importante abordagem para se atingir os objetivos da instituição. Levando-se isso em consideração, o presente resumo tem como objetivo analisar como esse planejamento estratégico é realizado, em particular, pela bibliotecária Taís Borges no contexto da biblioteca *Elva Grace Barber* do Seminário e Faculdade Batista do Cariri. Quanto ao aspecto metodológico, ele compreende a abordagem bibliográfica para sua fundamentação teórica, bem como um estudo de caso qualitativo para a verificação dos seus aspectos contextuais específicos. Infere que o gerenciamento do ambiente informacional em questão tem contribuído para o êxito tanto do fazer biblioteconômico da profissional quando da própria instituição.

Palavras-chave: ambientes informacionais; gerenciamento informacional; competências informacionais.

1 INTRODUÇÃO

O gerenciamento de ambientes informacionais representa para o profissional bibliotecário um grande desafio no exercício de suas funções. Através dele, os bibliotecários podem criar e desenvolver competências capazes de contribuir significativamente para o desenvolvimento do seu ambiente de atuação. Por meio de diversas estratégias junto à organização a que ele faz parte, ou mesmo a outros agentes externos que estão ligados ao seu fazer, cada um dos desafios pode não só ser superado, mas também servir como estímulo ao desenvolvimento coletivo consciente. Para tanto, o

bibliotecário precisa das competências informacionais adequadas ao seu contexto de atuação, a fim de que o máximo do seu potencial seja alcançado e ele exerça o protagonismo dentro da instituição a que serve.

Diante disso, o presente resumo, realizado por meio de um estudo de casos, se propõe a responder o seguinte questionamento: quais são os desafios do gerenciamento de um ambiente de informação enfrentados pela bibliotecária Taís Borges no contexto da biblioteca *Elva Grace Barber* do Seminário e Faculdade Batista do Cariri? Identificados tais desafios, serão propostas abordagens estratégicas que ajudem a superar esses desafios.

Este resumo se justifica pela necessidade de reflexão sobre o tema da atuação do profissional bibliotecário em voga na atualidade, sendo a gestão da informação uma das suas principais atribuições. Considera-se também o fato de que o bibliotecário enfrenta diversos desafios no exercício de suas funções, especialmente no que tange à criação e execução de estratégias que ajudem no crescimento da instituição onde ele está vinculado.

Isto posto, o objetivo da pesquisa é verificar como a bibliotecária Taís Borges, formada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Cariri (UFCA), desempenha suas atribuições profissionais na biblioteca do Seminário e Faculdade Batista do Cariri, situada na cidade de Crato. Além disso, também se pretende identificar como tais atribuições se relacionam com as pretensões da instituição de ensino superior especializada em Teologia.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os caminhos do fazer científico são muitos e diversos. Por isso, é premente consideramos qual a melhor forma de percorrê-los. Essa postura diante do estudo procura evitar caminhos desordenados que são capazes de levar a conclusões deficientes. Logo, tão importante quanto saber aonde se quer chegar, é delimitar a melhor forma de chegar até lá. Isso exige do observador um olhar atento e minucioso, a fim de que sua percepção seja a mais realista e objetiva possível em relação ao objeto de estudo. Por esta razão, as metodologias de pesquisa exercem uma função singularmente importante quanto ao método científico.

Levando-se isso em consideração, a presente pesquisa possui caráter bibliográfico por considerá-lo o mais apropriado para o levantamento e apreciação das informações que se deseja. A análise também se valerá de um estudo de caso com viés descritivo, por meio do qual procuramos apresentar como o planejamento estratégico dentro de um ambiente de informação é tão necessário no enfrentamento dos seus desafios.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

É comum observarmos na conceituação do que é a gestão de unidades de informação uma confusão semântica entre os termos gestão e administração. Em boa parte dos casos, os termos são tratados de forma sinonímia. Contudo, a partir de um olhar mais atento, fica nítido que eles têm suas particularidades bem definidas. Segundo o conceito clássico de administração proposto por Fayol, administrar está mais voltado para aspectos técnicos como planejar, controlar e dirigir especialmente os recursos humanos. Já a gestão, segundo Silva (2021), compreende a integração de técnicas e funções que coadunam simultaneamente para o desenvolvimento eficiente e eficaz das instituições, considerando estratégias previamente estabelecidas e a aplicação do devido prognósticos de atuação.

No que concerne às unidades de informação, Silva e Fernandes (2017) as compreendem como organizações que possuem missão, objetivos, serviços oferecidos, público-alvo, estratégias de reconhecimento do ambiente informacional e que, portanto, necessita de um profissional gestor capaz de liderar outros profissionais, de acordo com suas competências, para atuarem nesses ambientes que se caracterizam pela dinamicidade. Para além das pessoas, ele também deve ser capaz de gerenciar os diferentes fluxos informacionais nos diferentes níveis organizacionais no seu ambiente de atuação. Em suma, todo bibliotecário deveria ser um gestor por excelência e pela necessidade do contexto. Contudo, nem sempre essa é a visão que se tem dele e duas competências.

Maciel (2006) compreende os bibliotecários como pessoas hiper ocupadas, com pouco tempo para avaliação sua atuação e, especialmente, com enormes dificuldades de lidar com as diversas estruturas informacionais que estão à sua volta. Por isso, ela entende que as bibliotecas devem ser enxergadas como organizações, ou mesmo como empresas sem fins lucrativos, com resultados programados e avaliações constantes. Essa percepção do bibliotecário, depreendida por sua realidade corriqueira, o coloca não só em uma posição de observador, mas principalmente de protagonista frente aos desafios e à possibilidade de desenvolvimento.

Gerenciar ambientes informacionais pode ser considerado um enorme desafio. Isto exige do profissional da informação o aprimoramento de competências variadas, para que o êxito de sua instituição tenha condições de ser alcançado. Para tanto, ele precisa ter um arcabouço de conceitos e ferramentas que o ajudem no bom desempenho de suas atribuições. Ele necessita traçar estratégias, levando em consideração o contexto de atuação do seu ambiente informacional, para propiciar a eficácia dos seus objetivos e resultados. Além disso, ele também ser capaz de criar condições para que as operações traçadas na dimensão estratégica sejam operacionalizadas de forma

eficiente, seguindo diversas tomadas de ação (RAMOS, 1996).

Organizar de forma adequada um ambiente de informação implica na capacidade de fazer os processos e fluxos informacionais funcionarem de maneira harmoniosa e coordenada. Logo, as funções de analisar, organizar e oferecer serviços de informação de qualidade se tornam prerrogativas básicas de qualquer unidade de informação. Desse modo, a organização de uma unidade informacional envolve uma estrutura interna de operações que vai desde a escolha de serviços e produtos a serem oferecidos, passando pela alocação dos recursos materiais e humanos, até a capacitação para o trabalho etc. (VERGUEIRO; MIRANDA, 2007).

Mas para que isso seja possível, é primordial que o profissional da informação planeje a curto, médio e longo prazo, todas as ações a serem desempenhadas nos diversos setores da organização. Vale ressaltar ainda que o planejamento é um procedimento contínuo e dinâmico, assim como são os vários fluxos informacionais dentro da organização. Uma vez realizado de modo a considerar o contexto cultura interno e externo da instituição, o planejamento dará forma a cada uma das ações posteriores, resultando em produtos e serviços que atendam às necessidades e demandas informacionais dos seus usuários (VALENTIM, 2017).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Seminário Batista do Cariri é uma instituição de ensino religioso que foi fundada em fevereiro de 1946, na cidade de Juazeiro do Norte, e tinha como propósito capacitar pastores e obreiros para a pregação do Evangelho e auxílio de Igrejas locais. Ela esteve localizada onde atualmente é o *Cariri Garden Shopping* até o ano de 1995. No entanto, ainda no mesmo ano, ela mudou de endereço, passando a desenvolver suas atividades na cidade de Crato.

Os fundadores da instituição foram missionários norte-americanos que chegaram ao Brasil ainda na década de trinta, e viam nas instituições de ensino, como escolas e seminários, uma oportunidade de expandir sua influência cristã evangélica não só para os caririenses, mas para pessoas de diversos outros estados da federação. Não demorou muito e ela logo se consolidou como referencial para as diversas Igrejas Batistas Regulares de todo o Brasil, se tornando um dos seus principais centro de formação na área da Teologia Protestante.

Seu reconhecimento e excelência no ensino teológico, deve-se, em grande medida, ao acervo que mantém em sua biblioteca, o qual conta com mais de quatorze mil e duzentos exemplares no formato de livros, revistas, jornais, fitas cacetes, até materiais infantis como fantoches, cartazes etc. Todo esse material é organizado em um espaço próprio, contendo prateleiras, mesas de estudos, espaço para leitura, sala de

pesquisa online, sala da bibliotecária e balcão de atendimento ao usuário.

O acervo é acomodado em prateleiras de madeira com portas de vidro, sendo que todo o espaço é cercado por janelas, o que em parte torna o ambiente bastante arejado, mas se mostra sujeito à umidade elevada, especialmente durante o período de chuvas. Ela conta ainda com um espaço livre central que pode ser utilizado para paisagismo e jardinagem. Ela também oferece os serviços de consultas manual e online, o que confere maior autonomia por parte dos usuários durante seus momentos de estudos e pesquisas. Além disso, ela também conta com *softwares* pagos de última linha na área da pesquisa teológica como o *Logos* e o *Bible Works*.

Vale salientar também que o espaço da biblioteca conta com uma rampa de acesso para os cadeirantes que desejam acessar o andar superior, bem como possui piso tátil para deficientes visuais em todo o seu perímetro. Destaca-se também que o balcão de atendimento foi adaptado para facilitar o acesso aos cadeirantes. Dessa forma, ela se mostra uma biblioteca com sistemas básicos de acessibilidade ao público. Não se observa qualquer tipo de restrição do acervo para consulta local direto nos exemplares.

Como se observou também, a biblioteca do Seminário e Faculdade Batista do Cariri é uma unidade de informação especializada, posto que se dedica majoritariamente à construção de um acervo voltado para o estudo e ensino de Teologia. Mediante a verificação e avaliação do seu espaço físico foi possível perceber alguns pontos importantes a respeito da conservação do seu acervo que precisam ser destacados.

É salutar considerar que a avaliação é uma atividade que tem como objetivo analisar os serviços e produtos que são ofertados por unidades de informação, a partir dos seus pontos fracos e fortes. A razão para tanto é traçar planos de atividades que possam melhorar os produtos e serviços, além da estrutura física da instituição (SANTOS; OLIVEIRA, 2021). Em primeiro lugar, quando à conservação do acervo, observou-se que ela possui pontos de fragilidade, como o fato de ele permanecer quase que o tempo inteiro dentro de estantes fechadas, o que facilita o processo de deterioração documental. Ele também é bastante sujeito à umidade, uma vez que a claraboia é aberta. Além disso, há problemas com a iluminação natural, posto que em determinados períodos do ano, há incidência da luz solar bem próximo das estantes.

Em segundo lugar, o espaço onde ficam as prateleiras é limitando, dificultando, assim, a alocação de novas prateleiras para futuros materiais. Foi informado que os gestores estudam uma possibilidade de novas estantes serem colocadas em parte da área reservada para estudos. Além disso, o acervo passou recentemente por uma adequação dentro das próprias prateleiras para acomodação de novos exemplares. No entanto, essa foi uma medida paliativa adotada durante o processo de tomada de

decisão sobre como acomodar, de forma mais adequada, o acervo, o qual se encontra em constante crescimento.

Alguns pontos positivos também foram verificados. O primeiro deles foi a clareza com que as informações estão dispostas na biblioteca. Além do auxílio da bibliotecária de referência, a biblioteca também conta com placas indicativas em cada uma das áreas, bem como nas estantes, para a identificação dos assuntos que estão dispostos em cada uma delas. Essas informações de localização estão disponíveis também para verificação em braile.

O segundo aspecto positivo a ser destacado é a organização do acervo por área. Há estantes exclusivas para livros, para revistas teológicas, para os livros da Bíblia em braile e para monografias e dissertações. Desse modo, os usuários conseguem ter maior facilidade em encontrar cada parte do acervo de acordo com as suas necessidades informacionais.

Para analisarmos o papel gerencial da bibliotecária Taís Borges junto ao Seminário e Faculdade Batista do Cariri, foi realizado um questionário com cinco perguntas norteadoras. A primeira delas visava identificar quais eram suas prioridades gerenciais. Ao que ela respondeu que o planejamento estratégico é primordial nas suas tomadas de decisões. Ele é feito no início de cada ano e pode sofrer alterações conforme algumas demandas forem surgindo.

A segunda pergunta consistia na seleção de três variáveis que se encaixavam no enfoque organizacional adotado pela biblioteca onde ela atua. A primeira variável escolhida foi **pessoas**, uma vez que ela vê a importância da liderança na criação de relacionamentos, no treinamento dos colaboradores (uma assistente e dois bolsistas), na melhoria do ambiente informacional, na capacidade de reagir adequadamente a situações adversas, na criatividade em propor soluções para a mitigação de problemas. A segunda variável pontuada foi **ambiente**, a qual se baseia na missão da instituição a que faz parte, juntamente com os seus componentes e colaboradores. A terceira variável que ela marcou foi **tarefas**, a qual está vinculada a racionalização e planejamento de atividades no âmbito operacional. Ela se utiliza dessa variável, especialmente, no trato com os bolsistas, uma vez que eles são delegados a realizar tarefas que vão desde a organização e disposição do acervo nas estantes, passando pelo atendimento aos usuários, até o tratamento técnico que é dado a novos exemplares etc.

A terceira pergunta pretendia verificar se existia a preocupação de inculcar o significado e implementação de adoção da Gestão da Informação no ambiente da biblioteca. Ao que ela respondeu que isso é feito de forma mais direta a partir do processamento técnico que é realizado. Além disso, ela se mostrou envolvida com os outros departamentos da instituição como a diretoria, a coordenadoria e o departamento de

finanças, influenciando-os a olhar para a biblioteca e suas demandas como aspectos importantes dentro da instituição.

A quarta pergunta pretendia identificar quais eram os papéis gerenciais que a bibliotecária possuía. Dentre as dez opções oferecidas, ela marcou cinco delas. O primeiro papel gerencial que ela destacou foi **líder**. É responsável por delegar atividades para os seus colaboradores, levando-os à realização dos objetivos traçados durante o processo de planejamento. O segundo papel gerencial que ela destacou foi o **disseminador**. Como ela pontuou, todas as informações pertinentes para o exercício das funções dos seus colaboradores são comunicadas com bastante frequência. O terceiro papel destacado por ela foi **solucionador de conflitos**. Dentro da organização onde ela trabalha existem forças trabalhando juntas, de sorte que em dados momentos elas entram em conflito e podem acabar prejudicando o andamento das atividades da biblioteca, razão pela qual ela geralmente está atenta para saber lidar da melhor forma possível. O quarto papel selecionado foi **administrador de recursos**. Nesse ponto ela destaca a desenvoltura que é preciso ter para que a biblioteca seja um ambiente informacional minimamente assistido, principalmente em termos de recursos financeiros, visto que estes são relativamente escassos. O quinto papel ressaltado foi o **negociador**. Sempre que possível ela apresenta as demandas da biblioteca junto aos líderes da instituição, a fim de que elas estejam sempre em pauta, ainda que nem sempre sejam contempladas como se espera.

A quinta e última pergunta pretendia avultar se eram realizadas avaliações regulares dos serviços prestados e dos objetivos estratégicos definidos. Ela respondeu que sim, levando-se em consideração os pré-requisitos das avaliações governamentais exigidos da parte da instituição, posto que ela é reconhecida pelo Ministério da Educação (MEC).

Como se pode observar a partir das respostas fornecidas acima, pode-se afirmar que a bibliotecária Taís Borges possui as competências informacionais necessárias para o desempenho do seu papel como mediadora da informação. Além de suas competências informacionais, ela também possui competências administrativas que contribuem para que a Biblioteca *Elva Grace Barber* seja parte essencial no processo de formação dos discentes do Seminário e da Faculdade Batista do Cariri.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo o que foi exposto sobre o ambiente de informação em questão, percebe-se que ele está bem alinhado com a instituição a que serve ao ponto de atingir o seu principal objetivo, que é auxiliar na formação de pastores e obreiros para as Igrejas Batistas Regulares. Pontua-se ainda que apesar de ser um ambiente com alguns

pontos negativos, a biblioteca dispõe de um acervo muito rico e abundante no que tange ao estudo da Teologia, chegando a ser considerado o maior acervo desse tipo do estado do Ceará.

Também foi possível perceber que ela fornece as condições necessárias básicas para que os seus usuários tenham acesso à informação de qualidade, por meio dos produtos e serviços que são ofertados. Destacam-se entre eles, por exemplo, a presença de bolsistas capacitados, uma assistente competente, bem como as indicações de placas de referência para identificação de cada assunto disposto nas estantes, fazendo dele um ambiente atrativo para os seus usuários.

Destaca-se também, a acessibilidade que ela possui, o que facilita a locomoção de pessoas cadeirantes, bem como a leitura de materiais e documentos por deficientes visuais. Isso mostra que o acesso à informação é levado a sério pela instituição e mais especificamente pela biblioteca que ela acomoda. Vê-se, a partir disso, que o aspecto social de inclusão é um dos pontos fortes dessa unidade de informação.

REFERÊNCIAS

MACIEL, Alba Costa; MENDONÇA, Marília Alvarenga Rocha. **Bibliotecas como organizações**. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2006.

RAMOS, Paulo Baltazar. A gestão na organização de unidades de informação. **Ciência da Informação**, [s. l.], v. 25, n. 1, 1996. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/671>. Acesso em: 02 out. 2023.

SANTOS, Cíntia Marques dos; OLIVEIRA, Paula Alessandra Gonçalves de. Avaliação de serviços em unidades de informação: caminho em construção. In: SILVA, Edilene Maria da (org.). **Gestão de unidades de informação na atualidade**. Recife: Ed. UFPE, 2021. p. 53-70.

SILVA, Edilene Maria da. Sou gestor de unidade de informação: e agora? Metodologias e ferramentas para dar suporte à gestão. In: SILVA, Edilene Maria da (org.). **Gestão de unidades de informação na atualidade**. Recife: UFPE, 2021. p. 10-30.

SILVA, Ilaydiany Cristina Oliveira da; FERNANDES, Tatiana Brandão. Gestão de pessoas em unidades de informação. In: SPUDEIT, Daniela; KROEFF, Marcia Silveira (org.). **Gestão de unidades de informação**. São Paulo: FEBAB, 2017. p. 39-53.

VALENTIM, Marta Lígia Pomim. Planejamento em ambientes de informação. In: SPUDEIT, Daniela; KROEFF, Marcia Silveira (org.). **Gestão de unidades de informação**. São Paulo: FEBAB, 2017. p. 17-38.

VERGUEIRO, Waldomiro; MIRANDA, Angélica Conceição Dias (org.). **Administração de unidades de Informação**. Rio Grande: Editora FURG, 2007.



Modalidade: Trabalho Completo

GT 5: Pesquisa e Comunicação Científica

Inclusão Social e Bibliotecas Públicas: uma análise bibliométrica

Elizabeth da Paz Santos

Adriane de Oliveira Silva

Gustavo Cardoso Oliveira

Isaura Nelsivania Sombra Oliveira

Resumo: A atuação bibliotecária pode contribuir significativamente para o alcance dos objetivos da Agenda 2030, uma vez que a área da Biblioteconomia é multidisciplinar e dialoga com diversos campos de estudo. Isto posto, o presente trabalho objetivou mapear a produção acadêmico-científica no contexto da inclusão social, um dos principais pilares da Agenda 2030, nas bibliotecas públicas, espaços fundamentais para o acesso à informação. A metodologia utilizada consistiu em uma pesquisa descritiva e quantitativa, onde foi realizado um levantamento na base de dados *Clarivate Analytics Web Of Science (WoS)* para o alcance dos objetivos. Com isso, os resultados obtidos serviram para evidenciar a escassez de publicações acerca da temática supracitada, assim como o baixo número de países produzindo artigos sobre a inclusão social nas bibliotecas públicas. Portanto, destacou-se a necessidade de maiores contribuições da Biblioteconomia para o alcance dos objetivos estabelecidos na Agenda 2030.

Palavras-chave: Agenda 2030; inclusão social; bibliotecas públicas; bibliometria.

1 INTRODUÇÃO

A Biblioteconomia é uma área multidisciplinar que envolve diversos campos de estudo, como a gestão de unidades informacionais, pesquisas científicas, tecnologias da informação, entre outros. Tudo isso com a finalidade de possibilitar os seus profissionais, bibliotecários, a atuarem em várias esferas da sociedade, incluindo a educação, cultura, política, economia e saúde. Pretendendo, então, disponibilizar informações que atendam as necessidades da população.

Dessa forma, a atuação bibliotecária gera impacto em várias esferas da sociedade, uma vez que possibilita a democratização do saber e a criação de insumos para a produção de novos conhecimentos. Sabendo que a Agenda 2030 da Organização

das Nações Unidas (ONU) tem como um dos seus principais pilares a inclusão social, tem-se as bibliotecas públicas como locais de compartilhamento e difusão de conhecimento, fator imprescindível no esforço conjunto para a mitigação das desigualdades sociais. Assim, nota-se que a Biblioteconomia pode contribuir criando espaços seguros para diferentes grupos sociais e oferecendo referências e eventos culturais que busquem desenvolver uma sociedade mais igualitária.

Nesse contexto, é de interesse averiguar o que vem sendo elaborado acerca de tal temática, buscando responder a seguinte pergunta: Qual a produtividade acadêmico-científica dos autores e as redes de conhecimento estabelecidas no campo de estudo da inclusão social nas bibliotecas públicas, visto a necessidade de cumprir os objetivos estabelecidos na Agenda 2030?

Em virtude disso, tem-se como objetivo geral, mapear a produção acadêmico-científica no contexto da inclusão social nas bibliotecas públicas.

Os objetivos específicos, por sua vez, são:

- a) Mostrar como as bibliotecas públicas são importantes para a inclusão social;
- b) Mapear a produção registrada na *Clarivate Analytics Web of Science* até o ano de 2022, utilizando os termos **Social Inclusion** e **Public Libraries** e;
- c) Caracterizar os dados obtidos através de análise descritiva.

Dessa maneira, a atuação bibliotecária demonstrará a sua transversalidade ao evidenciar o que a ciência diz a respeito sobre inclusão social nesses locais nos últimos anos.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo pretende mapear a produção científica relativa à inclusão social e às bibliotecas públicas, na área da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, assumindo o caráter de pesquisa descritiva, que designa o tipo de pesquisa que “visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (SILVA; MENEZES, 2000, p. 21). Em vista disso, tem-se uma pesquisa de abordagem quantitativa, uma vez que, como definido por Minayo (2008), os métodos quantitativos buscam mostrar dados, indicadores, bem como tendências a partir do que foi coletado na amostra, podendo também produzir modelos teóricos a partir dos indicativos evidenciados.

A base escolhida para a realização do levantamento dos dados foi a *Clarivate Analytics Web Of Science* (WoS), por ser uma base abrangente e multidisciplinar. Foi feita uma varredura do período entre 1997 e 2022, rastreando todos os artigos indexados na coleção principal da WoS que se enquadrassem em uma estratégia de busca. Assim,

foi de interesse realizar o levantamento dos documentos que relacionem os termos **Inclusão Social** e **Bibliotecas Públicas**, para tal, foi necessária a elaboração de uma estratégia de busca adequada aos objetivos e à base de dados escolhida. Inicialmente, foram definidos os termos de busca, **Social Inclusion** e **Public Libraries**, definidos no idioma vigente da base de dados, o inglês. A associação dos termos foi feita por meio do booleano **AND**, sendo aplicada a todos os campos de busca. Posteriormente, foram filtrados pela categoria **Information Science Library Science**. Finalizada a estratégia de busca, os dados foram exportados da base e importados para o *Biblioshiny*, interface web para o pacote *Bibliometrix*, utilizado no software de análise de dados *RStudio*, após a importação é efetuada a análise.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A transversalidade da atuação bibliotecária é fundamental para garantir que as unidades informacionais estejam alinhadas aos objetivos da Agenda 2030 e possam contribuir efetivamente para o seu alcance. As bibliotecas, principalmente, são caminhos importantes para solucionar questões essenciais acerca desse viés, visto que são espaços onde o conhecimento é democratizado, tendo os bibliotecários como profissionais que devem contribuir para a acessibilidade, o estímulo da leitura e a inclusão social.

Não obstante, embora os livros sejam fundamentais e ainda sejam a base da maioria das bibliotecas, estas também podem oferecer outros recursos e serviços que ampliam suas possibilidades e atendem a diversas necessidades da comunidade. Elas podem conceder acesso a diferentes tipos de mídias e recursos digitais, como revistas, jornais, e-books, bases de dados, periódicos eletrônicos, entre outros. Além disso, essas unidades informacionais são fundamentais na pesquisa e na busca de informação, assim como na orientação para a produção acadêmica e científica. Ou seja, as bibliotecas têm a capacidade de conduzir informações especializadas a um público que não tem acesso e nem usabilidade a elas.

Análogo a isso, tem-se os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), programa da Organização das Nações Unidas (ONU) estabelecido para atingir uma agenda de ação prevista até 2030, a Agenda 2030. Os 17 objetivos, apresentados na Figura 1, “abordam os principais desafios de desenvolvimento enfrentados por pessoas no Brasil e no mundo” (ONU, 2015a, online).

Figura 1 – 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável



Fonte: Burgos (2020).

Levando em consideração que as bibliotecas são ricos espaços de encontro e de promoção da cultura e do conhecimento, à primeira vista, já é possível perceber que elas podem contribuir para o alcance de objetivos como a “Educação de Qualidade” (ONU, 2015b), assegurando a educação inclusiva e promovendo oportunidades de aprendizagem continuada, como a “Igualdade de Gênero” (ONU, 2015c), incluindo em seu acervo mais obras de autoria e de protagonismo de gêneros discriminados, assim como promovendo eventos que busquem acolhê-los, a fim de tornar o tratamento cada vez mais equitativo à todos os gêneros e como a “Redução das Desigualdades” (ONU, 2015d), oferecendo recursos e serviços que acolham todos os públicos, independentemente de sua origem social, econômica ou cultural.

Portanto, o presente trabalho buscou conceituar as bibliotecas públicas e explicar como estas podem ser fundamentais na inclusão social almejada pela Agenda 2030. Utilizando-se da transversalidade da atuação bibliotecária para mensurar o número de produções científicas em torno desta temática por intermédio da bibliometria, área da Ciência da Informação que utiliza métodos quantitativos para analisar e medir aspectos da produção científica e da informação em geral, com o objetivo de extrair informações relevantes sobre o impacto e a importância dessas publicações.

3.1 Bibliotecas Públicas

Bibliotecas são locais que objetivam fornecer acesso à informação, educação e cultura para os seus usuários, servindo como uma fonte de conhecimento e de apren-

dizado. Essas instituições formam o seu acervo de acordo com o seu público. Em vista disso, elas podem ser consideradas como escolares, universitárias, especializadas, privadas ou públicas. As bibliotecas públicas, por exemplo, oferecem acesso gratuito a uma ampla variedade de materiais de leitura, atendendo as necessidades informacionais de vários membros da sociedade. Tendo os bibliotecários como profissionais que atuam como administradores e mediadores da informação contida naquele espaço. Segundo a UNESCO (1944, p. 1), “os serviços fornecidos pela biblioteca pública baseiam-se na igualdade de acesso para todos, independente de idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua ou status social”. Ou seja, estes centros de informação precisam refletir a sociedade atual e suas constantes mudanças, assegurando que todos os seus usuários encontrem materiais adequados às suas necessidades.

Nesse sentido, sabe-se que as bibliotecas públicas são mantidas pelo governo de um estado ou de um país, ou até mesmo por outras entidades públicas. E é dever das autoridades promover a igualdade de oportunidades e reduzir as desigualdades sociais nesses locais, oferecendo acesso gratuito a informações e conhecimentos que podem ser fundamentais para o desenvolvimento pessoal e profissional da população. Portanto, torna-se evidente que as bibliotecas públicas não são apenas espaços de leitura, mas sim, centros de informação e de conhecimento, que desenvolvem a formação de opinião e o pensamento crítico de seu público.

3.2 Agenda 2030 e inclusão social

Tendo em vista a busca por uma sociedade mais igualitária e sustentável, foi estabelecida, em 2015, a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, que conta com 17 objetivos e 169 metas a serem alcançadas pelos países parceiros até o ano de 2030.

Dentre os objetivos propostos, o item de número dez trata da redução das desigualdades, trazendo como a meta 10.2 “Até 2030, empoderar e promover a inclusão social, econômica e política de todos, independentemente da idade, gênero, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição econômica ou outra” (ONU, 2015c). No Brasil, a meta 10.2 teve seu texto alterado para “Até 2030, empoderar e promover a inclusão social, econômica e política de todos, de forma a reduzir as desigualdades, independentemente da idade, gênero, deficiência, raça, etnia, nacionalidade, religião, condição econômica ou outra” (INSTITUTO..., 2019), pois partiu-se do entendimento que a palavra **gênero** seria mais inclusiva e que **nacionalidade** teria um caráter mais prático, bem como foi adicionado o trecho **de forma a reduzir as desigualdades** que apresentava um objetivo mais claro para a meta.

Diante disto, vê-se como a inclusão social está intrinsecamente ligada à cons-

trução de uma sociedade cidadã sustentável, que leva em consideração todos os seus indivíduos, não ignorando suas especificidades.

Sasaki (1999, p. 41) conceitua a inclusão social como o

[...] processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos.

A sociedade e as pessoas que a integram devem agir em conjunto com o propósito de mitigar as adversidades que possam, porventura, dificultar a plena existência de todos os indivíduos como participantes ativos do corpo social, seja trazendo os obstáculos à discussão, seja fornecendo subsídios para sua resolução.

Considerando o papel social das bibliotecas públicas, nota-se como esses ambientes de compartilhamento de informação e conhecimento estão integrados com o objetivo de empoderar e promover a inclusão social da comunidade em que está inserida.

3.3 Bibliometria

Os avanços tecnológicos modificaram, aceleraram e globalizaram o fluxo informacional das produções científicas, assim, se produziu mais e o acesso foi facilitado às grandes quantidades de informação. O uso de métricas permite aos pesquisadores analisar o que está sendo produzido, o impacto das produções e como se dá o fluxo informacional das produções científicas de uma determinada área de interesse.

De acordo com Macias-Chapula (1998 *apud* TAGUE-SUTCLIFFE, 1992), o termo Bibliometria foi usado pela primeira vez por Pritchard em 1969, sendo o estudo quantitativo da produção, disseminação e uso da informação registrada, que por meio da geração de padrões e modelos matemáticos, elaborar previsões e apoiar a tomada de decisões.

Assim, a produtividade dos autores, a cooperação entres os mesmos, a quantidade de citações, a distribuição espacial e temporal são quantitativos elementares para a Bibliometria. Okubo (1997) aponta que as técnicas bibliométricas, contagem de artigos com atribuição por país, por instituição e por autor, contagem de citações, para medir o impacto do trabalho publicado na comunidade científica, contagem de cocitações (o número de vezes que dois artigos são citados juntos em um único arti-

go), entre outras técnicas que se combinam para produzir medições detalhadas e mais eficazes.

Entre os índices bibliométricos destaca-se o índice h, que mensura a produtividade e o impacto das citações das publicações, usualmente, de um autor, mas podendo também ser aplicado a uma fonte de informação, sendo fortemente atrelado à quantidade de publicações e quantidade de citações, seu valor é relativo de acordo com a área do pesquisador.

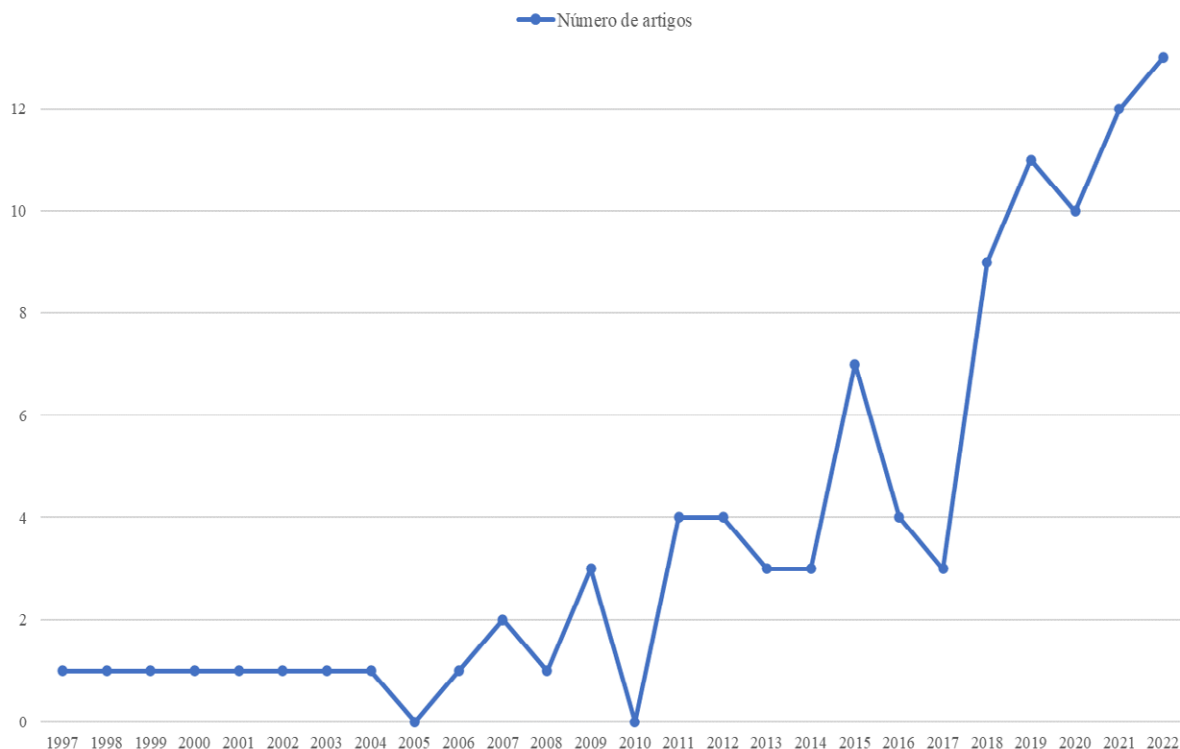
Além de técnicas e índices, a Bibliometria possui três leis principais: a Lei de Bradford (Lei de dispersão), objetiva identificar os periódicos de maior relevância em uma área específica; a Lei de Lotka (Lei do quadrado inverso), trata da produtividade científica de autores, o impacto de sua produção em sua área de atuação; e a Lei de Zipf (Lei de mínimo esforço), a qual visa mensurar frequência de palavras para construção de uma lista ordenada de termos recorrentes de uma determinada área.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados importados para o *Biblioshiny* foram filtrados para a retirada dos documentos publicados em 2023, uma vez que a produção ainda está em aberto. Após a filtragem, obteve-se 98 documentos, de 1997 a 2022, distribuída por 29 países com 184 autores, média de citação por documento de 9,255, e taxa de crescimento anual de 10,8% na produção de documentos relacionando a inclusão social e as bibliotecas públicas, dispostos na *Clarivate Analytics Web Of Science*.

No Gráfico 1, é possível observar uma tendência crescente na produção científica do assunto supracitado. Observando o comportamento após 2015, ano em que se estabeleceu a Agenda 2030, é identificado um crescimento acentuado em relação aos anos anteriores. Em 2017, ponto de maior declínio da produção após 2015, é observada uma produção maior ou igual a maioria dos anos anteriores, sendo ultrapassado somente pelos anos de 2011 e 2012. Após 2017, nota-se o crescimento da produção se distanciando em muito das produções anuais anteriores a 2015.

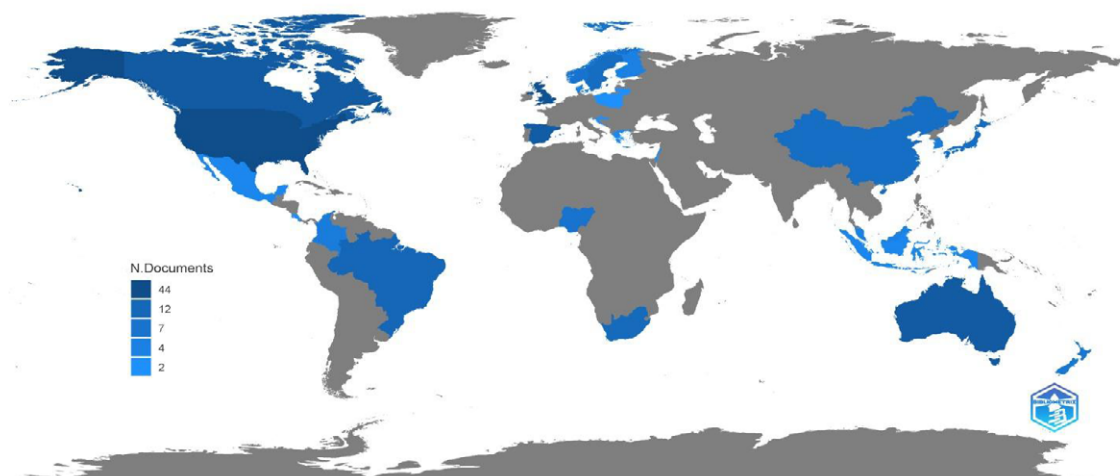
Gráfico 1 – Produção científica anual



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Com relação à produção específica dos países (Gráfico 2), os Estados Unidos aparecem ocupando a primeira posição com 44 documentos produzidos, seguido pelo Reino Unido com 34, Austrália e Canadá com 22, Espanha com 21, e na quinta posição o Brasil com 13 documentos produzidos. No Brasil, os primeiros artigos obtidos nos dados são dois artigos de 2012, aumentando somente em 2018, ou seja, de 2013 a 2017 não constam artigos produzidos no Brasil.

Gráfico 2 – Produção científica por país
Country Scientific Production



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

No que concerne ao número de citação por país, as posições se alteram consideravelmente com relação à produção, ou seja, o país que mais produz não é necessariamente o mais citado, sendo este o Reino Unido com 154 citações, seguido pela Noruega com 142 citações, Estados Unidos com 102 e o Brasil aparece somente na 23ª posição com apenas uma citação. Considerando a citação média por artigo, ganham destaque a China, ocupando a segunda posição, e Israel, ocupando a terceira, com citação média de artigo de 22,5 e 14, respectivamente, e em primeiro lugar está a Noruega com artigos citados em média – 71 vezes.

No tocante aos autores, Stilwell C é o autor de maior relevância com maior produtividade e impacto do local, possuindo maior índice h em relação aos demais autores. Já as fontes de maior relevância foram a *Information Research: an International Electronic Journal*, seguidos pela *Journal of Documentation* e *Profesional de la Information*, ambas com mesma quantidade de artigos. Relativo ao impacto das fontes, a *Journal of Documentation* (índice h = 6) é a de maior impacto dentro dos dados analisados, sucedido pela *Library & Information Science Research* e *Profesional de la Information*, ambas com mesmo impacto local (índice h = 4). E o artigo mais citado globalmente é o *Use of library space and the library as place* (DOI: 10.1016/j.lisr.2011.06.002), cujos autores são Svanhild Aabø e Ragnar Audunson, publicado em 2012 pela *Library & Information Science Research*.

Através da Lei de Zipf, obteve-se uma lista ordenada de termos do escopo de interesse, inclusão social e as bibliotecas públicas (observar gráfico 3). Os dez primeiros termos em ordem de frequência foram: *information; public-libraries; social inclusion; community; inclusion; access; internet; literacy; services; integration*.

Gráfico 3 – Frequência das palavras



Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

Observa-se que o termo mais frequente não é nenhum dos termos utilizados na estratégia de busca, ademais é interessante notar a presença de termos como alfabetização, integração, comunidade e acesso, associados à área pesquisada neste trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os dados obtidos, foi possível perceber a escassez de artigos publicados na WoS relacionando a inclusão social e as bibliotecas públicas em 25 anos, o primeiro artigo identificado vinculando os dois tópicos de assunto aparece em 1997. Além disso, ao observar a produção por país, é notório que a maioria dos artigos produzidos são dos Estados Unidos, com um total de 44 artigos, equivalente a 50% de todos os artigos, ou seja, os dados obtidos são espacialmente concentrados. Também é notável um crescimento da produção após o estabelecimento da Agenda 2030, embora o estudo não disponha de elementos suficientes para afirmar que esta seja a causa de aumentos mais significativos. Com relação ao Brasil, embora seja o 5º país com mais artigos, possui 13 artigos, enquanto o país na posição anterior dispõe de 21. Outrosim, vale salientar que o primeiro artigo deste país é de 2012, representando um início de produção tardia, conforme os dados.

Por fim, torna-se evidente que a *Clarivate Analytics Web Of Science* possui 55 milhões de registros e somente 98 artigos de 29 países que tratam do assunto de inte-

resse deste trabalho. Desse modo, cabe aos bibliotecários e cientistas da informação aumentar a frequência de pesquisa e produção acadêmico-científica nesta área, visto que eles são os profissionais responsáveis por satisfazer as necessidades informacionais dos usuários das bibliotecas públicas, sendo capazes de promover acessibilidade, estimular a leitura e contribuir para a representatividade na seleção do acervo, refletindo a diversidade do público atendido.

REFERÊNCIAS

BURGOS, R. **Como criar uma cidade sustentável e comprometida com a igualdade de gênero?** Agência Jovem de Notícias, 3 dez. 2020. Direitos humanos. Disponível em: <https://agenciajovem.org/como-criar-uma-cidade-sustentavel-e-comprometida-com-a-igualdade-de-genero/>. Acesso em: 4 mar. 2023.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **10. Redução das Desigualdades**. 2019. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/ods/ods10.html>. Acesso em: 4 mar. 2023.

LIMA, R. A.; VELHO, L. M. L. S.; FARIA, L. I. L. Bibliometria e “avaliação” da atividade científica: um estudo sobre o índice h. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [s. l.], v. 17, n. 3, p. 3-17, jul./set. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pci/a/RDCcbDd-vjs3RhKHndm4vL4n/#>. Acesso em: 4 mar. 2023.

MACIAS-CHAPULA, C. A. O papel da informetria e da cienciometria e sua perspectiva nacional e internacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 134-140, maio/ago. 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/rz3RTKWZpCxVB865BQRvtmh/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 4 mar. 2023.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

ONU. Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. **Nações Unidas Brasil**, Brasília, DF, 2015a. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 21 mar. 2023.

ONU. 4: Educação de qualidade. **Nações Unidas Brasil**, Brasília, DF, 2015b. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/4>. Acesso em: 5 mar. 2023.

ONU. 5: Igualdade de Gênero. **Nações Unidas Brasil**, Brasília, DF, 2015c. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/5>. Acesso em: 5 mar. 2023.

ONU. 10: Redução das desigualdades. **Nações Unidas Brasil**, Brasília, DF, 2015d. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/10>. Acesso em: 5 mar. 2023.

un.org/pt-br/sdgs/10. Acesso em: 4 mar. 2023.

OKUBO, Y. **Bibliometric indicators and analysis of research systems: methods and examples**. Paris: OCDE/GD, 1997. Disponível em: https://www.oecd-ilibrary.org/science-and-technology/bibliometric-indicators-and-analysis-of-research-systems_208277770603. Acesso em: 4 mar. 2023.

RIBEIRO, H. C. M. Bibliometria: quinze anos de análise da produção acadêmica em periódicos brasileiros. **Biblios**, Pittsburgh, n. 69, p. 1-20, oct. 2017. Disponível em: http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1562-47302017000400001&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 5 mar. 2023.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1999.

SILVA, E. L., MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: UFSC/PPGEP/LED, 2000. 118 p.

SUAIDEN, E. **Biblioteca pública e a informação à comunidade**. São Paulo: Global, 1995.

UNESCO. **Manifesto da Unesco sobre Bibliotecas Públicas**. 1944. Disponível em: <http://www.ifla.org/publications/iflaunesco-public-library-manifesto-1994>. Acesso em: 4 mar. 2023.



Modalidade: Trabalho Completo

GT 6: Tecnologia da Informação

Análise da interface de um portal institucional à luz da teoria da Arquitetura da Informação

Lais Cirilo Lima Garcez⁴

Márcio Bezerra da Silva⁵

Resumo: Pesquisa que analisa a interface do novo portal da Universidade de Brasília a partir dos componentes que definem a teoria da Arquitetura da Informação, princípio este fomentado por nomes da Biblioteconomia, Ciência da Informação e *User Experience*. Entende-se Arquitetura da Informação como um campo interdisciplinar que combate o *design* de interface e usabilidade insatisfatórios, orientando a criação e organização da informação. Consulta a literatura em duas frentes: no portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, filtradas por periódicos científicos com *Qualis A1 a B1*, e no *Google Scholar*; e análise da interface do novo portal, com fins de coleta qualitativa de dados. Resulta na identificação de sistemas exatos (como alfabético e temporal) e ambíguos (como assunto e metáfora) e na predominância de símbolos iconográficos (incluindo rótulos comuns à *web*). Observa-se o atendimento a princípios de navegação (como a contextualização do caminho percorrido pelo usuário), ao mesmo tempo que faz uso da navegação por *hyperlinks*, mas sem fomentar a experiência do usuário. Identifica, ainda, um recurso de busca ofertado via barra de pesquisa, auxiliado por certo buscador, mas que generaliza a pesquisa, nem sempre fiel à consulta do usuário. Concluiu-se que a interface do novo portal atende a preceitos sistêmicos da Arquitetura da Informação, com fins de apresentar informações sobre a Universidade, organizando-as com foco no conteúdo e sem apelos estéticos, adotando rótulos e padrões comuns na *web*, possuindo uma navegação lógico-intuitiva e ofertando um sistema de pesquisa, no caso, funcionando via mecanização pelo buscador *Google*.

Palavras-chave: design de interface; interface web; arquitetura da informação; organização da informação.

⁴ Graduanda no Curso de Biblioteconomia da Universidade de Brasília (UnB). E-mail: laisgarcez19@gmail.com

⁵ Doutor em Ciência da Informação. Professor na Faculdade de Ciência da Informação (FCI), Universidade de Brasília (UnB). E-mail: marciobdsilva@unb.com

1 INTRODUÇÃO

Como uma característica natural dos espaços das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), as interfaces digitais podem ser compreendidas como ambientes vivos, passíveis de mudanças e adaptações fomentadas pelas necessidades de públicos específicos. Conforme Shneiderman (1998), entre as demais regras fundamentais para manutenção e aprimoramento de interfaces digitais, talvez a mais importante delas seja o conhecimento acerca do usuário e o controle da usabilidade voltado a ele.

Entre as áreas que estuda interfaces digitais encontra-se a Arquitetura da Informação (AI), enquanto um campo interdisciplinar que combate interfaces que possuam usabilidade e *design* insatisfatórios, pois acarretam custos extras aos detentores dessas interfaces, o que acarreta falhas no alcance ao objetivo projetado. Diante do seu caráter interdisciplinar, baseada em áreas e técnicas como Biblioteconomia, Ciência da Informação (CI), estudo de usuário, *ergodesign* (ergonomia e *design*), análises, observações e testes, a AI orienta a criação de conteúdos precisos o suficiente para que o desenvolvimento das interfaces atenda às necessidades daqueles que a utilizam (AGNER, 2009; ROBREDO, 2008; SILVA, 2021). Pode-se compreender a AI como um campo responsável por organizar informações, tornando-as claras a partir de estruturas que facilitem o entendimento do usuário que deseja encontrar um certo dado, uma informação em específico (WURMAN, 1991).

No contexto da Internet, interface é vista como um aprimoramento dos ambientes digitais na *World Wide Web* (WWW), ou simplesmente *web*, tendo o campo da AI como um arcabouço norteador, analítico e propositivo. Neste sentido, evoca-se a interface do portal da Universidade de Brasília (UnB)⁶, recentemente revitalizada, e que um caminho para a estudar é considerar justamente os fundamentos da AI, enquanto uma teoria proposta por Rosenfeld⁷ e Morville⁸ que foi registrada na célebre obra *Information Architecture for the World Wide Web*. Mais tarde, com a chegada do *user experience* Arango⁹, lançou-se a obra intitulada *Information Architecture: For the*

⁶ Disponível em: <https://www.unb.br/>.

⁷ Louis Rosenfeld é um estudioso americano Graduado em História pela Universidade de Michigan, com Mestrado em Biblioteconomia. Atuando como arquiteto da informação, encontra-se na vanguarda da AI, escrevendo importantes obras como *Information Architecture for the World Wide Web* (1998), em parceria com Peter Morville, e *The Internet Compendium* (1994).

⁸ Peter Morville é um estudioso inglês Graduado em Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Universidade Michigan. Sua área de atuação é a arquitetura da informação, desenvolvendo os primeiros estudos da área e atuando no campo do *design* de experiência de usuário (*UX design*). Juntamente com Rosenfeld, escreveu o célebre livro *Information Architecture for the World Wide Web* (1998). Também é autor de obras como *Search Patterns: Design for Discovery* (2010).

⁹ Jorge Arango é um profissional do campo de UX erradicado em São Francisco (EUA), bem como autor

Web and Beyond (2015).

Enquanto uma Instituição de Ensino Superior (IES), é possível correlacionar o papel da UnB com a Agenda 2030¹⁰, da Organização das Nações Unidas (ONU), quanto ao seu objetivo (4) intitulado **Educação de Qualidade**, pois a Universidade, assim como as demais IESs, devem “assegurar a educação inclusiva e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos” (ONU, 2023a). Considerando a forma como a UnB se apresenta a partir da sua interface na *web*, chama-se atenção ao objetivo 4.3, ou seja, “[...] assegurar a igualdade de acesso para todos os homens e mulheres à educação técnica, profissional e superior de qualidade, a preços acessíveis, incluindo universidade”, e ao objetivo de número 4.5, o qual tem como intenção “[...] eliminar as disparidades de gênero na educação e garantir a igualdade de acesso a todos os níveis de educação e formação profissional para os mais vulneráveis, incluindo as pessoas com deficiência, povos indígenas e as crianças em situação de vulnerabilidade” (ONU, 2023a).

A referida tentativa de correlação entre a Agenda 2030 com o portal da UnB, como um canal de comunicação na *web*, dar-se-á segundo pontos abordados pela IES em sua interface digital, isto é, a inclusão aos mais vulneráveis ao ensino superior, dando destaque à assistência estudantil em seu *website*, e a preocupação com a paridade de gênero no meio universitário, via produção científica de sua comunidade e fortalecimento do discurso de inclusão e acesso ao ensino, como promovido pela campanha institucional de título *O futuro é agora*¹¹.

Ao estudar a informação bruta, e a interface onde ela se fará visível, deve-se observar três aspectos básicos, os quais constituem os três círculos da AI: usuários, que são o público-alvo daquela informação, possuindo necessidades, comportamento característico e experiências do conteúdo exposto; conteúdo, que é uma coletânea de informações em diversos formatos, como textos, imagens, entre outros; e contexto, que centra-se na política da organização que existe por trás da interface, como metas, restrições, ferramentas e tecnologia empregada (ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015; SILVA, 2021).

de diversas obras na área. Escreveu, juntamente com Morville e Rosenfeld, o livro *Information Architecture: For the Web and Beyond* (2015), e foi autor da obra *Living in Information: Responsible Design for Digital Places* (2018).

¹⁰ É uma coleção de propostas aplicadas a nível mundial, representadas por 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), os quais partem de diferentes áreas de atenção da sociedade, tais como erradicação da pobreza, fome zero e agricultura sustentável, redução das desigualdades, entre outras (ONU, 2023b).

¹¹ LUSTOSA, Daniel. Nova campanha institucional convida a comunidade a construir o futuro da UnB. **UnB Notícias**, [2023]. Disponível em: <https://noticias.unb.br/76-institucional/6250-nova-campanha-institucional-convida-comunidade-a-construir-o-futuro-da-unb>. Acesso em: 3 mar. 2023.

Em um cenário de *design*, os círculos da AI apresentam subsídios para estruturar interfaces de *sites*, aplicações móveis, jogos digitais etc., os quais delinearão a aplicação de um conjunto de componentes, também chamados de sistemas, sendo eles: organização, que define o agrupamento e classificação do conteúdo informacional do ambiente, bem como a categorização e estrutura da informação; rotulação, responsável por comunicar de maneira simplificada as informações contidas em ambiente *web*, através de símbolos intuitivos; navegação, que traça possíveis caminhos virtuais a serem percorridos em uma interface à procura de certo conteúdo, tornando sua navegabilidade mais lógica e direta; e busca, que processa o conjunto de perguntas controladas (consulta) e submetidas ao ambiente digital, para atribuí-las resultados correspondentes a partir do cruzamento de dados, muitas vezes utilizando-se de técnicas variadas para compreender acertadamente o que procura o usuário (ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015).

Partindo do pressuposto de que mudanças na *webpage* da UnB se justificam pela intenção de atender o público interessado pela IES, a partir da disposição de informações de forma clara e lógica, fomentou-se o interesse em analisar a interface do novo portal da UnB, segundo os componentes que definem a AI. Especificamente, objetivou-se: verificar sistemas de organização alusivos ao agrupamento e apresentação de informações; investigar sistemas de rotulagem, responsáveis pelas formas de representação das informações dispostas; examinar sistemas de navegação, pensados para permitir o deslocamento do usuário no espaço; e averiguar sistemas de busca, considerando estratégias de encontrabilidade ofertadas ao usuário.

2 METODOLOGIA

A metodologia da pesquisa baseou-se no método dedutivo de raciocínio, ao partir de conceitos gerais sobre AI até chegar em um conjunto de inferências específicas sobre o objeto de estudo (novo portal da UnB). Em relação aos objetivos, a pesquisa assumiu-se como descritiva, a partir da identificação (positiva e negativa) de elementos que compõem os quatro sistemas da AI na interface.

De maneira dedutiva, a coleta de informações ocorreu por meio de duas estratégias de consulta: 1) bibliográfica, no período de 09/2021 até 06/2022, em periódicos científicos com *Qualis*¹² de valores A1, A2 ou B1, compreendidos na área de conhecimento de *Comunicação e Informação*, especialmente da CI, e no buscador *Google*

¹² Atribuídos pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A fim de certificar-se que o *Qualis* dos periódicos identificados atendia aos valores A1, A2 ou B1, a Plataforma Sucupira foi utilizada como método de checagem.

Scholar; e documental, no período de 11/2021 até 07/2022, segundo o recorte da interface do portal em 13 blocos, com fins de coleta de dados, análise e descrição.

Para as consultas bibliográficas, realizadas em artigos científicos, livros, dissertação e tese, foram adotadas expressões de busca como: metadados; arquitetura da informação; organização da informação; ciência da informação; rotulação da informação; navegação *web*; busca *web*; sistema de navegação; e sistema de busca. Entre as obras bibliográficas, destaca-se o intitulado *Information Architecture: For the Web and Beyond* (2015), adotada como referência básica desta pesquisa.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O estudo e aplicação da AI em um ambiente *web* se dá a partir dos quatro sistemas básicos, que coexistem e possuem relação de interdependência, esquematizados a partir de regramentos próprios que visam estabelecer um ponto de interação entre conteúdo e usuário, atendendo a um contexto específico (ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015). Foi a partir dos sistemas de organização, rotulação, navegação e busca, e das relações entre si, que a análise do novo portal da UnB baseou-se e descreveu a presença de recursos.

Os sistemas de organização fazem referência a um conjunto de regras que versa a respeito de como o conhecimento disposto será categorizado, de maneira lógica e relacional, o que possibilitará certa coerência entre o conteúdo apresentado e o contexto pretendido, refletindo na facilidade de acesso pelo usuário às informações (AGNER, 2009). Três abordagens de agrupamento de conteúdos devem ser consideradas: dificuldades; esquemas de organização; e estruturas de organização. As **dificuldades para organizar a informação na web** são preocupações inerentes a WWW, pois “[...] o volume e a diversidade de formas e conteúdos constituem por si só desafios à organização e recuperação da informação” (BRASHER, 2012). As dificuldades são: ambiguidade, uma vez que a escolha de rótulos e categorias passa pelo uso da linguagem humana, naturalmente ambígua; heterogeneidade, diante da necessidade de conciliar diferentes conteúdos e formatos de forma organizada e lógica na interface; diferenças de perspectiva, sendo a retratação de diferentes conteúdos na visão do utilizador da interface e não apenas do arquiteto; políticas internas, que representam o posicionamento da instituição sobre determinado tema, a sua compreensão sobre algo, bem como o impacto dessa postura na organização de informações; e estética, que deve ser o equilíbrio entre um *design* atrativo e agradável que não se sobreponha ao conteúdo, que não atrapalhe que os usuários acessem-no.

Quanto aos **esquemas de organização**, que versam acerca da forma de categorizar informações a partir de determinada lógica, são divididos em dois grandes

grupos: exatos (valorizam a logística, categorias bem definidas e únicas, sem repetições ou ambiguidades, como ordenações alfabéticas, temporais etc.); e ambíguos (baseados na linguagem humana, gerando categorizações subjetivas, o que amplia as possibilidades de uma busca, mas tornando-as menos precisas, como em arranjos pelo público-alvo, por metáfora etc.).

Sobre as **estruturas de organização**, traçam os tipos de relação entre os itens que fazem parte de um agrupamento, neste caso, a partir da definição de caminhos nos quais o usuário terá contato com o ambiente e suas informações. Essas estruturas materializam-se de três formas: hierarquia, estrutura baseada na lógica taxonômica a partir de um critério de categorização; hipertexto, que parte da informação retirada de textos, imagens, vídeos e diferentes tipos de mídia dispostos em uma interface, focando na ligação entre eles, formado por conteúdo e *link*; e modelo de banco de dados, em que os dados são trabalhados de forma a serem percebidos como tabelas que possuem relações claras entre si (modelo relacional) a partir de metadados específicos (REIS, 2007; ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015; SILVA, 2021).

Referente aos sistemas de rotulação, deve-se atentar às dificuldades da rotulação, incluindo seis níveis de consistência, a fim de vencer possíveis desafios na manutenção das interfaces, e à tipologia de rótulos. Em relação às **dificuldades**, é fundamental compreender as principais adversidades pelas quais o uso de um rótulo pode sofrer em uma interface, para que, de início, já possam ser analisadas, ou entender como foram sanadas possíveis lacunas (na comunicação) provocadas pelo rótulo adotado. São, ao todo, seis dificuldades: sintonia com a língua do usuário; ausência de *feedback*, ambiguidade; manutenção da consistência, apresentando seis níveis (estilo, apresentação, sintaxe, granularidade, completude e audiência); padronização; e uso de ícones. Quanto a **tipologia de rótulos**, há uma divisão em dois grupos principais, ou seja, **iconográficos** (ou visuais) e **rótulos textuais**. Os rótulos iconográficos representam, geralmente, a informação que se pretende transmitir de forma visual, de associação mais rápida e familiar, ao passo que os rótulos textuais, como o nome indica, utilizam-se de linguagem escrita. Vale salientar que os rótulos textuais abrigam subgrupos que mantêm a característica da textualidade, nos formatos de *links* contextuais, cabeçalhos, recursos embutidos em um sistema de navegação (inseridos em índices e mapas, por exemplo) e termos de indexação (MORVILLE; ROSENFELD, 2002; REIS, 2007; ROSENFELD; MORVILLE; ARANGO, 2015; WODTKE, 2003).

Os sistemas de navegação se dividem em quatro principais pontos de atenção, isto é: princípios básicos da navegação de qualidade; esquemas e modelos genéricos e mapas espaciais cognitivos; a navegação por *hyperlink* e social; e os elementos da navegação. Para tanto, **10 princípios**, ou práticas, em uma visão qualitativa de na-

vegação, podem ser implementados em interfaces, objetivos em tornar os sistemas de navegação mais eficientes. São eles: fácil aprendizagem; consistência (manutenção dos sistemas de navegação, para garantir a previsibilidade de suas respostas perante a ação do usuário); provimento de *feedback*; estar presente de diferentes formas conforme contexto; oferta de alternativas (proporcionar diferentes possibilidades de navegação para usuários diversos); economia de ações e no tempo de utilização de um recurso; apresentação de mensagens visuais claras e no momento adequado; rótulos compreensíveis; sintonia com o propósito do ambiente digital; e suporte a objetivos e comportamentos do usuário. Os **esquemas e modelos genéricos** espelham representações familiares de ambientes físicos, que já se possui alguma experiência, algum conhecimento, criando um modelo mental familiar em interfaces, prática que ajuda o usuário a se situar sem utilizar-se de tanta capacidade nem esforço de aprendizagem. Os **mapas espaciais cognitivos**, de forma muito similar, fazem relação de similaridade com a disposição de ambientes físicos, ao passo que mapeia as etapas do processo de tomada de consciência e conhecimento das particularidades de um ambiente digital (FLEMING, 1999; MCKNIGHT; DILLON; RICHARDSON, 1991; REIS, 2007).

Ainda sobre os sistemas de navegação, o modelo **por *hyperlinks*** permite uma navegabilidade ágil e não linear, uma preocupação que o arquiteto da informação deve possuir quanto ao equilíbrio da utilização de *hyperlinks* com o bom entendimento dos conteúdos na interface. A quantidade de *links* por página (e consequente redirecionamentos) é ao mesmo tempo o maior trunfo e problemática da ferramenta (flexibilidade *versus* confusão). A **navegação social** pode ser entendida como o valor derivado da observação da navegação de terceiros, ou seja, o relato da experiência de navegação de outros usuários consumida por um indivíduo, o que pode influenciar na sua própria experiência naquele ambiente. Finalmente, os **elementos de navegação** marcam um ponto de extrema importância para a bibliografia da AI, subdividindo-se em navegações **embutida** e **suplementar**. A primeira é formada por elementos apresentados junto ao próprio conteúdo das interfaces, sendo sua atribuição contextualizar o ambiente ao usuário e flexibilizar suas movimentações (navegacionais), a partir de logotipo, barra de navegação global (lista de *links* para as principais áreas da interface), *menu* local (navegação local, exibindo *links* de páginas internas da interface principal), *bread crumb* (sequência de *links* separados por caracteres que promovem hierarquia entre estes elementos) e *cross content* (navegação contextual, representada por uma lista de *links* relacionados ao conteúdo da página visitada). O sistema de navegação **suplementar** é externo à hierarquia, promovendo rotas alternativas e complementares ao usuário, a fim de auxiliá-lo na busca por informação via elementos como **mapa do site** e **índice remissivo**, por exemplo.

O último sistema de busca caracteriza-se, primeiramente, **pela avaliação da necessidade de implementação da busca em um ambiente virtual**, pois é uma decisão que varia conforme situações específicas, agrupadas em duas: ambiente digital que necessita da implementação; e ambiente que não necessita. Em seguida, analisa-se uma série de questões que devem contribuir para a melhora nas condições de pesquisa do usuário, considerando oito aspectos. O primeiro são os **tipos de busca**, visto que há diferentes meios de atender uma consulta (*query*) de um usuário, voltada para um tipo específico de conteúdo e/ou formato. As **caixas de busca**, e seus tamanhos, representam outro aspecto, as quais, ao mesmo tempo que podem auxiliar na compreensão do que é desejado pelo usuário, inclusive, estimulando-o, inconscientemente, a utilizar mais do que apenas uma palavra para caracterizar sua busca, essas caixas também abrem margem para o uso de forma reversa, isto é, uma consulta longa, com termos variados em excesso, o que pode confundir o mecanismo de busca, ofertando resultados desconexos, sem ligação com aquilo que se procura. A **facilidade de digitação da palavra-chave**, por meio da autossugestão fornecida pelo ambiente digital ou via meios mais simples de facilitar a busca por termos, como é o caso dos campos de opções, tais quais *drop list*, *radio button* e *checkbox*. A **página de ocorrências** (ou resultados) é mais um aspecto, pensado para satisfazer duas condições: apresentação dos registros encontrados após a pesquisa; e possibilidade de que o recurso de busca realize, caso seja necessário, uma nova busca. Também há a **facilidade de acesso à informação** por parte da interface, sendo rápida, assertiva e intuitiva ao lidar com a consulta do usuário. Sobre a **organização dos resultados de busca**, deve haver algum tipo de lógica que faça sentido ao usuário, que tenha ligação com o conteúdo oferecido, que seja claro para ele. A **indexação de conteúdo** é um aspecto relacionado à otimização da informação, especificamente na exibição, de forma pertinente, lógica e filtrada, dos resultados fornecidos pelo buscador. Por fim, a **forma com que um buscador lida com uma página sem ocorrência**, isto é, que promoveu uma consulta que não satisfaz o almejado pelo usuário. Para evitar esse problema, o sistema de busca pode solicitar um *feedback*, ensinar caminhos alternativos ou oferecer ajuda ao longo da pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

O novo portal foi analisado a fim de observar equivalências com a teoria da AI, especialmente na identificação de pontos positivos e negativos na interface. Como estratégia metodológica de análise e descrição, a interface foi dividida em 13 blocos, sendo: cabeçalho governamental (1); cabeçalho do portal (2); notícias da UnB (3); UnB Agenda (4); Imóveis UnB (5); Ações da UnB no combate à COVID-19 (6); Guia Rápido

(7); Artigos (8); UnB na Mídia (9); Redes sociais e sistemas (10); UnBTV (11); Campus Virtual (12); e Rodapé (13). Como exemplos, a Figura 1 ilustra os blocos Ações da UnB no combate à COVID-19 (6) e Guia Rápido (7).

Figura 1 – Exemplos da divisão do site pelos blocos 6 e 7



Fonte: UnB (2022).

De forma ampla, depreende-se que as disposições utilizadas para arranjar informações na interface são simples, lógicas e intuitivas, agrupando conteúdos que, supostamente, estão mais direcionados ao público do que a instituição em si, pois existe um conjunto de informações que deveria ser apresentado na forma de hierarquia, seguindo a estrutura organizacional da UnB, e não no mesmo nível, a exemplo da **iniciação científica**, que deveria estar em **graduação**, ao invés de ambas as expressões estarem no mesmo nível em **vida acadêmica** (bloco 2). O Quadro 1 apresenta o conjunto de sistemas de organização que foram identificados na interface.

Quadro 1 – Sistemas de organização

Perspectiva	Sistema	Descrição
Dificuldades	Diferenças de perspectiva	Diferentes perfis são notórios no menu principal da interface, separando conteúdos em: estudante; docente e técnico.
Dificuldades	Políticas internas	Políticas claras da instituição, a exemplo da defesa à ciência e os incentivos à vacinação contra a COVID-19, inclusive com bloco próprio, como é o caso do espaço chamado de Ações da UnB no combate à COVID-19.
Dificuldades	Heterogeneidade	Presente na interface, expondo conteúdos em formatos variados, basicamente entre textos, imagens e vídeos, inclusive com agrupamentos que refletem os formatos desses conteúdos, como é o caso do bloco UnBTV.

Dificuldades	Ambiguidade	Repetição de termos em blocos diferentes da interface, não caracterizando-se como ambiguidades de fato perante a teoria da AI, mas confundindo o usuário.
Esquemas de organização	Esquemas exatos	Uso (contido) dos esquemas exatos em alguns blocos, com presença dos sistemas alfabético, de localização e sequencial, com foco no temporal.
Esquemas de organização	Esquemas ambíguos	Uso (amplo) dos esquemas ambíguos com presença dos sistemas por tarefa, público-alvo, metáfora e híbrido, com foco na organização por assunto.

Fonte: Da pesquisa (2022).

Ainda sobre a repetição de expressões, ainda que aparente não ser uma ambiguidade (em essência) na interface, ela pode causar confusão ao usuário pelos diferentes locais que são dispostas. Morville, Rosenfeld e Arango (2015) defendem que não há necessidade de um termo estar repetido mais de uma vez em uma mesma interface, pelo contrário, já que podem ocasionar dúvidas sobre as intenções desses termos, se eles remetem ao mesmo assunto, se levam realmente o usuário ao mesmo lugar.

Sobre os sistemas de rotulação, de forma ampla, existe certa consistência com os seis níveis previstos, ou seja, observa-se que há consistência na representação dos conteúdos dos pontos de vista do estilo, apresentação, sintaxe, granularidade, completude e audiência. De forma sintética, os sistemas identificados na interface estão mencionados no Quadro 2.

Quadro 2 – Sistemas de rotulação

Perspectiva	Sistema	Descrição
Dificuldades	Níveis de consistência	Há consistência nos rótulos apresentados, respeitando os diversos pontos de vista apresentados pela teoria da AI, o que permite superar essa dificuldade.
Dificuldades	Padronização de rótulos	Há padronização de rótulos na interface, que se utiliza de símbolos já conhecidos na <i>web</i> (ex.: redes sociais e lupa para busca).
Tipologia de rotulação	Rótulos iconográficos	Os <i>links</i> iconográficos aparecem diversas vezes na interface, possuindo forte apelo visual.
Tipologia de rotulação	Rótulos textuais	Os <i>links</i> contextuais também possuem uma considerável incidência na interface, ainda que não possuam o mesmo apelo visual dos <i>links</i> iconográficos.
Dificuldades	Ausência de <i>feedback</i>	Embora a interface possua ferramentas voltadas para o <i>feedback</i> do usuário, tais recursos são, em sua maioria, falhas, e em alguns sequer existem (como no buscador).

Fonte: Da pesquisa (2022).

Foi possível notar a necessidade de uma ferramenta mais efetiva e clara para captação de *feedbacks*, uma vez que este recurso se mostra presente, mas que não estimula a participação dos usuários. Há um recurso que pode ser considerado um caminho para *feedbacks* sobre o portal, chamado de **Comente o Portal**, contudo, tem-se ausência de *feedback* sobre o sistema de busca, especialmente quando ocorre uma consulta malsucedida em resultados.

No que diz respeito aos sistemas de navegação, o *site* parece atender satisfatoriamente cada um dos dez princípios para uma navegabilidade de qualidade, havendo objetividade nos sistemas propostos. Diante dos sistemas adotados, infere-se que a interface possui significativa flexibilidade, além de um risco de confusão navegacional mínimo, remetendo o usuário ao caminho (realmente) proposto. O Quadro 3 pontua os sistemas identificados na interface.

Quadro 3 - Sistemas de navegação

Perspectiva	Sistema	Descrição
Tipo de navegação	Navegação por <i>hyperlinks</i>	É amplamente utilizada ao longo de toda a interface, de forma assertiva.
Tipo de navegação	Navegação social	Não é utilizada.
Ferramentas de navegação	Modelos de ambiente genérico e mapas espaciais cognitivos	Incrementaria a experiência do usuário na navegação, mas ambas não estão presentes na interface.
Elementos de navegação	Barra de navegação global	Existe e funciona ao longo da interface, ainda que não seja em sua plenitude, pois não está presente em outras páginas da UnB, que são acessadas via <i>hyperlinks</i> disponíveis na <i>homepage</i> , assim como sugere a AI.
Estruturas navegacionais	Mapa do <i>site</i> e índice remissivo	O mapa do <i>site</i> é (absolutamente) inacessível e desatualizado, enquanto o índice remissivo não existe, o que traria benefícios ao usuário na navegação.
Estruturas navegacionais	Rodapé	Estrutura eficiente e visualmente clara, auxiliando o utilizador do portal, remetendo aos principais pontos em informação sobre a UnB na interface.

Fonte: Da pesquisa (2022).

Quanto aos sistemas de busca, identificou-se a barra de busca como a maior representação. As consultas ocorrem de maneira auxiliada pelo buscador *Google*, recurso que oferece vantagem à interface, ao mecanizar o processo de busca, ao mesmo tempo que generaliza a pesquisa, nem sempre sendo fiel ao que, de fato, foi buscado pelos usuários, sendo este um ponto negativo. Os sistemas identificados na interface

estão elencados no Quadro 4.

Quadro 4 - Sistemas de busca

Perspectiva	Sistema	Descrição
Barra de busca	Busca	No caso do portal, a barra de busca exige caráter intuitivo.
Sugestão de termos e resultados	Busca	Alinhado à AI, seu funcionamento parece corresponder ao que é digitado na barra de busca.
Indexação de conteúdos	Busca	Há uma limitação dos resultados apenas aos conteúdos indexados e encontrados pelo mecanismo embutido na interface (buscador <i>Google</i>), nem sempre sendo fiéis ao conteúdo do portal (internamente).
Página sem ocorrências	Busca	Não há significativo apoio ao usuário. A única opção oferecida é refazer a pesquisa no próprio buscador, o que parece subverter a ideia de que as consultas ocorrerão exclusivamente na interface do portal.

Fonte: Da pesquisa (2022).

Ainda que se tratando de *software* de alta complexidade, é de se esperar que o buscador *Google* possua falhas, como a sua extrema amplitude na WWW, não se concentrando, necessariamente, no portal da UnB, mas a qualquer e todo *site* na *web*. Não é um buscador próprio do portal, o que, de certa forma, priva o usuário de resultados que sejam os próprios conteúdos do portal.

5 CONCLUSÃO

Em vias gerais, e do ponto de vista dedutivo, identificou-se que a organização da informação na interface possui predominância da heterogeneidade de conteúdos, clareza nas políticas internas, maior presença de esquemas ambíguos e estruturada por *hyperlinks*. Contudo, recomenda-se investir no cuidado com a repetição de termos, em diferentes locais, e o uso de hierarquias que, de fato, aprofundem os conteúdos, em sentido de subordinação.

Quanto à rotulação, ela satisfaz os desafios e níveis de consistência, bem como no uso de diferentes tipologias de rotulação. Contudo, ressalva-se sobre o recurso de *feedback*, pois ainda que a interface possua recursos para coletar percepções do usuário, nem todos são claros quanto a sua intenção, como é o caso da ouvidoria no cabeçalho governamental. O portal acerta na oferta de uma ferramenta que se aproxima ao que é recomendado pela teoria da AI, isto é, um ícone que leva o usuário a apresentar suas impressões sobre a nova interface, mas aparenta ser limitado em interação e na

captação de maiores detalhes sobre o portal, especialmente quanto ao seu *design* em relação a versão anterior.

Referente a navegação, a partir de sistemas que, em sua maioria, se mostraram assertivos, os dez princípios básicos de qualidade são atendidos, havendo um bom uso de seus elementos, mas sugere-se o uso de mapas e modelos espaciais e genéricos na interface, quando pensa-se em estímulos que promovam uma navegação social.

Sobre os sistemas de busca, a interface adota o buscador *Google* como auxiliar, tirando proveito de recursos como autocompletar, recomendação, lista de ocorrências e navegação, as duas últimas amplamente conhecidas pelos usuários da WWW, mas que falham quando se espera a precisão dos resultados de busca.

Considerando que as interfaces são um meio para que as IESs mostrem os seus alinhamentos com a Agenda 2030, especialmente destinados ao quarto objetivo, concluiu-se que a interface do novo portal da UnB atende a preceitos sistêmicos da AI, ainda que com destaques positivos e negativos, com fins de apresentar informações sobre a UnB, organizando-as com foco no conteúdo e sem apelos estéticos, adotando rótulos e padrões comuns na *web*, possuindo uma navegação lógico-intuitiva e oferecendo um sistema de pesquisa, no caso, funcionando via mecanização pelo buscador *Google*.

REFERÊNCIAS

AGNER, L. **Ergodesign e Arquitetura da Informação**: trabalhando com o usuário. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2009.

FLEMING, J. **Web Navigation**: designing the user experience. Sebastapol, CA: O'Reilly, 1998.

MCKNIGHT, C.; DILLON, A.; RICHARDSON, J. **Hypertext in Context**. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

MEDEIROS, M. B. B. Visibilidade científica e interlocução internacional em organização e representação do conhecimento. *In*: GUIMARÃES, J. A. C.; DOBEDEI, V. (org.). **Desafios e perspectivas científicas para a organização e representação do conhecimento na atualidade**. Marília: ISKO-Brasil: FUNDEPE, 2012. p. 234-237.

ONU. 4: Educação de qualidade. **Nações Unidas Brasil**, Brasília, DF, 2023a. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs/4>. Acesso em: 3 mar. 2023.

ONU. Sobre o nosso trabalho para alcançar os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil. **Nações Unidas Brasil**, Brasília, DF, 2023b. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 3 mar. 2023.

REIS, G. A. **Centrando a arquitetura de informação no usuário**. 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-23042007-141926/pt-br.php>. Acesso em: 27 fev. 2022.

ROBREDO, J. Sobre arquitetura da informação. **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, n. 1, v. 2, p. 115-137, 2010. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/RICI/article/view/1209>. Acesso em: 27 fev. 2022.

ROSENFELD, L.; MORVILLE, P. **Information Architecture: For the Web and Beyond**. 2. ed. Sebastopol: O'Reilly, 2002.

ROSENFELD, L.; MORVILLE, P.; ARANGO, J. **Information Architecture: For the Web and Beyond**. 5. ed. Sebastopol: O'Reilly, 2015.

SHNEIDERMAN, B. **Designing the user interface: strategies for effective human-computer interaction**. 3. ed. Chicago: Addison Wesley, 1998.

SILVA, M. B. **Estudo teórico-analítico sobre o uso de facetas na organização da informação e na estruturação de ambientes digitais**. 2018. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/28130>. Acesso em: 14 jan. 2022.

SILVA, M. B. Organização da informação em interfaces *web*: sinalizações da Arquitetura da Informação aos desenvolvedores *front-end*. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, [s. l.], v. 14, 2021. Disponível em: <https://revistas.ancib.org/index.php/tpbci/article/view/530>. Acesso em: 20 ago. 2022.

WODTKE, C. **Information Architecture: Blueprints for the Web**. Indianapolis: New Riders, 2003.

WURMAN, R. S. **Ansiedade de Informação: como transformar informação em compreensão**. São Paulo: Cultura, 1991.

AGRADECIMENTOS

Agradecimento ao apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico (CNPq), através da concessão de uma bolsa de estudos pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).



Modalidade: Trabalho Completo

GT 6: Tecnologias da Informação

Live streaming em Bibliotecas: A tecnologia a favor da educação

Karine Araújo Monteiro

David Vernon Vieira

Resumo: O tema proposto pelo artigo é destacar a importância da utilização das *live streamings* nas bibliotecas. Esse tipo de ferramenta, entre outras plataformas de redes sociais presentes na Web, acabam sendo pouco utilizadas pela falta de estrutura tecnológica dos ambientes físicos e a necessidade de investimento nas bibliotecas públicas. A partir disso, este artigo vai analisar a utilização de *live streaming* para melhorar a divulgação e interação com os usuários das bibliotecas no Brasil. A metodologia utilizada foi de caráter exploratório, quantitativo e qualitativo, usando o Google Acadêmico e repositórios institucionais de universidades federais. Conclui-se que as *live streamings* são de grande importância para que a informação possa ser disseminada de forma eficaz, isso é observado por meio de ações vinculadas à Agenda 2030 que visam alcançar o desenvolvimento sustentável para que seja posto em prática em todos os ambientes e um deles é o educacional, em que qualquer biblioteca é um importante agente no desenvolvimento educacional da sociedade aprendente, e serve como ferramenta que ajuda a distribuir informação ao se tornar também uma ferramenta educacional.

Palavras-chave: *live streaming*, bibliotecas, bibliotecas públicas, bibliotecas particulares, tecnologia.

1 INTRODUÇÃO

As tecnologias têm sido inseridas em grande parte do contexto educacional visando o aperfeiçoamento na forma de ensino em escolas, bibliotecas, universidades e até em cursos profissionalizantes com temas diversos. O nível de facilidade proporcionado pela internet e suas ferramentas só vem aumentando, trazendo várias conquistas educacionais para a sociedade, "A sociedade contemporânea passa por diversas transformações de cunho científico e tecnológico ao longo do tempo. Essas mudanças provocam modificações na economia, na cultura e nas formas como as pessoas relacionam-se e

apropriam-se do conhecimento” (SCHNELL, 2009, online).

Uma das tecnologias mais utilizadas hoje em dia é o uso de *live streaming* em plataformas diversas, como meio de distribuição de conteúdos educacionais e de entretenimento, uma forma rápida e fácil de fazer o serviço de ligação entre a informação e o usuário. Toda tecnologia pode ser aplicada dentro das bibliotecas, públicas ou particulares, quando utilizadas de forma correta, quando bibliotecários inserem essas tecnologias percebe-se que ela está evoluindo juntamente com a sociedade que em seu entorno. Para haver essa evolução precisa além de um profissional capacitado, de uma iniciativa inovadora, principalmente considerando as bibliotecas públicas, já que o recurso financeiro disponível nesta tipologia é menor em determinadas regiões brasileiras, visto que há a necessidade de investimento em infraestrutura física, equipamentos e a formação necessária para além do Curso de Biblioteconomia.

Como considerar a evolução das bibliotecas públicas se o descaso pelo poder público vem de todas as formas? Reflete-se que para modificar essa situação de biblioteca pública abandonada ou com pouca divulgação dos produtos e serviços é preciso utilizar-se de ferramentas *online* que se conectem com os usuários e melhorem a educação destes. A partir disso, este artigo vai analisar a utilização de *live streaming* na melhor divulgação e interação com os usuários das bibliotecas públicas nas mídias sociais em geral.

As *live streamings* facilitam a disponibilização de conteúdo já que é preciso o básico para começar a produzir conteúdo digital, como um *smartphone* ou um computador, a informação já existe dentro da biblioteca e é preciso que ela quebre a barreira das estantes e a distância com o usuário. A existência de várias ferramentas *online* nos tempos atuais pode modificar a realidade das bibliotecas e como elas fazem a distribuição em geral do conteúdo, com isso serão apresentadas as seções com pontos importantes para complementar o resultado final dessa pesquisa.

O artigo é dividido na apresentação dos temas propostos para melhor desenvolvimento do assunto principal que é a utilização das *live streamings* nas bibliotecas em geral, mas destaca-se especificamente as públicas, o uso das tecnologias de comunicação e como isso pode vir a ajudar na distribuição dos conteúdos existentes em cada uma delas. É importante para a área da Ciência da Informação dar maior visibilidade às ferramentas *online* para a oferta de produtos e serviços de forma a atrair os usuários para as bibliotecas públicas.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse tema foi escolhido por meio da pesquisa do projeto PIBIC “Bibliotecas Universitárias Brasileiras em Casa: o uso das plataformas de redes sociais durante a pan-

demia de Covid 19 para disponibilizar produtos e serviços digitais”, com isso essa ideia da utilização das *live streaming* foi colocada como pauta.

Os procedimentos utilizados para o desenvolvimento deste artigo são de cunho exploratório, por meio de pesquisas relacionadas ao tema principal que é a *live streaming* em bibliotecas e temas derivados deste, com dados educacionais visando a utilização das tecnologias para melhor disseminação de informações e ligação entre a biblioteca e a comunidade. Desta forma, “tanto pela evolução comunicacional e tecnológica, como pela alteração comportamental dos usuários da informação, a biblioteca vem seguindo uma linha de adaptabilidade organizacional na prestação de serviços e oferecimento de produtos” (SUAIDEN, 2000; SANTANA, 2020).

Tendo em vista esses aspectos é importante a apresentação do uso das tecnologias nas bibliotecas públicas que será abordado na seção seguinte, onde os recursos financeiros muitas vezes não cumprem com as necessidades básicas.

3 USO DAS TECNOLOGIAS NAS BIBLIOTECAS

A tecnologia pode ser inserida em vários ambientes. Assim como na biblioteca pública, a quinta lei de Ranganathan diz que “A biblioteca é um organismo em crescimento” (RANGANATHAN, 2009, online), é um fato que é visto com clareza. No começo de tudo as informações eram adquiridas, organizadas, distribuídas desigualmente e com pouca eficiência, mas, com o passar do tempo, se tornaram mais fáceis de serem adquiridas e distribuídas pelas bibliotecas, sendo assim, elas evoluíram com o tempo e suas necessidades de crescimento não param.

Muitas bibliotecas têm alguma tecnologia inserida no contexto do dia a dia para facilitar o desempenho do bibliotecário, desde um simples computador com planilhas e fichas catalográficas até um software que controla todo a circulação de materiais presentes na biblioteca em poucos cliques, “as bibliotecas vivem atualmente um momento de redescoberta, onde são cobradas para que melhorem a qualidade dos serviços prestados aos seus usuários, ao mesmo tempo que há uma explosão de recursos e fontes de informação eletrônicos” (ASSMANN, 2000, p. 8).

As redes digitais foram colocadas de forma mais contínua nesse ambiente há pouco tempo, mas “há a necessidade de planejar a continuidade e garantir a disponibilidade de conteúdo que atenda a todas as demandas e áreas de interesse de seu público-alvo” (SANTOS *et al.*, 2018, online). Tudo que é feito na biblioteca hoje em dia pode ser publicado e direcionado ao seu público-alvo, tendo esse controle, as informações chegam na mão do usuário de forma coerente chamando a atenção para as ações da biblioteca e o que ela tem a oferecer. As bibliotecas públicas utilizam da tecnologia e ao mesmo tempo usam técnicas antigas de organização e distribuição tornando a

biblioteca um local versátil.

As bibliotecas híbridas possuem acervos ambivalentes: ao contar com obras físicas e digitais, é possível unir obras clássicas e tradicionais a obras novas, atualizadas e digitais. Ao mesmo tempo, as possibilidades de aquisição de novas obras se ampliam, resultando em um acervo maior e mais completo (SARAIVA EDUCAÇÃO, 2023, online).

Nem todos os acervos que há em uma biblioteca podem ou devem ser expostos fisicamente pela fragilidade ou sua importância histórica, como livros antigos, esculturas e vários outros tipos, mas esses acervos não podem simplesmente ser descartados ou esquecidos na biblioteca, com a tecnologia podem ser digitalizadas cópias e transferidas para uma base de dados segura, onde vão poder estar à disposição do público sem prejudicar sua preservação e com acesso feito no conforto de casa.

É de grande importância citar as bibliotecas públicas e como a tecnologia pode ser inserida nesse ambiente, visto que elas possuem hoje em dia um acervo que permite o desenvolvimento intelectual da população em geral.

3.1 Bibliotecas públicas

É de grande importância a construção e a evolução das bibliotecas em qualquer fase existente, toda informação seja ela de grande ou pequena importância precisa de organização para sua distribuição futura e as bibliotecas públicas fazem isso de forma que os usuários possam ter acesso às informações. Assim, é um erro não considerar a importância dessas bibliotecas públicas para a sociedade, tudo exige um esforço seja ele financeiro ou emocional, mas seu valor em geral tem que ser visto além do custo com o local onde a biblioteca pública está instalada ou com a aquisição do acervo, pois isso permite ofertar serviços e produtos para melhorar a educação de quem precisa.

No Brasil, há o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP) que é o responsável pelo gerenciamento das informações sobre bibliotecas públicas e comunitárias no Brasil e oferece informações sobre a situação das bibliotecas em cada região do país (BIBLIOTECAS..., 2017). Todas essas informações podem ser encontradas no Portal Gov.br, o que acaba sendo de grande importância para melhorar a visibilidade das bibliotecas, hoje em dia isso se tornou o básico, “O Brasil perdeu 764 bibliotecas públicas, entre 2015 e 2020, segundo dados da secretaria especial da cultura, do ministério do turismo. Em 2015, o país tinha 6.057 bibliotecas públicas” (FREUA, 2022, online). Pode até parecer pouca essa quantidade mencionada, mas para as comunidades onde estão inseridas já era o mínimo e sem elas a situação se tornou ainda mais precária.

Apesar dos esforços do governo brasileiro e do trabalho incessante

de organizações internacionais, como a UNESCO e a OEA, favorecendo uma política de desenvolvimento de bibliotecas públicas, a carência bibliográfica, sobretudo no Brasil, é muito grande, impossibilitando o levantamento da situação em que se encontram as bibliotecas públicas brasileiras (SUAIDEN, 1980, p. 2).

No Brasil existem grandes bibliotecas públicas como a Biblioteca Nacional do Brasil que se encontra na cidade do Rio de Janeiro, tendo um acervo de 9.000.000 de exemplares, com isso percebe-se o poder de informação de uma biblioteca pública e o quanto ela tem a oferecer aos usuários, o quanto precisa ser vista e cuidada pela importância educacional de acordo com aquilo que ela dispõe em seu acervo.

Quadro 1 - Lista das maiores bibliotecas públicas do Brasil em acervo documental e bibliográfico

Ranking	Unidade Federal	Nome da biblioteca	Número de exemplares	Ref.
1. ^a	Rio de Janeiro	Biblioteca Nacional do Brasil	9.000.000	[1]
2. ^a	São Paulo	Bibliotecas da USP	7.052.084	[2]
3. ^a	Rio de Janeiro	Bibliotecas da UFRJ	3.339.693	[3]
4. ^a	São Paulo	Biblioteca Mário de Andrade (municipal)	3.200.000	[4]
5. ^a	Distrito federal	Biblioteca Central (UnB)	1.500.000	[5]

Fonte: Wikipédia (2022).

A tecnologia está por todo lado e sua utilização nas mais diversas áreas, principalmente a educação, é imprescindível. As bibliotecas têm que lidar com a falta de tempo do público, das baixas oportunidades de idas aos locais físicos e com novas tecnologias surgindo em grande velocidade, os bibliotecários têm que estar a todo momento atualizando-se com as tecnologias para estarem conectados também ao público. Para isso, existem várias formas de agregar essas tecnologias à biblioteca, como criação de redes sociais, com isso fazendo a divulgação de conteúdos diversos que estão dentro da biblioteca atraindo um bom público e também podendo ser utilizada para distribuição de informações de forma remota como uso de *lives* em várias plataformas diferentes.

A informação surge de um jeito tão fácil e rápido neste ambiente *online* que por muitas vezes o público que a utiliza pode criar sua própria informação, sendo ela verídica ou não, devido a isso temos a importância de os bibliotecários validarem essas informações procurando agregar valor ao usuário.

4 AGENDA 2030 NA EDUCAÇÃO

A Agenda 2030 é um guia para a comunidade internacional e um plano de ação para colocar o mundo em um caminho mais sustentável e resiliente até 2030. O plano indica 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, os ODS, e 169 metas para erradicar a pobreza e promover vida digna para todos, dentro dos limites do planeta.

“A ONU e seus parceiros no Brasil estão trabalhando para atingir os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. São 17 objetivos ambiciosos e interconectados que abordam os principais desafios de desenvolvimento enfrentados por pessoas no Brasil e no mundo” (ONU, 2015), muitas ideias de divulgação dessa agenda foram surgindo em várias áreas como também na biblioteconomia, a saber:

O projeto de pesquisa “Agenda 2030 da ONU na visão da IFLA/FEBAB: Advocacy com bibliotecas e bibliotecários” desenvolve conteúdo nas mídias sociais buscando divulgar os 17 Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030 das Organizações das Nações Unidas (ONU). Coordenado pela professora Marli Dias de Souza Pinto do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PGCIN-UFSC) do Departamento de Ciência da Informação (DPTCIn/UFSC), o projeto criou o perfil do Instagram @sustentabilidadeinformativa (NOTÍCIAS DA UFSC, 2020, online).

Os objetivos 4 e 10 dizem respectivamente sobre educação de qualidade e redução da desigualdade, assim, as bibliotecas têm um papel muito importante na produção desses objetivos já que seu intuito principal é a educação de qualidade e um direito para todos.

As bibliotecas oferecem infraestrutura para as tecnologias de informação (TICs) e ajudam as pessoas a desenvolver a capacidade de usar a informação de forma eficaz preservando-a para atingir o acesso permanente às futuras gerações. Proporcionam uma rede confiável de instituições locais que podem chegar a todos os setores da população (IFLA, 2016, p. 3).

A tecnologia das plataformas de *live streamings* surge aqui como uma ferramenta a mais para o desenvolvimento das bibliotecas e a implementação da Agenda 2030 e os ODS. Além disso, estas tecnologias presentes nas *live streamings* permitem a ligação rápida e fácil do usuário com a disseminação da informação. A utilização das tecnologias está evoluindo cada vez mais e, com isso, são apresentadas as plataformas digitais que utilizam das *live streamings* para distribuição de conteúdo.

5 PLATAFORMAS DE LIVE STREAMING

Sua tradução é “transmissão ao vivo”, e como a própria tradução já diz trata-se de uma transmissão de conteúdo feito ao vivo onde os usuários de determinada pla-

taforma podem interagir com os apresentadores; existem várias maneiras de se utilizar a *livestreaming* como na educação, divulgação, diversão e entretenimento em geral. Diferente da *livestream*, os serviços de *streaming* são unicamente plataformas onde o público tem acesso a conteúdos gravados como filmes e séries.

Embora o termo tenha ganhado maior popularidade com a transformação digital, os primeiros *live streamings* foram realizados muito antes da introdução da banda larga, quando a web ainda era lenta e não atingia tantos usuários. O primeiro registro que existe vem de Palo Alto, coração do Vale do Silício e base para diversas empresas de tecnologia. Em junho de 1993, uma banda chamada Severe Tire Damage tocava no *headquarters* da Xerox enquanto, em outra parte do edifício, cientistas discutiam uma tecnologia que seria capaz de transmitir dados em tempo real pela internet. Uma coisa levou à outra e a música tocada pelo grupo se tornou cobaia do experimento. O sucesso foi confirmado quando cientistas, localizados na Austrália, confirmaram que foram capazes de acompanhar toda a transmissão (WOEBCKEN, 2020, online).

A utilização dessa ferramenta na educação pode ser vista por meio da apresentação de conteúdos diferenciados que ajudam no desenvolvimento do aluno, “o YouTube (...) é simultaneamente o complexo sistema no qual a alfabetização digital pode encontrar novos objetivos, novos modos de publicação e um novo conhecimento. E todos podem se juntar, aumentando a produtividade de todo o sistema” (BURGESS; GREEN, 2009, p. 172), por muitas vezes é deixada fora da sala de aula por falta de tempo ou não se encaixar com a grade curricular de forma direta, mas que não quer dizer que não sejam importantes para o crescimento individual e social das pessoas.

Existem várias plataformas que fazem o uso de *streaming* e *livestream* como o Youtube, Twitch, Zoom, Instagram, Facebook, Spotify e várias outras.

Em meados dos anos 2000, as plataformas de *streaming* musical tiveram desenvolvimento e modificaram a nova forma de distribuição e consumo da música. O consumo de CDs, vinis, fitas cassete e álbuns físicos, no geral, foram diminuindo e o mercado digital foi crescendo (JESUS, 2021, p. 30).

A pluralidade de informações que podem ser divulgadas é diversa, o

[...] fenômeno das lives, por exemplo, teve início em simultâneo à consolidação das mídias sociais, tais como Facebook, Twitter e Instagram, sendo incorporadas aos serviços oferecidos também pelo YouTube e na podosfera, nesta em formato *livecast*” (SANTOS; FEITOSA; DAMASCENO, 2022, p. 11).

Cada uma dessas formas propõe um ideal de apresentação das *livestream* de

forma diferente, mas com o mesmo intuito que é a mais rápida e fácil distribuição de um conteúdo, “Em um *live streaming*, você pode, por exemplo, fazer uso de recursos gráficos para facilitar o entendimento da audiência. Gráficos, tabelas e até seus gestos corporais ajudam quem está assistindo a captar sua mensagem” (WOEBCKEN, 2020).

Segundo D’Angelo (2023, online), “o Instagram é uma rede social com mais de **2 bilhões de usuários** ativos e que segue crescendo. Somente no Brasil, são aproximadamente 99 milhões de pessoas que usam o aplicativo todos os dias”, assim pode-se perceber a importância da utilização dessas redes sociais para a distribuição de informações das bibliotecas, sendo essas informações ao vivo ou pré-gravadas, o importante é verificar o que pode ou não atrair mais usuários.

O uso de conteúdos pré-gravados já tinha uma grande quantidade de seguidores em plataformas como o Youtube que “foi fundado por Chad Hurley, Steve Chen e Jawed Karim em fevereiro de 2005, nos Estados Unidos” (SANTANA, 2020, p. 26), mas de alguma forma quando foi evoluindo para essa possibilidade de interação de forma mais rápida, os produtores de conteúdos viram como poderiam usar essa ferramenta a seu favor, “seja através de conversa e das conexões sociais que este possa apoiar, seja pelas oportunidades que este fornece aos usuários para rastrear notícias, imagens de arquivo, curiosidades ou conteúdo DIY5” (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 128). Tudo que vemos hoje na internet de alguma forma modifica nossa forma de pensar e agir diante dos fatos, podendo simplesmente mudar nossa opinião sobre um determinado filme ou até fazer odiar uma pessoa e os profissionais das mídias querem esse engajamento, essa troca de informação, podendo ser tanto positiva quanto negativa.

Jenkins, Green e Ford (2014) trazem o termo propagabilidade, que está atrelado à “aderência”, referindo-se à necessidade de criar conteúdo atraente para a audiência, fazendo com que esta se envolva com o que foi criado. Assim, “o conteúdo que gruda, que tem aderência, é o material que as pessoas querem propagar” (JENKINS; GREEN; FORD, 2014, p. 27).

Com o aumento da facilidade para a criação e distribuição de conteúdos como o “barateamento e a popularização de equipamentos para gravação e edição de vídeo” (RIBEIRO, 2013, p. 10), conteúdos falsos surgiram, com isso o termo *fake news* começou a ser usado popularmente pelos brasileiros para se referir a qualquer informação que pudesse ser considerada falsa, o problema é que isso causou um efeito negativo, causando problemas em áreas como a política, educação e a social.

Um problema desta oferta “gratuita” de tecnologia é o fato de pessoas poderem utilizar de forma incorreta, bem como a falta de responsabilização, o que acaba aumentando esses casos, por isso toda informação inserida no contexto da internet tem que ser distribuída de forma coerente e que ajude a sociedade a ser mais responsável

com o que consome e produz, surgindo assim uma função para o bibliotecário nessas plataformas de conteúdo que é a distribuição de forma coerente e educativa dessas informações, “a necessidade de se veicular informação baseada em evidências e a luta contra a disseminação de informações falsas vêm tomado amplo espaço de debate na Ciência da Informação contemporânea” (ARAÚJO, 2020).

Sendo as *live streamings* umas das formas de disseminação de informação, a próxima seção irá apresentar a utilização das *lives* em bibliotecas.

5.1 *Live streaming* em bibliotecas

As bibliotecas têm a necessidade de evoluir com o tempo, juntamente com a informação, aproveitando cada nova forma de distribuição de informações e a *live streaming* vem como formato tecnológico de fácil e rápido aprimoramento.

Nos últimos anos, as bibliotecas, sobretudo as universitárias, têm investido em tecnologias de comunicação e informação em meio digital nas redes de internet. Com isso, em tempos de pandemia, estão em grande parte preparadas para o atendimento online da necessidade de informação. Todavia, os desafios não se limitam à disponibilidade de fontes digitais de informação (OLIVEIRA, 2021, online).

A maioria das plataformas de redes sociais hoje em dia disponibiliza um formato *live streaming* em sua estrutura de forma gratuita, o que torna o acesso fácil dessa ferramenta, podendo ser utilizadas tanto em bibliotecas públicas quanto privadas. Um problema que pode existir é a ausência de acesso à rede Internet, oferecendo conexão sem fio (*wi-fi*), podendo ocorrer de forma mais frequente em bibliotecas públicas do que privadas, sendo que esse problema pode ser solucionado com um melhor planejamento que garanta investimento para as bibliotecas, enfatizando a necessidade de acesso à informação.

Toda informação presente na biblioteca pode ser utilizada para transmitir conteúdo por uma *live streaming*, se feita de forma correta ajudará o usuário a ver o quanto de conteúdo importante está no acervo dessas bibliotecas. Pode-se até se pensar que com essas tecnologias a biblioteca ficará mais vazia em seu interior, mas se parar para perceber qual é o intuito das bibliotecas pode-se ver a importância do seu acervo que está lá e o que é importante que é o acesso a essas informações que pode facilmente ser feitas com a divulgação nessas *live streamings*, o que importa é esse conteúdo circular entre os usuários e não acabar esquecido na estante.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados encontrados dizem respeito ao desenvolvimento tecnológico que vem surgindo nas bibliotecas e o quanto isso vem ajudando na distribuição de conteúdos, os eventos promovidos pelas bibliotecas que podem ser divulgados por meio das *live streamings* e outras ferramentas, bem como observou-se as dificuldades das bibliotecas, principalmente bibliotecas públicas, em usufruir dessas ferramentas pela falta de visibilidade e recursos, mas que não deixam de evoluir para que isso não afete na ligação de informação e sociedade aprendente.

Quadro 1 - Lista das maiores bibliotecas públicas do Brasil em acervo documental e bibliográfico

Ranking	Unidade Federal	Nome da biblioteca	Número de exemplares	Ref
1. ^a	Rio de Janeiro	Biblioteca Nacional do Brasil	9.000.000	[1]
2. ^a	São Paulo	Bibliotecas da USP	7.052.084	[2]
3. ^a	Rio de Janeiro	Bibliotecas da UFRJ	3.339.693	[3]
4. ^a	São Paulo	Biblioteca Mário de Andrade (municipal)	3.200.000	[4]
5. ^a	Distrito federal	Biblioteca Central (UnB)	1.500.000	[5]

Fonte: Wikipédia (2022).

Destaca-se por meio do quadro 1, o número de bibliotecas públicas e sua grande disponibilidade de acervo. As citações propostas ao decorrer do texto visam ampliar a veracidade do conteúdo apresentado por meio de falas importantes como de Ranganathan, Fonseca, Santos, Feitosa e outros, juntamente com a apresentação da agenda 2030 como ponto importante na contribuição do ideal de educação, visando seu ampliamiento.

Como pode ser observado, existem vários pontos positivos na utilização das *Live streaming*, e mesmo com essas facilidades tecnológicas muitas bibliotecas públicas não conseguem ter a visibilidade necessária pelo público.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada biblioteca tem seus desafios e suas virtudes, mas lidando profissionalmente com as tecnologias, desde agora, essas dificuldades podem vir a diminuir gradativamente. Todo conteúdo possível pode ser colocado em pauta nas *live streamings*, educando um maior número de pessoas e elevando a biblioteca a um patamar altís-

simo na disseminação da informação. As instituições de ensino, muitas vezes, podem acabar focando tanto no ensino dos estudantes que acabam deixando de lado um ponto muito importante que é a ligação com a comunidade. As *live streamings* e as interações nas redes em geral podem se tornar um vínculo mais forte com ela, “O uso das plataformas digitais possibilita com que a abrangência do processo de disseminação de serviços e produtos informacionais tenha um nível de alcance muito maior, o que estrategicamente é fundamental para potencializar a visibilidade digital da biblioteca” (FONSECA, 2021, p. 17).

As bibliotecas públicas acabam tendo um menor desempenho em função de suas dificuldades, em geral a falta de visibilidade ocasionada pelas ações dos governantes que por muitas vezes não dão tanta importância pela falta de serem organismos sem fins lucrativos, esquecendo a contribuição mais importante que é aquela ligada à educação e ao impacto social para os usuários, querendo ou não a visibilidade das bibliotecas pelas redes sociais, o que só aumenta a sua capacidade de transmitir informações.

Mesmo com os problemas existentes, a educação pode mudar o mundo, se oferecida aos usuários de forma correta. A Agenda 2030 veio para mostrar que a educação é uma necessidade de todo ser humano e querendo ou não a biblioteca pode e deve colaborar com o desenvolvimento de cada aspecto.

Além das possibilidades básicas da utilização da *live streamings* que é a maior interação com o público, bem como a divulgação com rapidez das informações, existe também maior visibilidade do poder de formação de acervo, sendo de baixo custo as bibliotecas podem usufruir dessa ferramenta. Assim, pode-se mencionar algumas questões: Como utilizar as *live streamings* de forma segura? Como facilitar a utilização das mesmas nas bibliotecas? Como os bibliotecários podem aprender a utilizá-las com tantos obstáculos de cunho tecnológico? Todas essas questões podem ser refletidas diante daquilo que foi destacado aqui e podem vir a ser respondidas em pesquisas futuras.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. C. **Fontes de informação científica: o caso YouTube**. 2010. 75 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/305800540_Fontes_de_informacao_cientifica_o_caso_YouTube. Acesso em: 10 fev. 2023.

ARAÚJO, C. A. A. La importancia de la ciencia de la información en tiempos de posverdad. **Revista Cubana de Información en Ciencias de la Salud**, [s. l.], v. 31, n. 1, p. 1-6,

2020. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=377665619001>. Acesso em: 20 fev. 2023.

ASSMANN, H. A metamorfose do aprender na sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 7-15, maio/ago. 2000. DOI: <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v29i2.882>. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/882>. Acesso em: 25 fev. 2023.

BIBLIOTECAS Públicas do Brasil. **GOV.BR**, [2020?]. Turismo. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/secretaria-especial-da-cultura/assuntos/sistema-nacional-de-bibliotecas-publicas-snbp/informacoes-das-bibliotecas-publicas-1>. Acesso em: 7 fev. 2023.

BURGESS, J; GREEN, J. **Youtube e a revolução digital**: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade. São Paulo: Aleph, 2009.

CUNHA, V. A. A biblioteca pública no cenário da sociedade da informação. **Biblios**, Lima, Peru, v. 4, n. 15, p. 67-76, abr./jun. 2003. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/161/16101507.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2023.

D'ANDRÉA, C. F. B. **Pesquisando plataformas online**: conceitos e métodos. Salvador: EDUFBA, 2020.

D'ANGELO, P. Pesquisa sobre o Instagram no Brasil: dados de comportamento dos usuários, hábitos e preferências no uso do Instagram. **Opinion Box**, 3 fev. 2023. Disponível em: <https://blog.opinionbox.com/pesquisa-instagram/>. Acesso em: 7 fev. 2023.

FREUA, S. Quase 800 bibliotecas públicas foram fechadas no Brasil em cinco anos. **CNN Brasil**, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/quase-800-bibliotecas-publicas-foram-fechadas-no-brasil-em-cinco-anos/>. Acesso em: 3 mar. 2023.

FONSECA, D. L. S. O *streaming* e a virtualização dos serviços de informação: uma análise sobre a adaptação das bibliotecas frente à pandemia de Covid-19. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 26, n. 1, p. 1-20, jul./abr. 2021. Disponível em: <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1741>. Acesso em: 20 fev. 2023.

IFLA – International Federation of Library Associations and Institutions. **Acesso e oportunidade para todos**: como as bibliotecas contribuem para a Agenda 2030 das Nações Unidas. São Paulo: Repositório FEBAB, 2016. 24 p. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/590>. Acesso em: 2 mar. 2023.

JENKINS, H.; GREEN, J.; FORD, S. **Cultura da Conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2014.

JESUS, L. S. **A atuação do bibliotecário em sistemas de recomendação de plataformas de streaming musical**. 2021. 54 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2021. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/30060>. Acesso em: 22 fev. 2023.

OLIVEIRA, S. L. G. A questão das bibliotecas em tempos de pandemia. **FE Unicamp**, Campinas, 15 jun. 2021. Disponível em: <https://www.fe.unicamp.br/fe-publica/publicacoes/a-questao-das-bibliotecas-em-tempos-de-pandemia>. Acesso em: 4 mar. 2023.

ONU. Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. **Nações Unidas Brasil**, Brasília, 15 set. 2015. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/91863-agenda-2030-para-o-desenvolvimento-sustentavel>. Acesso em: 27 fev. 2023.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da biblioteconomia**. Tradução de Tarcísio Zandonade. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

RIBEIRO, A. A. **YouTube, a nova TV corporativa**: O vídeo na web como estratégia de comunicação **pública e empresarial**. Florianópolis: Combook, 2013.

SANTANA, D. E. R. F. **Análise de plataformas de streaming de vídeos e sua relação com TIC no ensino de ciências para a educação básica**. 2020. 48 p. Monografia (Especialista em Tecnologia, Comunicação e Técnicas de Ensino) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/24334>. Acesso em: 25 fev. 2023.

SANTOS, I. L.; FEITOSA, K. Y. S.; DAMASCENO, T. N. F. (org.). **Bibliotecas universitárias: estudos e experiências**. Fortaleza: Biblioteca Universitária, 2022.

SARAIVA EDUCAÇÃO. Acervo físico x digital: adotar uma biblioteca híbrida pode ser a solução. **Blog Saraiva Educação**, 20 jan. 2023. Biblioteca Híbrida: por que manter acervos físico e digital. Disponível em: <https://blog.saraivaeducacao.com.br/biblioteca-hibrida/>. Acesso em: 4 mar. 2023.

SCHNELL, R. F., QUARTIERO, E. M. A sociedade da informação e os novos desafios para a educação. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 104-126, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1879/1470>. Acesso em: 26 fev. 2023.

SILVA, R. C.; CALDAS, R. F. Bibliotecas híbridas e o desenvolvimento das sociedades. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, SP, v. 20, p. 1-26, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdbci/a/TPBng3sZTSJrmnJnKXQD-tVs/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 7 fev. 2023.

SUAIDEN, E. J. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 52-60, maio/ago. 2000. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ci/a/JJCz6RKQhDZNGG6yVdL9pQP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 7

fev. 2023.

SUAIDEN, E. J. **Biblioteca pública brasileira: desempenho e perspectivas**. São Paulo: LISA; [Brasília]: INL, 1980.

SUTTON, S. A. Future service models and the convergence of functions: the reference librarian as technician, author and consultant. *In*: LOW, K. (ed.). **The roles of reference librarians: today and tomorrow**. Nova Iorque: Haworth Press, 1996. p. 125-143.

WIKIPÉDIA. **Lista das maiores bibliotecas públicas do Brasil**. 2022. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_das_maiores_bibliotecas_p%C3%ABlicas_do_Brasil. Acesso em: 25 fev. 2023.

WOEBCKEN, C. Live Streaming: tudo que você precisa saber para produzir esse tipo de conteúdo com sucesso. **Rockcontent**, 20 mar. 2020. Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/live-streaming/>. Acesso em: 28 fev. 2023.



Modalidade: Trabalho Completo

GT 7: Informação, Memória e Patrimônio

O cordel como fonte de informação: uma ferramenta antirracista

Igor Aquino de Pinho

Francisca Pereira dos Santos

Resumo: O presente artigo põe em debate a literatura de folheto nordestino como um instrumento de difusão da cultura afro-brasileira, trazendo à baila alguns exemplos de como isso pode funcionar, ressaltando os pontos positivos da literatura de cordel como um suporte de ação antirracista no Brasil. O trabalho traz uma pesquisa bibliográfica entre autores de cordéis, dos campos literários científicos e sociais, tratando das vantagens norteadoras do cordel para o tema proposto. Não obstante, o trabalho propõe a abertura de diálogos e a expansão do debate sobre o folheto nordestino enquanto ferramenta social e literária, bem como um mecanismo para a educação antirracista. Considerou-se, por fim, que o folheto nordestino possui diversas funções sociais e educativas contra o racismo e de valorização da cultura negra.

Palavras-chave: literatura de cordel; cultura afro-brasileira; racismo; antirracismo.

1 INTRODUÇÃO

A literatura sempre foi uma ferramenta importante da difusão do conhecimento, dos saberes, da cultura, das paixões e ideologias humanas. Durante milênios, a escrita – e a voz – poética e em prosa circulou entre as comunidades construindo personalidades, mitos, religiões, crenças e outros. Ora, a literatura é, portanto, um dos artifícios humanos mais importantes: é uma das bases do ser. Ela caminha com comunidades ancestrais e atuais, mudando em alguns casos apenas seu suporte, que dos antigos papiros se modificou e hoje está nas telas dos smartphones. A literatura antiga, moderna e contemporânea possui variados aspectos, e um deles é a característica de ser uma produção humana. É fruto da experiência do indivíduo com o mundo ao seu redor e os outros.

Porém, a literatura não se originou na escrita, como muitos imaginam. Ela nasceu “nas primeiras histórias contadas e repassadas oralmente de geração em geração”

(CÚRCIO, 2019, p. 10). Porém, com o advento da escrita, a literatura ganhou mais força em sua forma gráfica, mas em alguns casos, ainda mantendo seus traços orais, como é o caso do folheto nordestino, que possui em sua escrita, fortes relações com a tradição da cantoria oral (ABREU, 1999).

Assim, o cordel nordestino é um dos inúmeros instrumentos de produção e difusão do conhecimento e tradição humana por meio da literatura. A tradição cordelista, assim como a cantoria popular, sofre traços das mudanças sociais e políticas das comunidades e da mudança dos tempos, como qualquer outra forma de expressão, como as mais diversas artes (pintura, escultura, arquitetura, poesia e outros), trazendo aquilo que o poeta observa para dentro do cordel.

Assim, o cordel se torna fonte de informação para a comunidade, já que o mesmo traz em si diversas informações acerca da sociedade, bem como registros históricos, biográficos e regionais para aqueles que leem ou escutam uma declamação/cantoria. No suporte oral ou da escrita, o folheto serve como fonte de informação às diversas comunidades, uma vez que, como afirma Miranda e Miranda (2017, p. 80), “O conceito de fontes de informação é bastante complexo, pois pode incluir uma infinidade de documentos desde manuscritos e publicações impressas e eletrônicas, além de fotografias, obras de arte, como também objetos, amostras minerais etc.”

Essas mudanças afetam a literatura, pois como comenta Cúrcio (2019, p. 15), esta é “um produto da sociedade” e não pode fugir das influências da sociedade e das políticas econômicas e sociais. Abreu (1999) nos fala que no início da tradição das cantorias (orais), ainda no século XIX, os temas giravam em torno da seca, do boi e dos vaqueiros, mas que com as mudanças sociais, temas como o capital, mazelas sociais e a desigualdade social.

Assim, a literatura – no contexto, o folheto nordestino – se torna uma ferramenta social de difusão e mediação das múltiplas vozes, que se encontram e intercalam na sociedade. Ricos e pobres, homens e mulheres, negros e brancos são representados na literatura de folheto nordestino de diversas formas, através de histórias narradas ou cantadas. Portanto, podemos perceber que o cordel se media no meio literário e social, seguindo uma tradição de cantoria/escrita, como aponta Lemaire (2019, p. 20):

É só os repetindo, e repetindo sem parar, que os conhecimentos vão poder integrar-se na memória das pessoas, transformar-se em tradição. Essa é a primeira significação da palavra tradição: o conjunto dos conhecimentos que as pessoas de uma civilização da oralidade transmitiram e continuam transmitindo de uma geração para outra.

Desta forma, temas cotidianos são trabalhados pelos poetas escritores e poetas cantadores, todavia neste trabalho, focaremos apenas nos poetas escritores de fo-

lheto nordestino. Esses poetas conseguem extrair os temas de suas experiências e pô-las nos versos estilizados e metrificados, rimando e delineando a história proposta no cordel. Um tema proposto por diversos cordelistas e que ganha cada vez mais espaço é o racismo.

Racismo, de acordo com Munanga (2003, p. 7-8), “é uma crença na existência de raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural”. A prática e o pensamento racista advêm da ideia de que os brancos são física e intelectualmente superiores aos negros, mesmo com todas as provas científicas e teóricas provando o contrário. Essas ideias estão impregnadas na cultura do Brasil desde sua colonização por Portugal, que manteve o maior tráfico de negros africanos escravizados em solo brasileiro que o mundo já conheceu.

O racismo estrutural é a ideia, pensamento e atitudes racistas entranhadas nos costumes brasileiros que se mantêm na dinâmica das relações do Brasil desde a época da escravatura, em que os brancos senhores de engenho detinham a posse de negros, como mercadoria e objeto. A professora Ribeiro (2019) nos mostra que a sociedade escravista brasileira impôs ao negro uma condição social inferior, em que sua cor marca a posição mais baixa na cadeia social, que se mostra até os tempos atuais.

Não obstante, o racismo opera em solo brasileiro há séculos, em que os homens brancos e ricos dominam as classes sociais que estão abaixo (geralmente mulheres, negros, nordestinos, indígenas e outros). Sendo um pensamento que não ficou no passado, uma vez que no Brasil são recorrentes os inúmeros casos de racismo que chocam o país, que muitas vezes são acompanhadas de violência física e psicológica.

Para que esse pensamento retrógrado seja combatido, precisa-se que a própria sociedade crie caminhos e instrumentos que possam de forma efetiva transformar a realidade comunitária. Quando observamos as alternativas dentro da área literária, podemos achar gêneros que conversam diretamente com as comunidades, trazendo relevantes temas à tona, como é o exemplo do folheto nordestino. Para Lamaire (2013), cordel não apenas é um estilo literário, mas fonte de informação, pois foi observado que no século XX “o folheto de cordel em verso servia no Nordeste, como fonte de informação e de conhecimento”. Contudo, o folheto é de fato um gênero lírico que consegue debater de forma efetiva as ideias racistas e como combatê-las.

Nisso, ao observar os papéis da literatura, e mais precisamente do folheto nordestino no contexto social, chegamos ao seguinte questionamento: o cordel consegue ser mediador e instrumento para ações antirracistas?

Uma possível resposta se dará na análise bibliográfica e literária de autores sobre os temas cordel e racismo, além da busca por ações que possam juntar esses dois

pontos, e não obstante, observar folhetos e projetos que tratam do tema racismo. Assim, este trabalho busca apresentar a função e o poder da disseminação da cultura afro-brasileira e da promoção de ideias antirracistas através do folheto nordestino.

Não obstante, tentativas no campo literário de desmascarar e confrontar o racismo não são novas, e no contexto brasileiro, podemos nos remeter aos poemas inflamados de Castro Alves, os textos de Joaquim Nabuco e os movimentos antirracistas de tantos outros por meio da literatura¹³. A literatura também faz o papel de voz das comunidades contra o racismo, por meio de versos ou das prosas. Ela carrega a característica de ser uma ferramenta antirracista.

2 CORDEL: INSTRUMENTO DE CULTURA E CRÍTICA SOCIAL

Para muitos, a literatura de modo geral é uma forma de expressão dentro da sociedade durante os momentos históricos (REIS, 2001), em que a forma estética se junta aos temas propostos e criam emoções, conflitos internos e expressões do leitor. Assim, a literatura se faz presente nas relações humanas entre si e o mundo, construindo e desconstruindo conhecimentos e pensamentos, difundindo e criticando a cultura humana. Candido (2004, p. 177) comenta que a literatura:

[...] tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.

O mundo sempre necessitou da literatura (oral e escrita) para perpetuar tradições antigas de comunidades, mas também para criar revoluções e transformar esses mesmos costumes. Muitas ideologias e regiões ainda se baseiam e mantêm-se de acordo com obras literárias escritas ou orais, além das tradições orais de algumas comunidades tradicionais brasileiras. Importante é entender e identificar esse traço da literatura e das obras: elas são difusoras da cultura humana, pois dialogam e trocam experiências entre os autores/leitores, ou entre os cantadores/ouvintes.

A obra, como a réplica do diálogo, está disposta para a resposta do outro (dos outros), para a sua ativa compreensão responsiva, que pode assumir diferentes formas: influência educativa sobre os leitores, sobre suas convicções, respostas críticas, influência sobre segui-

¹³ A escritora Djamilia Ribeiro, em seu livro “Pequeno manual antirracista” aponta e indica uma série de escritores negros ou de autores que falam sobre o tema do racismo.

dores e continuadores; ela determina as posições responsivas dos outros nas complexas condições de comunicação discursiva de um dado campo da cultura (BAKHTIN, 2016, p. 34).

Os cordéis nordestinos não fogem a essa característica, uma vez que eles, desde seu nascimento no âmbito oral, tendem a contar histórias e narrativas advindas dos povos nordestinos, mas, além disso, conseguem expor a realidade social brasileira. Abreu (1999) nos mostra que um dos postos-chave do folheto é a crítica social. A cultura brasileira “nua e crua” é criticada pelos poetas cordelistas, como a desigualdade, seca, fome, xenofobia, miséria, racismo e outros pontos.

A vida nordestina parece ser o palco e a fonte dos folhetos. Embora não haja restrições temáticas, essa produção sempre esteve fortemente calcada na realidade social na qual se inserem os poetas e público desde as primeiras produções. [...] Ruth Terra, ao estudá-los, percebeu como traço distintivo dessa produção a crítica social, a discussão das dificuldades por que passam as classes subalternas (ABREU, 1999, p. 119-120).

A esses folhetos críticos, a autora Ruth Terra denomina de “folhetos de queixas gerais” que denunciavam as mazelas do povo. Assim, o cordel pode ser entendido como uma ferramenta que critica o social, além de desconstruir preconceitos já impostos sobre a sociedade. Podemos observar que essa característica do folheto nordestino aparece desde as cantorias até os momentos atuais, como o folheto “A encrenca da Paraíba ou a Revolução dos Drs. Santa Cruz e Fracilin Dantas”, escrito por Francisco das Chagas Batista no ano de 1912, que tematiza a realidade nordestina da época, ou o folheto “A escravidão e resistência” [s. d.], de Antônio Héilton de Santana, que critica o racismo e as marcas da escravidão no povo negro.

Portanto, percebe-se que o folheto nordestino pode ser utilizado como uma ferramenta de apoio e difusão de crítica social, como um instrumento antirracista, anticapitalista e antimisógeno. Os poemas em cordel conseguem penetrar em diversas camadas sociais, levando a mensagem de igualdade e fraternidade entre os indivíduos, visto que a literatura de cordel nasce da junção de tradições nordestinas brasileiras e outras culturas também, sendo “um gênero poético que resultou da conexão entre as tradições orais e escritas presentes na formação social brasileira e carrega vínculos com as culturas africana, indígena e europeia e árabe” (IPHAN, 2018).

2.1 O cordel como difusor da cultura afro-brasileira

De acordo com Lemaire (2013, p. 14), os poetas nordestinos são “atores e promotores sociais da sua comunidade”, sendo assim, os poetas conseguem difundir sua

cultura e ideias de sua coletividade. Conseguem, então, serem difusores da realidade brasileira não apenas no âmbito da região Nordeste, mas do todo, abordando temas pertinentes às diversas classes sociais e das diversas áreas do país.

Se um indivíduo for consultar acervos de cordéis nordestinos pelo mundo, irá deparar-se com temas variados, que abordam a economia, injustiças sociais, esportes, cultura, política, racismo, além de folhetos relacionados também à ciência, educação, religião e tantos outros. Esses acervos mostram que o folheto era e é ainda hoje “fonte de informação e conhecimento, veículo de transmissão e meio de divulgação desse conhecimento” (LEMAIRE, 2013, p. 21-22).

Como se tem falado, para criar-se um pensamento coletivo que combata o racismo, é necessário que as ideias antirracistas consigam chegar até a população, através de ferramentas populares, em que de forma facilitada, o leitor de qualquer camada social possa absorver e apropriar-se desses conceitos. E como já mostrado, o folheto nordestino propaga informações, cultura, saberes do povo etc., através de versos estilizados que podem ser discutidos, lidos ou declamados por um indivíduo ou grupos, abrindo as portas da cultura negra para a sociedade.

Para entendermos o que é a cultura, Abreu e Mattos (2008, p. 8) nos mostram que a cultura pode ser vista “como processo, e as identidades coletivas como construções culturais, por isso históricas e relacionais” e Burke (1997) ainda complementa que as culturas não são homogêneas, possuindo variações regionais e até individuais. Tendo esses pensamentos em norte, a cultura afro-brasileira pode ser entendida como “o conjunto de manifestações culturais do Brasil associada à diversificada cultura do continente Africano trazida para cá pelos negros no Brasil colonial”.

A priori, devemos recordar que o Brasil nasce de uma intensa transgressão dos direitos humanos aos povos originários e aos africanos escravizados durante o período colonial até o final do século XIX, matando-os e os transformando em mão de obra, subjugando povos inteiros de acordo com os desejos dos brancos portugueses. Com isso, o Brasil cria um aparte entre as elites brancas, e as classes mais pobres, negras. Por conta disso, o país possui em sua história e ainda hoje um pensamento colonial e racista, que promove o racismo e intensifica suas ideias.

Sabendo disso, nos últimos anos, tem-se criado mecanismos para acabar com o racismo no país, através de políticas raciais, como a Lei 10.369 de 2003, que obriga as escolas do Brasil trabalhar a cultura afro-brasileira em seus currículos. Ainda longe de conseguir sua implementação efetiva, faz-se necessário outros meios de divulgação, como ferramentas digitais e a própria literatura.

O racismo é tão profundamente radicado no tecido social e na cultura de nossa sociedade que todo repensar da cidadania precisa incorporar os desafios sistemáticos à prática do racismo. Neste sentido, a

discussão sobre os direitos sociais ou coletivos no sistema legal e, por extensão, no sistema escolar, é importantíssima (MUNANGA, 2010, p. 53).

Portanto, o cordel pode ser tido como uma ferramenta a mais na difusão da cultura afro-brasileira, e que já existem movimentos nesse sentido, como livro infanto-juvenil no estilo de literatura de cordel “Traquinagem de criança”, da autora Janete Lainha Coelho, que trabalha a literatura popular no contexto escolar e no âmbito da difusão da cultura afro no Brasil e possui o “objetivo de educar os seus leitores como pertencentes à raça negra brasileira através da cultura popular, e na educação ajudando a constituir outros olhares sobre a formação de professores” (COELHO, 2019, p. 373).

Assim, como tantos outros projetos que integram a literatura de cordel e a cultura afro-brasileira, devemos também considerar que o espaço escolar e acadêmico também exerce papel fundamental nessa questão, uma vez que é nesse ambiente em que se desenvolve o pensamento crítico dos alunos e as condições de convivência de todos. O espaço literário, social e o escolar se integram na difusão e enriquecimento do movimento negro.

A própria BNCC¹⁴ (2018) já traz o cordel como uma das formas de se trabalhar a pluralidade cultural, a diversidade linguística, desenvolvimento literário, de leitura e escrita em crianças e adolescentes. A BNCC já nos informa a possibilidade de utilizar diferentes tipos e gêneros textuais, incluindo o cordel (SOUSA; TESTA, 2019).

Campo de atuação relativo à participação em situações de leitura, fruição e produção de textos literários e artísticos, representativos da diversidade cultural e linguística, que favoreçam experiências estéticas. Alguns gêneros deste campo: lendas, mitos, fábulas, contos, crônicas, canção, poemas, poemas visuais, cordéis, quadrinhos, tirinhas, charge/ cartum, dentre outros (BRASIL, 2018, p. 96).

Assim, percebe-se que para uma educação antirracista, a escola também desempenha uma função social e literária através do cordel, contemplando a Base, a lei 10.369/03, e fomentando uma educação a favor dos movimentos negros, afro-brasileiros e do antirracismo.

3 O RACISMO E A LITERATURA DE CORDEL

A literatura de cordel, em seu cerne, apresenta a visão do poeta de acordo com o que há disponível no seu cotidiano. Portanto, realizando um recorte temporal, ob-

¹⁴ A Base Nacional Comum Curricular é o conjunto de normas e diretrizes para a educação básica do Brasil, trazendo diferentes orientações e regulamentações para cada campo do conhecimento.

servamos que o folheto de cordel escrito e impresso nascem no Nordeste no final do século XIX, época essa que se passa antes, durante e depois do processo de escravidão no Brasil, marcando os leitores com pensamentos e ideias racistas, disseminados pelas elites brasileiras e portuguesas.

Assim, se encontra com facilidade versos explicitamente racistas (principalmente em cordéis do século XIX e da metade do século XX) em que há versos, estrofes ou até mesmo o folheto inteiro com frases pejorativas, racistas ou com comparações maldosas. Temos como exemplo o cordel “Peleja”¹⁵ do Cego Aderaldo com Zé Pretinho dos Tucuns”, do poeta Firmino Teixeira do Amaral, que narra uma disputa fictícia entre ambos através da cantoria. Este cordel está disponível no portal do Domínio Público, podendo ser lido por qualquer pesquisador, aluno ou público em geral.

O folheto possui ofensas em sua maioria racistas de entre os dois, enquanto Cego Aderaldo faz ofensas racistas, Zé Pretinho ridiculariza a deficiência visual de Cego Aderaldo, como podemos observar nas estrofes abaixo:

Negro, és monturo,
Molambo rasgado,
Cachimbo apagado,
Recanto de muro!
Negro sem futuro,
Perna de tição
Boca de porão,
Beijo de gamela,
Vento de moela,
Moleque ladrão!
(AMARAL, 2011, p. 13).

Podemos observar que esse é um dos muitos cordéis com esse discurso de sua época, sendo importante lê-lo para compreender e debater seu valor histórico e a linguagem dos discursos ali empregados. Contudo, com o passar dos anos, houve certa mudança de pensamento entre os leitores, contando e retratando a luta do povo negro durante a escravidão do Brasil, como o folheto de cordel “Abolição do cativo”, de Diniz Vitorino Ferreira¹⁶ (s.d), que relata em forma de narrativa e em versos os percursos dos negros escravizados até chegarem no Brasil.

Se o preto tem como o branco
alma, vida e coração

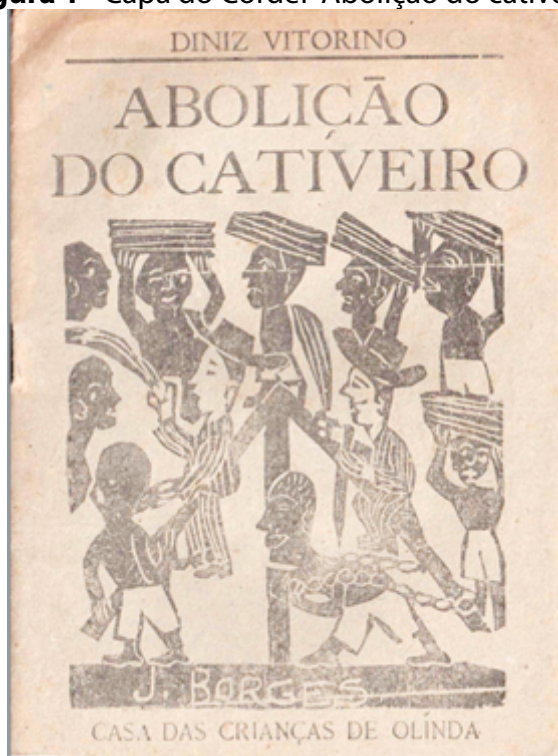
¹⁵ Peleja é o uma forma de desafio através da cantoria/versos em que dois poetas se desafiam para ver quem é o melhor poeta, se valendo de ofensas, calúnias, bom humor, brincadeiras e em alguns casos, palavras de baixo calão.

¹⁶ Foi poeta, cantador, cordelista e repentista. Nasceu em 1940, na cidade de Monteiro, na Paraíba e faleceu em 2010, em João Pessoa/ PB.

e como poderia ser
tratado em forma de cão
preso nos ferros cortantes
da maldita escravidão.
(VITORINO, [s. d.], p. 3).

O texto em formato de rima “ABCDBB”, feito em sextilhas, com sete sílabas poéticas, destaca que tanto brancos como negros possuem direitos à liberdade e às garantias dos seus direitos, como a integridade, além de defender a abolição da escravatura, atacando incisivamente a tortura e maus tratos.

Figura 1 - Capa do Cordel “Abolição do cativoiro”



Fonte: Casa Rui Barbosa. Reprodução.

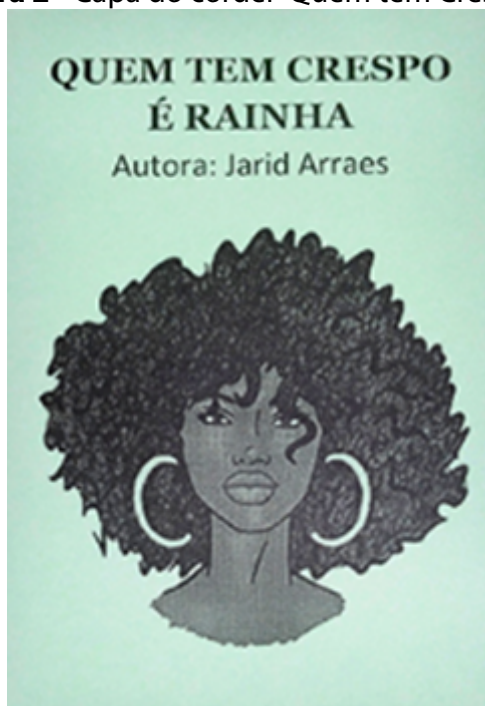
Além do Diniz Vitorino, também podemos observar o antirracismo nos versos da autora negra e cearense Jarid Arraes¹⁷, que trabalha a questão do povo negro e da cultura afro em seus cordéis. Em seu cordel intitulado “Quem tem Crespo é Rainha”, ela aborda o racismo enfrentado por meninas negras por causa do seu cabelo crespo e de sua cor de pele.

¹⁷Jarid Arraes é uma escritora negra, nascida em Juazeiro do Norte, Ceará. Trabalha com cordéis e poemas que englobam temas como: racismo, negritude, cultura afro-brasileira e estudos antirracistas.

O amor pelo seu crespo
É coroa pra reinar
Imponente a aparência
Negritude a ensinar
A beleza escurecida
De orgulho fortalecida
Feita para acalentar
(ARRAES, 2015).

A sua aceitação física é o tema central do cordel, em que Arraes dá o incentivo do empoderamento às meninas negras. O cordel é construído em setilhas, com as rimas em ABCBDD e oito sílabas poéticas.

Figura 2 - Capa do cordel “Quem tem Crespo é Rainha”



Fonte: AzMina (2015).

Também podemos citar outro cordel da cordelista Jarid Arraes, que nos fala sobre a escritora Carolina Maria de Jesus¹⁸, nos dando informações sobre sua vida e obras, como no trecho abaixo retirado do folheto “Carolina Maria de Jesus”:

Carolina é um tesouro
Para o povo brasileiro
É orgulho pras mulheres

¹⁸ Foi escritora, compositora e poetisa brasileira. Negra e de origem pobre, ganhou reconhecimento nacional por seus livros, como “Quarto do despejo” e “Diário de uma favelada”. Atualmente é reconhecida como uma das maiores escritoras do Brasil.

Para o povo negro inteiro
Referência como exemplo
De valor testamentário.
(ARRAES, 2017, p. 42).

Os cordéis que trabalham o antirracismo e a valorização do povo negro devem estar em pé de igualdade com cordéis que abordam outros temas, como o boi, a seca, e a vida do nordestino, uma vez que os versos e a forma de editoração e publicação são iguais, além de trazer a métrica e rima dentro desse estilo literário.

Podemos, então, estabelecer o paradigma de que o cordel é um retrato social em forma poética, em que se escreve de acordo com os pensamentos da comunidade e do poeta. Em um primeiro momento, o cordel já foi (e em alguns casos ainda é) carregado de preconceitos, mas que há também demonstrações poéticas do mesmo gênero literário, sendo uma fonte de desconstrução de preconceitos e luta pelos direitos do povo negro.

3.1 O cordel como ferramenta antirracista no âmbito escolar

O cordel, como já discutido, é um estilo literário que percorre o Nordeste desde o final do século XIX, que remete principalmente à vivência do povo nordestino e sua cultura local. Ele é estudado por pesquisadores brasileiros e estrangeiros, que veem nele, uma fonte literária riquíssima e com um estilo de escrita diferenciado. Nas escolas, o folheto é trabalhado principalmente nas aulas de língua portuguesa em formas de leitura em conjunto, em produção textual, estudo de formas de discursos, aprendizagem de novos vocábulos etc. Há uma imensidão de formas para trabalhar o cordel em sala de aula, e uma delas é com o tema do racismo e cultura negra.

Não apenas nas aulas de Português, o cordel também pode ser trabalhado no componente curricular de sociologia, filosofia ou história, trazendo à baila o cordel como um recorte histórico de uma época, ou como narrativa de um determinado povo ou acontecimento. Um desses recortes pode ser a história da escravidão no país, ou sobre o movimento negro no Brasil, colocando em debate com os alunos a importância da preservação da memória negra e o respeito a ela. Portanto, devemos entender que o movimento negro pode ser tido como:

[...] a luta dos negros na perspectiva de resolver seus problemas na sociedade abrangente, em particular os provenientes dos preconceitos e das discriminações raciais, que os marginalizam no mercado de trabalho, no sistema educacional, político, social e cultural. Para o movimento negro, a "raça", e, por conseguinte, a identidade étnico-racial, é utilizada não só como elemento de mobilização, mas também de mediação das reivindicações políticas. Em outras palavras, para

o movimento negro, a “raça” é o fator determinante de organização dos negros em torno de um projeto comum de ação (DOMINGUES, 2007, p. 102).

Assim, Domingues (2007) nos mostra que o movimento negro busca não só no campo social seus direitos e reconhecimento, mas também no sistema educacional, apontando que a escola possui papel crucial no combate ao racismo e valorização da luta dos negros. Ora, o cordel aí possui uma notoriedade imensa, uma vez que pode ser trabalhado no campo linguístico e social dentro do ambiente escolar, além de que diversos cordéis são fáceis de serem acessados através de acervos online¹⁹. Sendo importante mencionar que os folhetos em sua forma virtual continuam a perpetuar a cultura cordelista, como aborda Diniz (2007, online):

Encontrar o cordel na internet, antes de qualquer coisa, é permitir o acesso irrestrito e vivo desse gênero literário. [...] Igualmente, o cordel virtual não põe em jogo a natureza e tradição da prática do folhetim. Muito pelo contrário, o hipertexto revitaliza e confere uma importância ainda maior, criando um conceito mais complexo e ambíguo que é da cultura popular virtualizada.

Temos como exemplo, o cordel produzido por estudantes do Ensino Médio do Instituto Federal do Ceará, no ano de 2017, que construíram através das estrofes um cordel que aborda a temática da discriminação contra o povo negro, além da inclusão dos mesmos na sociedade. O cordel foi feito dentro do âmbito escolar, colocando a literatura de folhetos como meio de combater o racismo e de defender à inclusão social e a igualdade racial, como menciona o professor Anselmo Santana, que coordenou o projeto da escrita do cordel: “Trabalhar tudo isso para internalizar um comportamento diferente e não preconceituoso diante dessas questões é fundamental” (IFCE, 2017).

Podemos observar que os alunos abordaram na escrita, os temas sobre: igualdade racial, respeito mútuo, inclusão social, racismo, antirracismo, preconceito, discriminação, violência e outros temas, como observado no recorte abaixo:

Lembre-se que o racismo
É planta que não devemos regar
É uma coisa errada
Que é difícil lidar
Apesar das diferenças
É preciso respeitar
(IFCE, 2017).

¹⁹ Há acervos de cordéis espalhados por toda a internet, como: Acervo Antônio Nóbrega; acervo da Biblioteca Nacional; Domínio Público, entre outros.

O cordel criado pelos alunos traz nove estrofes, seguindo o padrão de sextilhas, colocando a rima como ABCBDB. Nele, a questão racial está posta, ressaltando a necessidade do respeito mútuo entre os indivíduos, além de trazer a questão antirracista para a sala de aula. Assim, é notável que o cordel possa ser utilizado como ferramenta antirracista no contexto escolar e social, trabalhando para uma sociedade mais justa e igualitária na questão racial, podendo usar das leituras e escritas de folhetos para difundir os direitos e a cultura do povo negro.

4 REFLEXÕES FINAIS

A literatura de folheto nordestino existe há cerca de 200 anos, advindo dos poetas cantadores, e depois (mas também em conjunto) com os poetas escritores, que observam o mundo à sua volta e transmitem em palavras e textos rimados aquilo que é vivenciado por eles. Em um primeiro momento, os cordelistas falavam de temas mais ligados ao sertão nordestino, mas com a expansão urbana, outros temas também vieram à baila das palavras, como a desigualdade social em seus diversos níveis.

Deste modo, as poesias começaram a ganhar espaço nos diversos âmbitos, como o escolar, sendo ainda hoje, uma ferramenta para desenvolver a escrita e leitura nos estudantes, mas também o senso crítico, além de ser uma poderosa forma de combate ao racismo no Brasil, uma vez que o cordel é conhecido pela grande parte da população.

Os folhetos, por sua vez, também disseminam e propagam a cultura afro-brasileira por meio de seus versos, mesmo que em seu passado literário houvesse grandes marcas racistas, que eram impregnadas na cultura brasileira, mas que hoje há sim movimentos que fazem com que o cordel não apoie ou reproduza pensamentos desse tipo, mas que possam proteger e assegurar os direitos do povo negro.

O cordel foi – e será – instrumento literário da cultura brasileira, e sua importância literária perpassa os campos linguísticos e ganha espaço no cenário dos debates sociais, visto que ele é hoje instrumento de estudos literários, como sendo um retrato vivo dos pensamentos dos poetas do nordeste.

REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado das Letras; Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana”: uma conversa com historiadores. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro,

v. 21, n. 41, p. 5-20, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/59t-mSkhj3wzhwrCrdgC4cvx/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 21 mar. 23.

ARRAES, Jarid. **Heroínas negras brasileiras**: em 15 cordéis. São Paulo: Pólen, 2017.

ARRAES, Jarid. **Quem tem crespo é rainha**. [Folheto de cordel]. 2015. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/quem-tem-crespo-e-rainha/>. Acesso em: 27 set. 2021.

AMARAL, Firmino Teixeira do. **Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho dos Tucuns**. São Paulo: Luzeiro, 2011.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Os Gêneros do Discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra, notas da edição russa Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRASIL. **Lei nº 10.639, 03 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília: Diário oficial de União, 2003.

BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989)**: a Revolução Francesa da historiografia. São Paulo: Unesp, 1997.

CADERNOS PENESB – Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira. **Discussões sobre o negro na contemporaneidade e suas demandas**. Niterói, Rio de Janeiro: Editora UFF, 2008-2010.

COELHO, Janete Lainha. O antirracismo no livro de literatura de cordel traquinagem de criança desafios para a educação. **Revista Encantar – Educação, Cultura e Sociedade**, [s. l.], v. 1, n. 2, p. 373-379, maio/ago. 2019. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/encantar/article/view/8722>. Acesso em: 1 set. 2021.

CÚRCIO, Verônica Ribas. **Metodologia de ensino de literatura**. Indaial: Uniasselvi, 2019.

DINIZ, Madson Góis. Do folheto de cordel para o cordel virtual: interfaces hipertextuais da cultura popular. **Hipertextus Revista Digital**, [s. l.], v. 1, n. 11, 2007. Disponível em: <https://docplayer.com.br/5924777-Do-folheto-de-cordel-para-o-cordel-virtual-interfaces-hipertextuais-da-cultura-popular.html>. Acesso em: 1 set. 2021.

DOMINGUES, Petrônio. Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos. **Tempo**, Niterói, v. 12, n. 23, p. 100-122, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tem/a/yCLBRQ5s6VTN6ngRXQy4Hqn/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 1 set. 2021.

IFCE – Instituto Federal do Ceará. **Alunos produzem cordel contra o racismo**. 2017. Disponível em: <https://ifce.edu.br/crato/noticias/alunos-produzem-cordel-contra-o-racismo>. Acesso em: 1 set. 2021

LEMAIRE, Ria. **Fonte de informação e conhecimento, folclore ou literatura?: o cordel como fenômeno multicultural**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. 2013.

LEMAIRE, Ria. Tradições que se refazem. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, [s. l.], v. 35, p. 17-30, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9650>. Acesso em: 1 set. 2021.

MINISTÉRIO DA CULTURA; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. **Dossiê de registro: literatura de cordel**. Brasília: IPHAN, 2018. Disponível em: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo(1).pdf). Acesso em: 25 ago. 2021.

MIRANDA, Ana Cláudia Carvalho de; MIRANDA, Erlano Silva de. Fontes de informação jurídica. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [s. l.], v. 22, n. 50, p. 76-90, set./dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2017v22n50p76>. Acesso em: 21 mar. 2023.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação, PENESBRJ, 5 nov. 2003 Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2023.

REIS, Carlos. **O conhecimento da literatura: introdução aos estudos literários**. 21. ed. Coimbra: Almedina, 2001.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

SANTANA, Antonio Héilton de. **A escravidão e a resistência**. João Pessoa, [s. d.]. Disponível em: <https://ospiti.peacelink.it/zumbi/afro/cordel/aheliton/ahs-03.html>. Acesso em: 21 mar. 2023.

SOUSA, Leomar Alves de; TESTA, Eliane Cristina. Manifestações de racismo e de preconceito no cordel Peleja do Cego Aderaldo com Zé Pretinho do Tucum, de Firmino Teixeira do Amaral: análise de uma sequência básica de leitura. **Revista Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 121-135, 2019. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/2916>. Acesso em: 21 mar. 2023.

VITORINO, Diniz. **Abolição do cativo**. Olinda: Casa das Crianças de Olinda, [s. d.].



Modalidade: Resumo Expandido

GT 7: Informação, Memória e Patrimônio

Memória social dos quilombos do Cariri: acervos como ferramentas de preservação

Francisco Wagner Santana Filgueiras

Priscilla Régis Cunha de Queiroz

Resumo: Esta pesquisa destaca a relevância da preservação da tradição oral das Comunidades Remanescentes de Quilombo como acervos de memórias e patrimônios de um povo. A falta de registros culturais e a urgente necessidade de fortalecer os quilombos em um contexto de perseguição e invisibilidade justificam a pesquisa, que busca compreender a importância da preservação da memória social quilombola em acervos, além de visibilizar os quilombos e valorizar seus saberes, patrimônios e tradição oral. O estudo se desenvolve a partir da realidade do Quilombo Serra dos Mulatos, em Jardim/CE, em uma abordagem qualitativa, utilizando-se de pesquisa bibliográfica e levantamento documental, cujos achados são discutidos neste trabalho. Em um segundo momento, pretende-se realizar pesquisa de campo com aplicação de entrevistas. Contribui para o fortalecimento dos quilombos, garantindo às futuras gerações o acesso à memória de seus antepassados, além de ressaltar a responsabilidade social da Universidade em promover a visibilidade e valorização da história e cultura quilombola.

Palavras-chave: memória social; quilombolas; espaços de memória; preservação cultural.

1 INTRODUÇÃO

A memória social quilombola é um elemento fundamental para a compreensão da história nacional e para a valorização da cultura afrodescendente. Os quilombos são detentores de uma história que remonta à resistência e luta contra a escravidão, além de apresentarem um conjunto rico de saberes, tradições e práticas culturais transmitidos de geração em geração.

Essa memória se torna patrimônio que contribui para a afirmação da identidade dessas comunidades e para o reconhecimento de suas contribuições para a construção do país. Ao examinar as comunidades quilombolas no Cariri cearense, estes

pesquisadores descobriram haver pouco ou nenhum acervo de registro de suas tradições, memórias e histórias.

Tal cenário leva aos seguintes questionamentos: por que é importante coletar, registrar e compendiar a memória social quilombola em forma de acervos acessíveis e disponíveis? Quais são os impedimentos para tal processo nas Comunidades Remanescentes de Quilombo (CRQ) da região? Como a Universidade pode contribuir na preservação dessa memória social?

Justifica-se pela necessidade de fortalecimento dos quilombos em um contexto de perseguição, invisibilidade e indiferença, o que ameaça a preservação de seu patrimônio cultural e ainda, se esteia na compreensão destes pesquisadores do seu papel como agentes transformadores do silenciamento das questões quilombolas no ambiente acadêmico, dada a responsabilidade social da Universidade.

A CRQ Serra dos Mulatos, localizada no município de Jardim/CE, é a mais recente certificada no estado. Em 2020, constituiu a Associação Remanescente de Quilombo Serra dos Mulatos (ARQSM) que, ao realizar um diagnóstico na comunidade, apontou que 86 famílias se autoidentificaram como quilombolas (ARQSM, 2021). Além disso, é o primeiro quilombo na região do Cariri a iniciar a construção de um museu local com biblioteca.

A partir da realidade dessa comunidade, a pesquisa objetiva compreender a importância da preservação da memória social quilombola, além de identificar as dificuldades existentes nesse sentido, pensar formas de como a Universidade pode contribuir na superação de tais obstáculos e oportunizar aprendizado multidisciplinar a todos os atores envolvidos no projeto.

Para tanto, assume caráter social, utilizando metodologia qualitativa no que diz respeito à abordagem. Do ponto de vista das técnicas de coleta, foram realizados levantamentos por meio de material documental, sendo este nos bancos de dados institucionais como registros da ARQSM, além de legislações específicas. Procedeu-se uma pesquisa bibliográfica especificamente sobre memória social, identidade e formação da comunidade escolhida como espaço amostral, bem como aspectos teórico-conceituais da biblioteconomia no tocante ao resgate, suporte e armazenamento de informações que compõem a memória social.

Apresentar-se-ão, neste trabalho, os resultados de tais levantamentos que permitiram a análise de informações relevantes sobre o tema, contribuindo para a discussão sobre a importância da preservação da memória social quilombola e para o desenvolvimento de estratégias eficazes de conservação de sua cultura, que subsidiarão etapas posteriores em que se pretende realizar entrevistas e coletas diretas da tradição oral para construção de um acervo.

2 MEMÓRIA, INFORMAÇÃO E PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO

Segundo Lustosa (2002), a assimilação adequada da informação produz conhecimento, altera o acervo de informações do indivíduo e contribui para seu desenvolvimento e ao de toda a sociedade. Trata-se de um processo de constante ressignificação, de modo que “[...] pode ser compreendida como um processo de atribuição de sentido. Em termos de práticas informacionais diríamos que esse processo se dá através das ações de recepção/seleção das informações recebidas [...]” (ARAÚJO, 2001, p. 1).

Por meio do acesso à informação é que o cidadão pode conhecer seus direitos e deveres para, de forma consciente, assumir seu papel de ator social nas transformações da realidade. O manejo dessas informações está ancorado na arquivologia, que traz o arquivo como “um sistema de informação social materializada em qualquer tipo de suporte” que tem duas naturezas essenciais: sua estrutura orgânica e sua funcionalidade, acrescida da memória imbricada em ambas (SILVA *et al.*, 2002, p. 214).

Rousseau e Couture (1998, p. 34) destacam que “[...] a memória assim registrada e conservada constitui ainda a base de toda e qualquer atividade humana: a existência de um grupo social seria impossível sem o registro da memória [...]”, reforçando a necessidade de preservação das informações contidas na oralidade dos quilombolas, especialmente dos idosos, sendo este, por sinal, o embasamento da CF/88 na definição do direito vinculado à autoatribuição da identidade quilombola – é preciso reconhecer-se pelas suas memórias.

A memória social, segundo Le Goff (1994), se constitui pelo acúmulo de documentações que são registradas em forma de acervo. Nesse ponto da discussão teórica é que surge o conceito de Espaços de Memória, de Nora (1993), que enfatiza a importância de se criar lugares de saber necessários para preservar a memória coletiva e a identidade de povos e grupos sociais, por meio de registros textuais, audiovisuais ou outros.

É necessário ainda destacar que a memória vem de fontes individuais ou coletivas, costurando-se a outras tantas, formando um tecido que se denomina memória social. Simson (2000) define a memória individual como aquela relacionada às próprias vivências e experiências pessoais, mas que carregam traços da memória do grupo a que está inserido e em que foi socializado. Já a memória coletiva, o autor aponta como sendo aquela formalmente aceita como relevante e guardada como fato histórico daquela sociedade, expressada em lugares de memória reconhecidos como patrimônios culturais.

Quando se aproximam tais conceitos à realidade das CRQ, observa-se que as memórias dos quilombolas se mantiveram, por séculos, marginalizadas. A produção literária e acervos memoriais, até pouco tempo, tratavam quase que exclusivamente

da história pela ótica da elite, como bem aponta Mott ([20--], online), em um “desconcertante silêncio sobre a pluralidade da população brasileira” sendo raro “o registro sobre mulheres, escravos, populações indígenas e demais minorias sociais, que somadas, constituíam a maioria do povo brasileiro – malgrado minoritárias no acesso ao poder e ao direito de ficar na história”.

O Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, define como remanescentes das comunidades dos quilombos, grupos étnico-raciais que se autoatribuem a essa identidade e possuem uma trajetória histórica própria, relações territoriais específicas e presumida ancestralidade negra, fruto de sua resistência à opressão histórica (BRASIL, 2003). A ideia de quilombo está intrinsecamente ligada à ancestralidade, ou seja, à preservação de tradições culturais na memória coletiva.

As histórias são concebidas e reconfiguradas em função das relações estabelecidas no tempo presente (MATTOS, 2006). Perder esses registros seria abandonar a história do país e esquecer a dívida que a sociedade tem com aqueles que, no passado, precisaram fugir da opressão e se refugiar em quilombos para sobreviver.

O Quilombo Mulatos, apesar de recente certificação, possui uma parte significativa da história regional e nacional. Como afirma Gusmão (2001, p. 338),

[...] a luta do negro que se fez camponês demanda a compreensão de um tempo de existência, que diz respeito ao presente [...], mas diz respeito também ao seu passado, à sua origem que nos é contada por fragmentos. Fragmentos prechos de vida, repletos de histórias, partes integrantes da memória e tradição.

Os vestígios e traços deixados pela humanidade ao longo da história são fundamentais para a construção da identidade individual, coletiva e institucional. De acordo com Gondar e Dodebei (2005), esses elementos são objetos potenciais de memória e devem ser considerados como tal. A preservação da memória social não é apenas uma questão de informação, mas também uma forma de identificação do povo com sua própria história.

A visibilidade das relações sociais, que se traduzem em memória, é expressa por meio de vestígios e marcas produzidos pela sociedade, muitas vezes materializados em objetos tangíveis que resultam de ações sociais diversas (GONDAR; DODEBEI, 2005). A gestão desses objetos e informações é um processo crucial, que deve produzir acervos acessíveis e coerentes, contribuindo para a geração de conhecimento e a promoção da cultura afro-brasileira.

3 QUILOMBO MULATOS: CONTEXTO, ACHADOS E DISCUSSÕES

A origem do Quilombo Mulatos não é diferente da maioria dos quilombos na Chapada do Araripe. Conforme relatos em entrevistas, as lideranças mais antigas referem a sua origem à chegada de José dos Santos, escravo fugido de engenho. Segundo aponta o historiador José Márcio da Silva, com a libertação dos escravos do Ceará, em 25 de março de 1884, houve migração de libertos para o campo, ocupando regiões próximas de nascentes.

A nascente de maior relevância no município é a Boca da Mata, localizada no alto da serra que leva o mesmo nome, cujo sopé é conhecido, desde antigamente, como “cabeça do negro”. Foi ali que José dos Santos fixou moradia após sua fuga, encontrando descendentes dos índios Xocós que, segundo Silva (2019, p. 17), “estiveram presentes no processo de deslocamento indígena pelo semiárido das capitânicas do Norte [...] os Tapuias da nação Kariri”.

De sua descendência, vieram os moradores do alto da serra que, justamente por terem se misturado com descendentes de índios e outras povoações do entorno, passaram a ser chamados de “mulatos” pelos munícipes, dando o nome atual da comunidade, chamada de Serra dos Mulatos. Nota-se, o nome que surge de uma menção preconceituosa, se tornou motivo de orgulho para aqueles que lutam para preservar sua história de sobrevivência e muita tradição.

A ARQSM realizou, em 2021, um autodiagnóstico por meio do qual se constataram problemas públicos, os mais diversos. Os fatores determinantes para cada situação foram identificados pela própria comunidade, com ênfase na falta de conhecimento técnico e de apoio especializado nas lutas por direitos, no combate ao racismo e na preservação e revitalização da cultura e tradição local (ARQSM, 2021).

A comunidade tem uma escola local que oferta até o Ensino Fundamental II; para prosseguir com os estudos, a população precisa se locomover à sede de Jardim-CE, que dista em média 6 km. Existem jovens de 15 a 18 anos sem frequentar a escola e pais de família que não prosseguiram com a educação básica. Poucos concluíram a 3ª série (4º Ano) e, os que concluíram, desistiram dos estudos (ARQSM, 2021).

Para lecionar às crianças, vêm professores (as) de outras localidades, em detrimento dos profissionais formados residentes na própria comunidade (ARQSM, 2021). O currículo escolar não abrange a cultura local, contrapondo-se à Lei nº 10.639/2003, tornando obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas instituições de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, do país (BRASIL, 1996). Contraria ainda a Resolução Nº 08/2012, do Conselho Nacional de Educação (CNE): Art. 1º [...],

§ 1º A Educação Escolar Quilombola na Educação Básica: I organiza precipuamente o ensino ministrado nas instituições educacionais fundamentando-se, informando-se e alimentando-se: a) da memória coletiva [...]; d) das práticas culturais [...]; f) dos acervos e repertórios orais; g) dos festejos, usos, tradições e demais elementos que conformam o patrimônio cultural das comunidades quilombolas de todo o país (CNE, 2012, p. 03).

Vale destacar ainda que a comunidade não tem acesso ao ambiente escolar para ações e serviços extensionistas, por exemplo, o acesso à rede de internet para pesquisas científicas ou a utilização das ferramentas tecnológicas da escola. As pessoas da comunidade precisam ir até o centro da cidade para realizar essas atividades com custos de transporte e dos serviços, apesar de a escola ter recebido incentivo de programas como o Mais Educação e Mais Alfabetização a serem aplicados na comunidade (ARQSM, 2021).

Estas condições supramencionadas afetam diretamente a capacidade organizativa da comunidade de manter um acervo adequado de suas memórias. Nesse sentido, o diagnóstico aponta ainda a falta de acesso a recursos financeiros e tecnológicos, além da precariedade da infraestrutura que consiste em uma área remota e isolada, com dificuldade de acesso à internet, o que dificulta o registro em diferentes meios e formatos materiais.

Enfatiza-se o interesse e comprometimento da comunidade com a valorização de sua História, na construção de um museu comunitário. A presente pesquisa busca oferecer subsídios técnicos para consolidação desse equipamento cultural. Há que se evidenciar ainda o constatado desinteresse das instituições públicas e privadas do município, que não fomentam ou incentivam a cultura da comunidade quilombola, dificultando a preservação de suas memórias.

Por fim, apontou a barreira linguística existente no tocante às várias expressões próprias do quilombo que não são reconhecidas ou bem interpretadas pela sociedade, como o próprio nome da comunidade – mulatos – em referência direta às formas pejorativas de tratamento que lhes eram direcionadas, limitando a capacidade de registro das suas memórias, sendo claro obstáculo ao processo de preservação e fortalecimento cultural.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo estudo, entende-se como crucial coletar, registrar e compilar as tradições, histórias, crenças, práticas e costumes das comunidades quilombolas para preservar a identidade cultural desses povos e valorizar a diversidade étnica e cultural do Brasil. A

preservação dessas informações é fundamental para manter viva a cultura e a identidade dessas comunidades, as quais são transmitidas de geração em geração.

Os acervos da memória social quilombola contribuem para a compreensão da história nacional e permitem o acesso a informações valiosas sobre sua própria história. Esse conhecimento é fundamental para a autoafirmação e a luta contra o tão persistente racismo. A materialização da tradição oral no Quilombo Mulatos, contudo, depara-se com diversos problemas que limitam a capacidade de preservar e fortalecer sua identidade cultural.

A Universidade tem papel fundamental na mudança deste cenário, desenvolvendo projetos que ofereçam capacitação técnica para os membros da comunidade, incluindo treinamento em métodos e instrumentos para registrar e preservar suas memórias, além de pesquisa sobre a história e cultura quilombola, envolvendo tanto pesquisadores acadêmicos quanto membros da comunidade.

Integrar a história e cultura quilombola nos currículos acadêmicos, tanto de graduação quanto de pós-graduação, com o objetivo de difundir o conhecimento sobre a cultura e história da população negra e incentivar a produção de pesquisas sobre a temática é também outra forma de apoio pelas universidades, que podem ainda criar espaços de memória, fornecendo recursos para a construção e manutenção de acervos, arquivos e bibliotecas comunitárias.

Por fim, é preciso incentivar a realização de intercâmbios e atividades culturais entre a comunidade quilombola, estudantes e pesquisadores de outras universidades, com o objetivo de promover o diálogo e a troca de experiências, rompendo o silenciamento há muito imposto aos quilombos espalhados por todo o território nacional. Os resultados aqui demonstrados servem de base para as próximas etapas da pesquisa e podem subsidiar outros estudos relacionados, contribuindo na produção de conhecimento científico.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Eliany Alvarenga. A construção social da informação: dinâmicas e contextos. **DataGramaZero – Revista da Ciência da Informação**, [s. l.], v. 2, n. 5, p. 1-10, out. 2001. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/5227>. Acesso em: 15 jan. 2023.

ARQSM – Associação Remanescente de Quilombo Serra dos Mulatos. **Diagnóstico do Quilombo Mulatos da Serra Boca da Mata**. Jardim: ARQSM, 2021.

BRASIL. **Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003**. Regulamenta o procedimento para identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas por remanescentes das comunidades dos quilombos de que trata

o art. 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias. Brasília: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em: 15 jan. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Presidência da República, 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 10 fev. 2023.

CNE – Conselho Nacional de Educação; Ministério da Educação. **Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012**. Define Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Brasil: Câmara da Educação Básica, 2012. Disponível em: https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNE-CEBN82012.pdf?query=ensino%20m%C3%A9dio. Acesso em: 10 fev. 2023.

GONDAR, Jô; DODEBEI, Vera. (org.) **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria; Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

GUSMÃO, Neusa Maria M. de. **Herança Quilombola**: negros, terras e direitos. In: MOURA, Clóvis (org.). Os quilombos na dinâmica social do Brasil. Maceió: EDUFAL, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.

LUSTOSA, Jeová Gomes. O comportamento informacional de pesquisadores e gerentes. In: TARGINO, Maria das Graças; CASTRO, Mônica Maria Machado Ribeiro Nunes de (org.). **Desafiando os domínios da informação**. Teresina: Editora UFPI, 2002.

MATTOS, Hebe Maria. Políticas de reparação e identidade coletiva no mundo rural: Antônio Nascimento Fernandes e o quilombo São José. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 37, p. 167-189, jan./jun. 2006. Disponível em: <https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2256>. Acesso em: 5 fev. 2023.

MOTT, Luiz Roberto de Barros. **Memória gay no Brasil**: o amor que não permite dizer o nome. [20--]. Disponível em: <https://luizmottblog.wordpress.com/artigos/memoria-gay-no-brasil-o-amor-que-nao-se-permitia-dizer-o-nome/>. Acesso em: 5 fev. 2023.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto história**: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História, São Paulo, v. 10, p.7-26, dez. 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101>. Acesso em: 5 fev. 2023.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

SILVA, Armando Malheiro da *et al.* **Arquivística**: teoria e prática de uma ciência da informação. 2. ed. Porto: Edições Afrontamento, 2002.

SILVA, José Márcio da. **Cidade de Jardim**: história ilustrada. Jardim: José Márcio da Silva, 2019.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. Memória, Cultura e moderna sociedade do esquecimento: o exemplo do Centro de Memória da UNICAMP. *In*: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). **Arquivos, fontes e novas tecnologias**: questão para a história da educação. Campinas: Autores Associados, 2000.



Modalidade: Trabalho Completo

GT 7: Informação, Memória e Patrimônio

Conhecer o racismo para combatê-lo: caminhos para uma prática antirracista através da informação

Karina de Carvalho Dantas²⁰

Priscilla Régis Cunha de Queiroz²¹

Arysa Cabral Barros²²

Resumo: Discute as noções sobre raça e racismo no Brasil e seu aprofundamento nos últimos anos. Tem como objetivo descrever as perspectivas conceituais sobre miscigenação, mestiçagem e democracia racial, abordando a trajetória histórica do povo negro no Brasil, a fim de proporcionar caminhos para uma prática antirracista através da informação. Estabelece como metodologia o estudo descritivo, bibliográfico e exploratório. Argumenta que, apesar de os meios de comunicação transmitirem o comportamento de desigualdade, são as escolas que detêm o importante papel ao não apresentar as importantes contribuições que negros e negras tiveram para a História. Conclui que a informação oportuniza um caminho frutífero para construir uma formação antirracista e os cursos de Biblioteconomia podem se engajar na promoção de uma formação profissional, acadêmica e cidadã.

Palavras-chave: Informação antirracista; Racismo; Mestiçagem; Democracia racial.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, as discussões sobre racismo e luta antirracista têm tomado proporções maiores no Brasil. Nesse contexto, não só o Estado e a sociedade civil organizada, mas, cada um de nós precisa conhecer os termos desse debate para nos

²⁰ Graduanda em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Cariri; Universidade Federal do Cariri; karina.carvalho@aluno.ufca.edu.br

²¹ Doutora em História Social pela Universidade Federal Fluminense; Universidade Federal do Cariri; priscilla.queiroz@ufca.edu.br

²² Mestra em Biblioteconomia pelo Programa de Pós-graduação em Biblioteconomia; Universidade Federal do Cariri; arysa.cabral@ufca.edu.br

posicionar da melhor maneira possível. Para se enfrentar uma sociedade racista, torna-se necessário fazer indagações sobre o papel de cada um nesta luta e promover reflexões, diálogos e ações práticas para empoderar o povo negro oprimido por este sistema.

Almeida (2019) designa em sua reconhecida obra, **Racismo Estrutural**, um capítulo discutindo noções sobre racismo na ideologia e estrutura social, sendo o ideológico dos indivíduos constituído “[...] por padrões de clivagem racial inseridos no imaginário e em práticas sociais cotidianas” (ALMEIDA, 2019, p. 41) e que, assim, justificam-se as ações racistas como sendo algo natural da sociedade. Um exemplo claro, que o autor apresenta no início do capítulo, é a percepção da (in)existência de pessoas negras em espaços sociais e quais seus papéis exercidos. Partimos dessas premissas, questionamos: como a desinformação impacta no debate sobre racismo, mestiçagem e democracia racial?

Nesse sentido, o trabalho em tela tem por objetivo descrever as perspectivas conceituais sobre miscigenação, mestiçagem e democracia racial, abordando a trajetória histórica do povo negro no Brasil, a fim de proporcionar caminhos para uma prática antirracista através da informação, compreendendo que aprofundar o entendimento sobre a questão importa para superá-la.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Quanto ao objetivo, a pesquisa pode ser classificada como descritiva e bibliográfica. Se apresenta como caráter descritivo uma vez que buscará descrever determinadas características de uma população e estabelecer relações entre as variáveis, determinando a característica dessa relação, para assim determinar a natureza desse vínculo, baseando-se em levantamento de “opiniões, atitudes e crenças de uma população” (GIL, 2002, p. 42).

O delineamento adotado se configura como pesquisa bibliográfica pois foi elaborada a partir de materiais já desenvolvidos por outros autores sobre a questão da negritude e a questão racial nacional, esses materiais são compostos por livros e artigos científicos. Este tipo de pesquisa, base teórica para o estudo, facilita ao pesquisador ter acesso a uma variedade de informações úteis para a pesquisa, tornando vantajoso “[...] quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço” (GIL, 2002, p. 45).

Por ser necessária a consulta em diversos livros e artigos científicos, teve-se o cuidado com a seleção de autores e textos para compor esta pesquisa, fazendo-se uso de fichamento para o registro de ideias relevantes e pertinentes para compor o presente trabalho, o que, ainda de acordo com Gil (2002), é de suma importância para a

elaboração deste tipo de pesquisa.

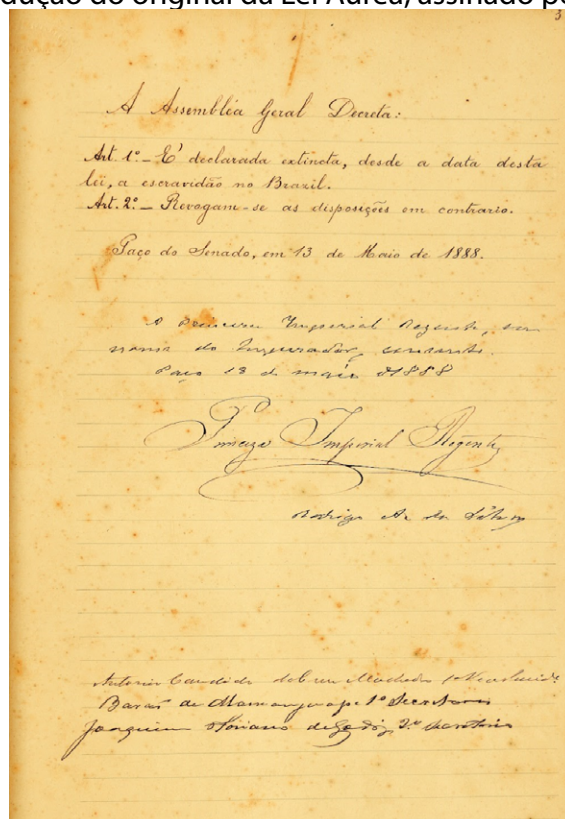
3 REFERENCIAL TEÓRICO

Antes mesmo do processo de abolição, a cidadania do povo negro no Brasil começou a ser tratada como tema de discussão dos principais debates durante as reuniões da Assembleia Constituinte de 1823. A discussão girava em torno do indivíduo que seria naturalizado como brasileiro, onde a “[...] polêmica era a existência de habitantes que não haviam nascido no Brasil, como portugueses e africanos, e outros que, mesmo sendo naturais do país, não poderiam ser considerados membros da sociedade”. Nesta última categoria se encontravam pessoas escravizadas e indígenas (DANTAS; MATTOS; ABREU, 2012, p. 66).

Quando o Brasil ficou independente, em 1822, o país tinha uma das maiores populações de escravos das Américas. Tinha, também, a maior concentração de africanos do continente. Assim, logo após a Independência, foram realizados os primeiros debates acerca da definição da cidadania no Brasil. Naquela época, era grande o temor de revoltas escravas, a exemplo da ocorrida em São Domingos, futuro Haiti. Por conta dessa situação, a questão da escravidão foi amplamente debatida no processo de independência do Brasil (DANTAS; MATTOS; ABREU, 2012, p. 64).

O processo de lutas a favor da liberdade dos negros, ainda tidos como pessoas escravizadas, cresceu em amplitude após a Independência do Brasil, em 1822. A Lei Áurea “[...] discutida e, extraordinariamente, aprovada em um domingo, fato inédito na história do Brasil [foi] assinada pela princesa regente em 13 de maio de 1888” (DANTAS; MATTOS; ABREU, 2012) e, em poucas palavras, declarava “[...] extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil”, como demonstra a seguinte imagem que reproduz o documento original assinado pela princesa Isabel.

Figura 1 - Reprodução do original da Lei Áurea, assinado pela princesa Isabel



Fonte: Jornal do Senado (1888)²³.

Mas, mesmo que a Lei Áurea declarasse o fim da escravidão no Brasil, ela não estabelecia

[...] nenhum tipo de política pública visando à inclusão social dos egressos do cativo e de seus descendentes. Após as comemorações do dia 13 de maio de 1888 e da proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, seguiu-se um período de tensão, no qual ex-escravos e seus descendentes procuraram se distanciar do passado da escravidão. Nas primeiras décadas republicanas estavam em jogo as possibilidades e os limites de sua liberdade e cidadania (DANTAS; MATTOS; ABREU, 2012, p. 85).

Apesar de serem considerados cidadãos perante a lei, negros e mestiços continuavam “[...] expostos a formas de tratamento racialmente desiguais, como se a escravidão ainda existisse” (DANTAS; MATTOS; ABREU, 2012, p. 88). No período pós-abolição, as teorias raciais e os critérios de classificação social começaram a ganhar espaço nos debates nacionais que observavam, com pessimismo, o futuro do país.

Com o fim da escravidão, **os anos entre as décadas 20 e 30 do sécu-**

²³ ASSINADA a Lei Áurea. **Jornal do Senado**, Rio de Janeiro, 14 de maio de 1888. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/500986/2013-05-13_Encarte.pdf?sequence=1. Acesso em: 10 jan. 23.

lo XX é considerado o período mais racista na história brasileira. [...] **Com a derrocada do sistema [escravocrata],** no primeiro quartel do século XX **há um florescimento de teorias raciais, do racismo e da branquitude na sociedade brasileira** (SCHWARCZ, 1993 *apud* BATISTA, 2020, p. 15, grifo nosso).

As teorias raciais, como Lilia Schwarcz (1993) apresenta, chegaram tardiamente nas discussões brasileiras e ainda, de acordo com Dante Moreira Leite (1954), chegaram como reflexo das doutrinas utilizadas pelos ideólogos do imperialismo, sendo um processo considerado retrato das consequências externas e não resultado das ações nacionais (SODRÉ, 1938 *apud* SCHWARCZ, 1993). Todavia, antes de essas discussões chegarem em solo brasileiro, o Brasil já era considerado um país formado por mistura de raças, conhecido como “[...] único e singular da extremada miscigenação racial” (SCHWARCZ, 1993, p. 15).

Tal visão do país era benéfica na exploração de estudos acerca da questão racial e o desenvolvimento humano. Todavia, essa expansão começou a preocupar teóricos brancos quanto ao desenvolvimento da nação que temiam que, com o crescimento da mestiçagem, começasse a desaparecer “[...] rapidamente as melhores qualidades do branco, do negro e do índio deixando um tipo indefinido, híbrido, deficiente em energia física e mental” (AGASSIZ, 1868 *apud* SCHWARCZ, 1993, p. 17).

O Brasil se via envolto de um grande dilema: condenar o desenvolvimento do país reconhecendo sua maior população formada por mestiços ou aceitar sua mistura de raças e singularidades locais. Assim, os “homens da ciência”, de acordo com Schwarcz (1993), traduziam as teorias raciais e as adaptavam ao conforto do país, de modo amplo, o Brasil incorporou o que serviu e esqueceu o que não se ajustava.

A reflexão sobre o significado da mestiçagem não encontrava convergências de ideias entre os pensadores. Para alguns dos intelectuais da época, o processo de classificação das raças traria o embranquecimento do país. A ideia de branqueamento consiste na percepção de que “[...] a miscigenação entre brasileiros (negróides e indígenas) e os imigrantes europeus conduziria a população brasileira ao branqueamento” com a suposição de que “[...] a etnia branca (mais forte) iria se sobrepuser aos negróides e indígenas” (BATISTA, 2020, p. 18).

Em 1870, o governo começou a investir na chegada de trabalhadores europeus, ao mesmo tempo que criava políticas sociais excludentes para os não brancos.

Nos jornais, nos censos, os dados quantitativos reafirmavam as apreensões teóricas. Enquanto o número de cativos reduzia-se drasticamente - em 1798, a população era escrava representava 48,7%, ao passo que em 1872 passava a 15,2% -, **a população negra e mestiça tendia a progressivamente aumentar**, correspondendo, segundo o censo de 1872, a 55% do total. Nessa mesma ótica, os dados de

1890 tornavam-se ainda mais aterradores. Ou seja, se na Região Sudeste (devido, sobretudo, ao movimento imigratório europeu) a população branca predominava - 61% -, já no resto do país a situação se invertia, chegando os mestiços a totalizar 46% da população local (SCHWARCZ, 1993, p. 18, grifo nosso).

O processo de miscigenação brasileira passar a ter vários pontos de vista, vinculados às distintas instituições em que os homens das ciências discutiam e produziam suas próprias teorias, duas concepções são mais conhecidas: as elaboradas pelos homens de direitos e as discutidas pelos homens da medicina; tendo, assim, dois pontos de debates: o liberalismo e o evolucionismo social (SCHWARCZ, 1993).

Nesse contexto, temos o jurista e sociólogo brasileiro, Oliveira Vianna, como um dos principais defensores dessa ideologia, bem como o discurso liberal e racial da classe médica, presente na visão de Nina Rodrigues, que “[...] viam na mistura de raças nosso pior veneno e se responsabilizavam com a descoberta do antídoto” (SCHWARCZ, 1993, p. 321).

No ponto de vista do evolucionismo social, em que as sociedades se tornam superiores a outras, a mestiçagem é algo que deve ser evitado pela branquitude pois “[...] o Brasil mestiço de hoje tem no branqueamento em um século sua perspectiva, saída e solução” (LACERDA, 1911 *apud* SCHWARCZ, 1993, p. 15-16). Essa visão de Lacerda colabora com os ideais propostos pela teoria eugenista. A eugenia foi um termo criado e propagado enquanto teoria por Francis Galton (1883) e se baseia no conceito de seleção natural apresentado por Charles Darwin, em 1859.

Galton (1883) procurava justificar que a capacidade intelectual era hereditária e que, por tanto, os povos considerados eugenicamente sadios (brancos) deveriam se relacionar com seus semelhantes, procriando e favorecendo uma sociedade eugenicamente forte e moderna (BATISTA, 2020). Essa percepção eugênica está intrinsecamente relacionada com a recomendação do filósofo francês Arthur de Gobineau de que se deve evitar a ‘mistura de raças’, pois o mestiço tendia a ser o mais ‘degenerado’ (ALMEIDA, 2019, p. 21).

Em resumo, as teorias raciais, em solo brasileiro, se encontram sob três estágios de discussão, reflexão e difusão:

[...] do século XVII à meados do século XIX tivemos a emergência de um saber sobre a mestiçagem no meio religioso, que depois se disseminou entre a população colonial, sendo acolhido pelos intelectuais e políticos brasileiros do período em questão (esse saber era favorável à miscigenação); em seguida, na segunda metade do século XIX, esse saber sofreu uma epistemologização, isto é, ganhou um estatuto científico, passando a ser uma preocupação constante dos cientistas brasileiros (os vários cientistas brasileiros que abordaram

esse assunto, nesse momento, apresentaram uma resistência à miscigenação), e, a partir da década de 1930, ele sofre uma reinterpretação, momento em que os principais passaram a destacar os aspectos positivos da mestiçagem, momento em que se consolida a idéia de democracia racial (TADEI, 2002, p. 3-4).

Em contrapartida, a democracia racial, já antes brevemente apresentada, foi uma ideia difundida pelo autor e antropólogo Gilberto Freyre em sua obra **Casa grande & senzala**, de 1933, que surge como referência positiva sobre a mestiçagem. Em sua produção, Freyre trazia com otimismo a convivência entre as três raças, transformando essa mistura em um exemplo positivo da miscigenação; em sua visão, essa inclusão com os povos excluídos se equilibrava perfeitamente na formação de um novo modelo de sociedade, “[...] cujo resultado era uma mistura bem-feita e original; uma cultura homogênea apesar de resultante de raças tão diversas” (SCHWARCZ, 2012, p. 49). Com isso,

[...] tais teorias não foram apenas introduzidas e traduzidas no país; aqui ocorreu uma releitura particular: ao mesmo tempo que se absorveu a ideia de que as raças significavam realidades essenciais, negou-se a noção de que a mestiçagem levava sempre à degeneração, conforme previa o modelo original. [...] no Brasil as teorias ajudaram a explicar a desigualdade como inferioridade, mas também apostaram em uma miscigenação positiva, contanto que o resultado fosse cada vez mais branco (SCHWARCZ, 2012, p. 39).

Isso posto, apesar de observarmos que o problema da mestiçagem passou a ser, em teoria, visto no Brasil com positivismo, a realidade vivenciada no país é uma negação das origens. A ideia do branqueamento pode não estar mais presente nas discussões de cientistas e teóricos, mas ainda faz parte do imaginário e da realidade da população brasileira. Isto porque, desde o final do século XX, o racismo mantém-se presente na sociedade “[...] mesmo sem justificação em fundamentos biológicos, ele [continua] existindo de maneira não oficializada, não oficial e paralelo às ideias de mestiçagem, tolerância racial e assimilação cultural” (DANTAS; MATTOS; ABREU, 2012, p. 95).

Para que se possa entender como o pensamento racista persiste na estrutura social brasileira, mesmo sem fundamentos cabíveis, precisa-se (re)conhecer como o racismo se manifesta e se modifica através dos indivíduos, fazendo parte da construção do imaginário de brasileiros e brasileiras.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O racismo surge em consonância com a escravidão, se adaptando ao longo da história da humanidade, ganhando espaço e validação para tal. Entretanto, mesmo com o amadurecimento do conhecimento humano e o reconhecimento de que não há razões - antropológicas ou científicas - para a existência do racismo, ele ainda continua presente, se desenvolvendo no ideário dos indivíduos.

A noção de raça, desenvolvida em meados do século XVI, surge como uma forma de classificar os seres humanos, como nos explica Almeida (2019). Com essa divisão desenvolvida, a separação entre o homem branco europeu e todos outros povos, sendo o povo africano o principal alvo, o racismo que veio a seguir encontrou justificativas na filosofia, na religião e na economia. Almeida (2019, p. 21) afirma que “[...] o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento [...]”; o autor apresenta uma percepção por trás da construção e existência do racismo, que até hoje continua em ação se moldando à modernização da sociedade.

Para Ellen Meiksins Wood essa percepção do racismo moderno se difere enquanto

[...] uma concepção mais viciosamente sistemática de inferioridade intrínseca e natural, que surgiu no final do século XVII ou início do século XVIII, e culminou no século XIX, quando adquiriu o reforço pseudocientífico de teorias biológicas de raça, e continuou a servir como apoio ideológico para opressão colonial mesmo depois da abolição da escravidão (WOOD, 2011, p. 230 *apud* ALMEIDA, 2019, p. 21).

Mesmo no século XX, com o surgimento da Antropologia que procurava demonstrar “[...] a autonomia das culturas e a inexistência de determinações biológicas ou culturais capazes de hierarquizar a moral, a cultura, a religião e os sistemas políticos”, a raça continua a ser vista como “[...] um fator político importante, utilizado para naturalizar desigualdades e legitimar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários” (ALMEIDA, 2019, p. 22). Assim, é possível perceber que apesar de se ter dados científicos que constatarem que os preconceitos raciais, anteriormente respaldados pela ciência, não possuem mais justificativas para prolongar sua existência de exclusão por fatores raciais, o racismo continua a fazer parte da sociedade, dividindo e matando os não brancos - onde o negro é seu principal alvo nesse genocídio - tido como algo natural e normal essa segregação e inferioridade do negro.

Apesar de termos registros das injúrias acometidas em decorrência do racismo racial (sendo o pior de todos, a escravidão), a sociedade continua a proliferar tal comportamento como se não tivesse aprendido absolutamente nada com a história de

seus antepassados. Isso se dá, em grande parte, pelo processo de desinformação – a outra parte ocorre por uma construção cultural da sociedade em relação ao valor do outro.

Surge, então, a indagação: como pode o racismo, algo tão antigo e com mazes que marcam a história, ainda permear na sociedade que hoje se encontra na chamada era da informação? Para que possamos ter uma noção de como responder tal pergunta, é preciso entender o funcionamento da informação e desinformação, duas vertentes que caminham juntas e interagem socialmente.

A informação é definida pela forma que se é produzida, sendo marcada por intencionalidades e relações de poder. Isso porque, ao ser encontrado sob diversas concepções, apresenta diferentes significados que são aplicados conforme é atribuída pelo sujeito, sendo assim, um objeto multifacetado e de constituição complexa (COSTA; MELO, 2021). Do mesmo modo, a desinformação atua como um processo que faz parte do mesmo fenômeno, uma vez que “a informação é ambivalente - tanto para quem a produz, quanto para quem a recebe - e, portanto, desinformar e informar fazem parte do mesmo fenômeno” (DEMO, 2000 *apud* COSTA; MELO, 2021, p. 180).

A desinformação tem uma relação intrínseca a capacidade de manipulação (que faz parte do processo de construção e repasse da informação) para, com egoísmo, repassar informações “imprecisas, incompletas, vagas ou ambíguas, e, porque não dizer, deliberadamente enganosas” (KARLOVA; FISHER, 2013 *apud* COSTA; MELO, 2021, p. 190) que culminem no apagamento e silenciamento “[d]as vozes de grupos historicamente subalternizados, como é o caso dos(as) negros(as)” (COSTA; MELO, 2021, p. 190).

No caso do povo negro, os conteúdos históricos referentes a sua existência foram apagados, silenciados, manipulados e substituídos por uma “história oficial”, escrita por homens brancos etnocêntricos. Porém, a partir dos anseios do movimento negro e de pesquisadores(as) negros(as), essa história tem sido reconstruída e recontada, dessa vez do ponto de vista do(a) excluído(a), que, segundo Demo (2000), é o menos suscetível a manipulações (COSTA; MELO, 2021, p. 190).

De acordo com Demo (2000 *apud* COSTA; MELO 2021, p. 181), “todo o processo informativo é manipulador” e isso resume o que a feminista e escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie alerta em diversas de suas obras: o problema da história única. Sabendo-se que a informação pode ser algo manipulável ao ponto de se tornar desinformação, deve-se identificar quem são os responsáveis por tal processo. Em sua obra, **Americanah**, Adichie (2014) aponta a construção da história dos africanos, criada pelo homem branco do Ocidente, como sendo a única que interessa (e define o povo negro) para o restante do mundo, impactando mundialmente a formação do

ser negro. Felizmente, “a história do povo negro [...] vem sendo reescrita lentamente a partir das pequenas conquistas do movimento negro e das iniciativas individuais de formar pessoas capazes [...] de sobreviverem a lógica da necropolítica” (MBEMBE, 2016 *apud* COSTA; MELO, 2021, p. 186).

A Biblioteconomia e Ciência da Informação, enquanto áreas formadoras de agentes sociais profissionais em informação, “possui um importante papel no combate ao preconceito racial. E para desempenhá-lo, precisa entender a perspectiva daqueles que estão em formação visando se tornarem futuros bibliotecários e profissionais da informação” (LAURINDO; SILVA; SILVA, 2022, p. 6). Pois é a partir dessa formação que a informação étnico-racial ganhará mais espaços nos estudos teóricos, desenvolvidos pelas instituições, em especial, de ensino superior, e nas práticas dos profissionais formados por essas instituições.

Portanto, torna-se uma responsabilidade política e histórica o emprego dos estudos sobre raça e racismo nos cursos de BCI, para que se possa descaracterizar o estigma de elitização empregado pelas bibliotecas por séculos, concedendo a todos o direito a seus serviços e acesso de forma mais equânime (LAURINDO; SILVA; SILVA, 2022, p. 7).

Uma “problemática branca”, termo apontado por Kilomba (2016), verbaliza o racismo negro como algo criado pelos brancos em um processo de discriminação e que, ao serem tratados como negros, passam, assim, a serem vistos como mercadorias. Percebidos como objetos, os negros têm seus direitos negados e sua cultura banalizada; a percepção de seus traços, de sinais fenotípicos do rosto, do corpo e da cor da pele são alterados, manipulados e moldados com base na classe branca, elitista e machista. Essa distorção do sistema racista torna a população negra dependente da classe que lhe oprime e humilha por constantemente estar negando um espaço de fala, de existência e de pertencimento das raízes culturais, artísticas e afetivas de um povo que há séculos é perseguido por sua raça.

O racismo é responsável por constituir “[...] todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional” (ALMEIDA, 2019, p. 41). Nos meios de comunicação, Freire Filho (2005) aborda em seu artigo, denominado **Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias**, como a representação de negros, e de outros povos considerados minorias, é elaborada e reforçada sob o olhar racista e estereotipado da mídia.

O autor procura apresentar sobre três pontos que se conectam: partindo da representação das minorias como objeto de reflexão teórica e investigação empírica no campo da comunicação. Freire Filho (2005) observa as limitações teóricas e meto-

dológicas sobre distorções e estereótipos na mídia e finaliza dando vez ao crescente e auspicioso surgimento de novos lugares de enunciação para grupos sociais sub-representados.

O autor ainda expressa como “Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem posicionar e a partir dos quais podem falar”, dando exemplo ao que se observa com “[...] a narrativa das telenovelas e a semiótica da publicidade [que] ajudam a construir certas identidades” (FREIRE FILHO, 2005, p. 21). Apesar do artigo ter um foco maior na questão de gênero, as informações e observações apresentadas podem ser utilizadas para refletir, também, sobre a questão racial no meio midiático.

O que vale a pena perceber que “Tais debates públicos e análises acadêmicas acerca da veiculação maciça de representações desfavoráveis e danosas das minorias costumam gravitar em torno de um conceito-chave: *estereótipo* [...]” (FREIRE FILHO, 2005, p. 22, grifo do autor). Termo que consegue definir o que foi, é ou será aceito e bem-visto pela sociedade, tendo assim, o poder de elevar ou rebaixar, principalmente, uma categoria social.

[Os estereótipos] Como forma influente de controle social, ajudam a demarcar e manter fronteiras simbólicas entre o normal e o anormal, o integrado e o desviante, o aceitável e o inaceitável, o natural e o patológico, o cidadão e o estrangeiro, os *insiders* e os *outsiders*, Nós e Eles. Tonificam a auto-estima e facilitam a união de todos “nós” que somos normais, em uma “comunidade imaginária”, ao mesmo tempo em que excluem, expõem, remetem a um exílio simbólico tudo aquilo que não se encaixa, tudo aquilo que é diferente (FREIRE FILHO, 2005, p. 23, grifos do autor).

Apesar de os meios de comunicação transmitirem esse comportamento de desigualdade, são as escolas que detêm o importante papel ao não apresentar as importantes contribuições que negros e negras tiveram “[...] para a história, literatura, ciência e afins, resumindo-se a comemorar a própria libertação graças à bondade de brancos conscientes” (ALMEIDA, 2019, p. 41). O que se aprende nas escolas sobre os negros é a partir da época em que são trazidos para o Brasil, no conhecido tráfico atlântico, e todo o cenário escravista ao qual fizeram parte, sendo retratados como vítimas indefesas que servem (e são gratos) por serem os protagonistas da escravidão, oferecendo sua mão-de-obra a favor do desenvolvimento da economia de um poderoso e próspero país.

Não fazer parte do conteúdo didático é um dos fatores que separa e aumenta o preconceito contra afrodescendentes (além de não retratar completamente a história do país) que também encontram barreiras a terem “acesso a uma educação de quali-

dade” sendo este um efeito causado pelo racismo estrutural (RIBEIRO, 2019, p. 43). Esta discussão está atrelada às oportunidades que negros e brancos têm de exercerem seu direito à uma educação digna, reconhecendo-se, assim, a meritocracia que brancos possuem ao frequentarem, por exemplo, uma instituição privada enquanto negros, na grande maioria dos casos, não “[...] se podem dar ao luxo de cursar uma graduação sem trabalhar ou ganhando apenas uma bolsa de estagiário” (RIBEIRO, 2019, p. 44). Esta é uma realidade que faz com que muitos desistam dos estudos ainda durante o ensino médio.

Nesse sentido, e de acordo com Almeida (2019, p. 42), “[...] a ideologia é, antes de tudo, uma prática” e a noção de racismo poderá ser apresentado/discutido enquanto ideologia “[...] desde que se considere que toda ideologia só pode subsistir se estiver ancorada em práticas sociais concretas”, assim sendo, cabe ao indivíduo (e coletivo) identificar quais frases e ações racistas estão inseridas e naturalizados em seu cotidiano social.

O significado das práticas discriminatórias pelas quais o racismo se realiza é dado pela ideologia. Nossa relação com a vida social é mediada pela ideologia, ou seja, pelo imaginário que é reproduzido pelos meios de comunicação, pelo sistema educacional e pelo sistema de justiça em consonância com a realidade. Assim, **uma pessoa não nasce branca ou negra, mas torna-se a partir do momento em que seu corpo e sua mente são conectados a toda uma rede de sentidos compartilhados coletivamente, cuja existência antecede a formação de sua consciência e de seus afetos. Pessoas negras, portanto, podem reproduzir em seus comportamentos individuais o racismo de que são as maiores vítimas.** Submetidos às pressões de uma estrutura social racista, o mais comum é que o negro e a negra internalizem a ideia de uma sociedade dividida entre negros e brancos, em que brancos mandam e negros obedecem. **Somente a reflexão crítica sobre a sociedade e sobre a própria condição pode fazer um indivíduo, mesmo sendo negro, enxergar a si próprio e ao mundo que o circunda para além do imaginário racista** (ALMEIDA, 2019, p. 42, grifo nosso).

Por tudo isso, entender como o imaginário racista consegue controlar e até mesmo modificar as percepções da própria população descriminalizada, possibilita refletir sobre formas de combate efetiva para cada fator social. Reconhecer isto não retira a culpa de quem discrimina uma pessoa por seu tom de pele, mas capacita a abertura de debates mais certos sobre esse comportamento repassado que destrói os indivíduos e divide a sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Para atingir o objetivo proposto, quanto às perspectivas conceituais sobre miscigenação, mestiçagem e democracia racial, com a intenção de popularizar seus termos e seu conhecimento consciente, percebemos quão importante é conhecer os meandros da luta racial ao longo da História do Brasil para compreender o racismo hoje. Ao realizar essa análise, entendemos que a informação pode ser responsável por, através da desinformação manipulável, contribuir para o compartilhamento de práticas racistas, mas também, ao ser utilizada da forma correta, deixando de lado possíveis egocentrismos, a informação oportuniza um caminho árduo para construir uma formação antirracista.

Essa forma correta, alinhando a discussão com a responsabilidade dos profissionais da informação em agentes informacionais, se dá a partir do desenvolvimento e conhecimento desse grupo de profissionais “na busca e no uso da informação”, sendo, portanto, necessário analisar a competência em informação desses profissionais.

O (a) profissional enquanto mediador (a) de informações precisa ser capacitado(a) no que diz respeito às ferramentas para o acesso a fontes de informação específicas, conhecendo os direitos conquistados pela população negra, intensificando a representatividade e em prol de uma sociedade antirracista. Atualmente, no Brasil, o compartilhamento de informações falsas tem refletido a falta de competência em informação da população, portanto pensamos que profissionais que atuam nas áreas da informação e comunicação podem realizar um trabalho educativo nesse contexto (SOUSA; VALÉRIO; CAMPOS, 2021, p. 129).

Assim, tornar o profissional competente em informação “colabora com a eficiência de se compartilhar informação para um grupo, comunidade ou nação” (SOUSA; VALÉRIO; CAMPOS, 2021, p. 130). Para que essa competência seja efetiva,

[...] devem ser pensadas estratégias dentro das Universidades, como ações e projetos que colaborem com a prática da igualdade racial para que os (as) futuros profissionais da informação e comunicação se tornem competentes em informação nesse contexto. [...] a criação de **disciplinas obrigatórias que discutam as relações raciais** [...] pode ser um dos caminhos que fomentem essas habilidades informacionais. Um fator essencial é **mediar práticas de competência em informação dos (as) usuários (as) da biblioteca, de maneira que esse ambiente possa oferecer projetos como: leitura, cinema, roda de conversa, contação de histórias, entre outras propostas com autores (as) negros (as), engajando a representatividade** (SOUSA; VALÉRIO; CAMPOS, 2021, p. 142, grifo nosso).

Para encerrar, lembramos mais uma passagem do livro de Almeida (2019. p.

41), quando cita a fala do rapper negro, MV Bill, da Cidade de Deus, favela do Rio de Janeiro, em seu relato sobre sua infância: “Estudei até a quinta série. Minha mãe ficava mais feliz quando eu chegava com o dinheiro do trabalho do que com meu boletim”, ainda que em poucas palavras, MV Bill consegue demonstrar, através da sua experiência pessoal, as consequências da desigualdade racial e como ela opera e controla a população, resultado consequente das mazelas do racismo “que cria a raça e os sujeitos racializados”.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Americanah**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BATISTA, Elicardo Heber de Almeida. Processos de branqueamento, racismo estrutural e tensões na formação social brasileira. **Revista Geografia em Atos** (GeoAtos online), São Paulo, v. 4, n. 19, p. 11-37, set./dez. 2020. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/geografiaematos/article/view/7725#:~:text=racismo%20estrutural%20e%20o%20cidad%C3%A3o,parte%20da%20estrutura%20social%20brasileira>. Acesso em: 15 dez.

COSTA, Fernanda Carla da Silva; MELO, Daniella Alves de. Racismo é (só) falta de Informação? caminhos entre informação e desinformação. **Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 7, n. 1, p. 177-194, 16 jun. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/669>. Acesso em: 15 dez. 2022.

DANTAS, Carolina Vianna; MATTOS, Hebe; ABREU, Martha (org.). **O negro no Brasil: trajetórias e lutas em dez aulas de história**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

FREIRE FILHO, João. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **FAMECOS**, Porto Alegre, v. 12, n. 28, p. 18-29, dez. 2005. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3333>. Acesso em: 3 mar. 2023.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 1993.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KILOMBA, Grada. A máscara. Tradução de Jessica Oliveira de Jesus. **Cadernos de Literatura em Tradução**, São Paulo, n. 16, p. 171-180, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/115286/112968>. Acesso em: 04 mar. 2023.

LAURINDO, Kariane Regina; SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; SILVA, Rubens Alves

da. Racismo na literatura científica em biblioteconomia e ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2022, Porto Alegre, RS. **Anais** [...]. Porto Alegre, RS: ENANCIB, 2022. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br//benancib/v/202092>. Acesso em: 4 mar. 2023.

NASCIMENTO, Francisco Paulo do. Classificação da pesquisa: natureza, método ou abordagem metodológica, objetivos e procedimentos. *In*: NASCIMENTO, Francisco Paulo do; SOUSA, Flávio Luís Leite. **Metodologia da pesquisa científica**: teoria e prática - como elaborar TCC. Brasília: Thesaurus, 2016. Disponível em: <http://francisco-paulo.com.br/arquivos/Classificando%20a%20Pesquisa.pdf>. Acesso em: 19 jun. 2022.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOUSA, Gleyce Kelly Alves; VALÉRIO, Erinaldo Dias; CAMPOS, Arthur Ferreira. Competência em informação para a igualdade racial. **Logeion**: Filosofia da Informação, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 128-144, 2021. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/5639>. Acesso em: 24 mar. 2023.

TADEI, Emanuel Mariano. A mestiçagem enquanto um dispositivo de poder e a constituição de nossa identidade nacional. **Psicologia**: ciência e profissão, Brasília, v. 22, n. 4, p. 2-13, 2002. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932002000400002>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/fm67k3WrsDP9zWDHFYFgXbK/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 4 mar. 2022.



Modalidade: Trabalho Completo

GT 7: Informação, Memória e Patrimônio

Projeto de Cultura Quilombo Mulatos: um relato de experiência acadêmica

Raniele Lima dos Santos

Karine de Araújo Monteiro

Jose Wesley Barbosa Belino

Priscilla Régis Cunha de Queiroz

Jenifer Evangelista da Silva

Resumo: O presente trabalho apresenta um relato de experiência no Projeto de Cultura Quilombo Mulatos: narrativas quilombolas, tradição oral, memória e patrimônio cultural. Objetivou-se abordar aspectos de efetivação dos trabalhos de registro da memória do Quilombo Mulatos da Serra Boca da Mata, em Jardim, no Ceará. A metodologia ancora-se na abordagem qualitativa. Trataremos, do ponto de vista das técnicas de coleta, com documentação indireta que abrange material bibliográfico e documental, além de utilizar documentação direta coletada por meio de entrevistas abertas, a partir dos pressupostos da história oral. Os resultados indicaram um impacto positivo na formação dos discentes de biblioteconomia que, por meio das reflexões sobre as atividades no âmbito do projeto, registraram, organizaram e transcreveram parte da tradição oral da comunidade atendida. Conclui-se que o trato teórico-prático com questões em torno da memória e do patrimônio promove um impacto positivo na formação do profissional da Biblioteconomia.

Palavras-chave: Biblioteconomia; Memória; Patrimônio; Quilombo Mulatos.

1 INTRODUÇÃO

No Brasil, as políticas públicas de cultura e patrimônio têm sido encampadas principalmente pelo poder federal (FUNARI; PELEGRINI, 2006). Porém, cada vez mais, grupos sociais e pesquisadores de diversas áreas buscam atuar na defesa do patrimônio cultural brasileiro. Nessa perspectiva, as Universidades são potencialmente pólos de intervenção criativa, agitando ideias e práticas que atravessam seus muros

e alcançam comunidades, espaços de poder e mídias. Nesse ensejo surgiu o Projeto de Cultura Quilombo Mulatos: narrativas quilombolas, tradição oral, memória e patrimônio cultural, aprovado para execução via Edital de Integralização da Cultura fomentado pela Pró-Reitoria de Cultura da Universidade Federal do Cariri (UFCA), em 2022.

O Projeto de Cultura Quilombo Mulatos teve como objetivo o registro da memória do Quilombo Mulatos da Serra Boca da Mata, em Jardim, no Ceará. Seus objetivos específicos eram: registrar narrativas e tradições de integrantes do Quilombo Mulatos; problematizar as memórias individuais e coletivas para compreender a amplitude da experiência social do quilombo na Região; contribuir no combate ao racismo e na promoção de políticas de ações afirmativas; disponibilizar um acervo memorial à comunidade local e científica; oportunizar aprendizado multidisciplinar aos integrantes do projeto.

Nesse sentido, a pesquisa se justifica ao compreender que o profissional da Biblioteconomia pode ser um agente de fundamental importância para a preservação do patrimônio, das tradições orais, atuando na gestão da memória social. Mediante tais explicações, o trabalho em tela busca apresentar um relato de experiência no Projeto de Cultura Quilombo Mulatos: narrativas quilombolas, tradição oral, memória e patrimônio cultural.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

No presente trabalho, a metodologia possui abordagem qualitativa. Do ponto de vista das técnicas de coleta, tratamos com documentação indireta que abrange material bibliográfico e documental, sendo estes registros da Associação Remanescentes de Quilombo Serra dos Mulatos. No que diz respeito à documentação direta coletada, em 2022, realizamos entrevistas abertas com seis moradores do Quilombo Mulatos, a partir dos pressupostos da história oral.

As entrevistas realizadas a partir da história oral podem ser tomadas como fontes para o registro e a compreensão do passado de um indivíduo e/ou grupo. Uma das características dessa metodologia é o estímulo de temas e questões aos entrevistados, por parte do entrevistador, geralmente após a consumação de determinado fato ou conjuntura histórico-social. O conjunto de materiais oriundos das entrevistas em história oral pode constituir acervo de caráter histórico, memorialístico e autobiográfico, permitindo o registro e a interpretação de modos de vida, trajetórias e acontecimentos.

O campo da pesquisa foi a comunidade Quilombo Mulatos, a qual tem vários festejos culturais, lendas locais e expressões artísticas como o artesanato.

Atualmente, a comunidade tem se empenhado na construção do próprio museu, espaço que reunirá elementos da memória, da História local e acervos diversos da comunidade.

Os trabalhos do Projeto de Cultura Quilombo Mulatos envolveram alunos dos cursos de Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri e um aluno voluntário do curso de Administração Pública da UFCA. Entre os meses de junho a dezembro, sete alunos, entre bolsistas e voluntários, discutiram textos sobre cultura brasileira e comunidades quilombolas, debateram ideias e técnicas de entrevistas, além de participarem de oficinas preparatórias, sempre tendo em vista a preservação da rica herança afro-brasileira.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Ao falarmos de Cultura não estamos falando de erudição ou de educação formal. Na verdade, devemos compreender a cultura como sendo algo dinâmico, que abrange valores, práticas e sentidos, que compõem nossas visões de mundo e dão base para nossos modos de estar no mundo, em um hibridismo permanente (PRÓ-REITORIA DE CULTURA, 2019). Nessa perspectiva, organizamos as atividades do Projeto de Cultura Quilombo Mulatos, considerando ainda questões sobre memória e patrimônio.

Partindo do estudo de Dodebei, Farias e Gondar (2016), percebemos cinco proposições sobre amemória social, quais sejam: 1) o campo da memória social é transdisciplinar; 2) o conceito de memória social é ético e político; 3) a memória implica o esquecimento; 4) a memória não se reduz à identidade; e 5) a memória não se reduz à representação. A memória é compreendida como um processo de produção-preservação cultural. Nessa perspectiva, preservar memórias significa garantir o direito de um grupo ou povo. Enquanto profissionais da área de biblioteconomia, devemos zelar pelo seu registro e acesso amplo aos acervos que resguardam essas memórias.

Quanto ao conceito de patrimônio, Cecília Londres informa que o termo, de origem latina (*patrimonium*), denomina bens recebidos como herança paterna. Com o tempo, a noção de patrimônio vem sendo usada para além do âmbito familiar, passando a abranger legados geracionais, nacionais e humanos. Hoje, sobretudo em Estados democráticos, utilizamos a noção de patrimônio cultural associada à ideia de preservação e valorização de bens culturais que devem ser transmitidos às próximas gerações (LONDRES, 2012). Os trabalhos do Projeto de Cultura Quilombo Mulatos partiram dessa premissa.

Discutindo o percurso do ensino de Biblioteconomia no Brasil, Mata e Gerlin indicam que, ao longo da consolidação dos cursos de Biblioteconomia no Brasil, “[...] as discussões predominantes na área foram sobre as possíveis mudanças nos fazeres bibliotecários e a ampliação dos seus locais de atuação, iniciando-se uma busca por tentar definir o seu perfil profissional” (MATA; GERLIN, 2018, p. 38). Para as autoras, é importante ter em mente as transformações sociais e as suas consequências no mercado de trabalho da área, porém, “[...] o perfil do profissional não deve ser elaborado somente com base neste aspecto” (MATA; GERLIN, 2018, p. 38).

[...] a partir da introdução das Diretrizes Curriculares Nacionais de Biblioteconomia (2001), percebe uma flexibilização dos seus conteúdos curriculares estruturantes, com destaque para a seguinte competência e habilidade geral: “elaborar, coordenar, executar e avaliar planos, programas e projetos”. No que se refere às específicas, destacam-se: “Crítico, investigar, propor, planejar, executar e avaliar recursos e produtos de informação; e Trabalhar com fontes de informação de qualquer natureza”. Essas competências e habilidades possibilitam aos graduandos de Biblioteconomia obter conhecimento para oferecer serviços e recursos informacionais (MATA; GERLIN, 2018, p. 43).

Os trabalhos no âmbito do Projeto de Cultura Quilombo Mulatos foram desenvolvidos tendo em vista tais parâmetros. É dever de toda pessoa bibliotecária compreender as diferentes realidades sociais para interagir com diferentes grupos, desenvolvendo e utilizando técnicas de coleta, tratamento, recuperação e disseminação da informação. A execução de projetos culturais pode ser um caminho para efetivação desses interesses. Com base nisso, desenvolvemos as seguintes atividades:

Quadro 1 - Atividades desenvolvidas no âmbito do Projeto

Atividade	Detalhamento
Visitas à comunidade Quilombola	Foram realizadas duas entrevistas sendo uma delas durante a renovação do quilombo, tendo como objetivo resgatar a cultura.
Oficina de entrevista	Entrevista ministrada pelo Professor Doutor Thiago Coutinho, da UFCA.
Entrevistas	Foram entrevistados 6 moradores da comunidade, 5 deles idosos e 1 deles um jovem sobre suas histórias e suas vivências no quilombo.
Transcrições dos áudios das entrevistas	Os áudios coletados durante as entrevistas foram editados e transcritos pela equipe do projeto.

Revisão do áudio de gravação das entrevistas	Os áudios coletados tiveram que passar por um programa para serem cortados e foram salvos com as edições.
Organização do acervo construído pela equipe do projeto de cultura	A organização foi separada por pastas contendo fotos, transcrições, visitas e entrevista de cada entrevistado.
Escrita de artigo acadêmico	Artigo enviado para revista acadêmica especializada, em fevereiro de 2023.

Fonte: Elaborado pelos autores (2023).

As atividades práticas, de campo, foram realizadas na cidade de Jardim, na comunidade Serra Boca da Mata, onde está situado o Quilombo Serra dos Mulatos. A comunidade possui, em sua área de abrangência, 283 famílias, das quais 120 são remanescentes de quilombo e dessas, desde o dia 19 de dezembro de 2020, 86 já se auto identificaram formalmente como remanescentes de quilombo, como informa o diagnóstico realizado pela Associação Remanescente de Quilombo Serra dos Mulatos (ARQSM, 2021). AARQSM é a mais recente associação quilombola certificada pela Fundação Palmares, tendo desenvolvido ações relevantes para sua comunidade em apenas dois anos de existência.

De acordo com a Fundação Palmares, órgão do Ministério da Cultura responsável pela preservação do patrimônio cultural afro-brasileiro, comunidades remanescentes de quilombo são “[...] comunidades oriundas daquelas que resistiram à brutalidade do regime escravocrata e se rebelaram frente a quem acreditava serem eles sua propriedade” (BRASIL; MINISTÉRIO... [2023]). Esse entendimento corrobora o texto do art. 2º do Decreto nº 4.887, de 20 de novembro de 2003, que informa:

[...] consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (BRASIL, 2003).

Segundo levantamento feito pela Fundação Palmares (2023), existem, no Brasil, 1.209 comunidades remanescentes de quilombos certificadas e 143 áreas com terras já tituladas. Segundo Tavares (2020), em 2019, na região do Cariri cearense, havia 06 (seis) comunidades quilombolas com procedimentos de regularização fundiária em tramitação no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), e outras 06 (seis) com certificação comunidades negras e quilombolas foram registradas na região do Cariri, no Ceará. Entre esses grupos, no município de Jardim, está o Quilombo Mulatos/Serra Boca da Mata, morada de 120 famílias. Ao longo de 2022,

seis moradores do Quilombo Mulatos foram entrevistados pelo Projeto de Cultura Quilombo Mulatos.

Quadro 2 - Moradores do Quilombo Mulatos entrevistados em 2022

Nome	Sexo	Idade	Data da entrevista
Dona Ló	Feminino	90 Anos	25/09/2022
João Mulato	Masculino	88 Anos	25/09/2022
Delzuite	Feminino	87 Anos	25/09/2022
Luiz Otávio	Masculino	63 Anos	30/09/2022
Janildo Soares	Masculino	21 Anos	30/09/2022
Luiz Cipriano	Masculino	73 Anos	30/09/2022

Fonte: Autores (2023).

Nessas entrevistas podemos conhecer melhor a história de vida de homens e mulheres que vivem no Quilombo Mulatos, a exemplo de Dona Delzuite, que falou sobre sua infância: “Não tinha nada pra mim dormir em cima não, eu fui criada foi desse jeito, dormia no chão, não tinha com que se enrolar nem nada não” (QUILOMBO MULATOS: SENHORA DELZUITE, 2022, comunicação oral). Ao revelar informações sobre sua infância, Dona Delzuite dá indícios da vida na comunidade. As dificuldades enfrentadas pela depoente foram compartilhadas pelas famílias que há décadas batalham para manter moradia na Serra Boca da Mata. A narrativa de Dona Delzuite revela o passado, mas também serve de elemento comparativo para análise das mudanças e vitórias alcançadas pelos quilombolas no presente.

Além de Delzuite, ouvimos a história do jovem professor Janildo, também morador do Quilombo Mulatos. Janildo nos contou sobre sua experiência na comunidade:

Crescer aqui foi uma coisa muito saudável, sabe, assim pra gente foi realmente uma dádiva crescer aqui, porque a gente pode ter contato com nossos avós com primos tudo aqui num lugar só e a gente ouviu essas histórias né, que pra gente agora é uma riqueza (QUILOMBO MULATOS: PROFESSOR JANILDO, 2022, Comunicação oral).

As memórias de Delzuite e Janildo testemunham temporalidades diferentes, reconstruindo para a posteridade a experiência quilombola na região do Cariri cearense. Na fala desses e dos demais entrevistados, percebemos a vontade de relatar

suas trajetórias e os laços que compõem o modo de vida no Quilombo Mulatos. Nesse processo, a equipe envolvida nos trabalhos pôde operacionalizar conceitos como memória coletiva e patrimônio cultural, ao tempo em que constituiu acervo de registros para a preservação da história daquela comunidade. Como indica Londres (2012), somente a transmissão, difusão e apropriação, por parte dos grupos sociais, poderá garantir a preservação do patrimônio cultural. Nessa perspectiva, julgamos ter contribuído com a comunidade.

4 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

O que sobrevive da memória coletiva de tempos passados não é somente o conjunto dos monumentos e documentos que existiram, muito mais pode ser preservado. O que define a herança que atravessará o tempo são as escolhas e atitudes de preservação, seja pela força de mobilização das comunidades que detêm esse patrimônio, seja pela atuação de profissionais como historiadores, museólogos, arquivistas e bibliotecários.

A formação na área de Biblioteconomia exige que os profissionais desenvolvam habilidades, senso crítico e atitude ética para identificar problemas e demandas informacionais, promovendo o conhecimento e a cidadania. Entre essas demandas está a preservação do patrimônio. A atuação no Projeto Quilombo Mulatos propiciou tais debates, efetivados de maneira prática a partir da preparação e realização das entrevistas na comunidade quilombola de Jardim. No âmbito do Projeto de Cultura, desenvolvemos habilidades para construção da carreira profissional e acadêmica dos discentes do curso de Biblioteconomia envolvidos nos trabalhos.

Nesse percurso, percebeu-se as dificuldades de implantar ações em defesa da cultura e do patrimônio pois, muitas vezes, o desequilíbrio na aplicação de leis e orçamentos públicos impactam na construção de políticas públicas de cultura e na ampla disponibilização e organização de acervos que dão conta de modos de vida tradicionais. Atualmente, sem muito apoio, a comunidade quilombola da Serra dos Mulatos luta para a construção de seu museu comunitário, onde, esperamos, possam ser exibidos os registros organizados pelo presente projeto.

REFERÊNCIAS

ARQSM – ASSOCIAÇÃO REMANESCENTE DE QUILOMBO SERRA DOS MULATOS. **Diagnóstico do Quilombo Mulatos da Serra Boca da Mata**. Jardim: ARQSM, 2021.

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016].

BRASIL; MINISTÉRIO DA CULTURA. **Fundação Cultural Palmares**, [2023]. Disponível em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br>. Acesso em: 3 mar. 2023.

DODEBEL, Vera; FARIAS, Francisco Ramos de; GONDAR, Jô. Por que memória social? **Revista Morpheus: Estudos Interdisciplinares em Memória Social: edição especial**, Rio de Janeiro v. 9, n. 15, 2016. Disponível em: <https://seer.unirio.br/morpheus/article/view/5475>. Acesso em: 3 mar. 2023.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

LONDRES, Cecília. O patrimônio cultural na formação das novas gerações: algumas considerações. *In*: TOLENTINO, Átila Bezerra (org.). **Educação patrimonial: reflexões e práticas**. João Pessoa: IPHAN, 2012, p. 14-21.

MATA, Marta Leandro da; GERLIN, M. N. M. Reflexões sobre ensino de biblioteconomia: ênfase curricular na função educacional do serviço de referência e da competência em informação. **BIBLOS: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, [s. l.], v. 32, n. 1, p. 31-52, jan./jun. 2018. DOI: <https://doi.org/10.14295/biblos.v32i1.7431>. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/7431>. Acesso em: 5 mar. 2023.

PRÓ-REITORIA DE CULTURA. **Plano de cultura da UFCA: 2019-2024**. Juazeiro do Norte: UFCA, 2020. Disponível em: <https://ebooks.ufca.edu.br/catalogo/plano-de-cultura-da-ufca-2019-2024/>. Acesso em: 5 mar. 2023.

QUILOMBO MULATOS: **Senhora Delzuite**, [responsável] Priscilla Régis Cunha de Queiroz, Jardim-CE, 25 de set. 2022. Entrevista gravada em áudio no âmbito do Projeto de Cultura Quilombo Mulatos, da UFCA. (Comunicação oral).

QUILOMBO MULATOS: **Professor Janildo**. [responsável] Priscilla Régis Cunha de Queiroz, Jardim-CE, 30 de set. 2022. Entrevista gravada em áudio no âmbito do Projeto de Cultura Quilombo Mulatos, da UFCA. (Comunicação oral).

TAVARES, Geovani de Oliveira. **Territorialidades e identidades quilombolas em questão na chapada do Araripe - Cariri, Ceará**. 2020. 253 f., il. Tese (Doutorado em

Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.





Modalidade: Resumo expandido

GT 7: Informação, Memória e Patrimônio

Mulheres na Biblioteconomia: a presença das mulheres na gestão da Biblioteca Nacional

Maria Daiane Santana

Arysa Cabral Barros

Resumo: Destaca que os estudos sobre gênero na atuação bibliotecária são limitados e pouco consolidados, assim, tem como objetivo compreender a participação de mulheres no cargo presidencial da Biblioteca Nacional. Possui natureza básica e qualitativa a partir da pesquisa bibliográfica e o método exploratório. Relata o percurso histórico da inserção do público feminino no mercado de trabalho, enfatizando a discriminação e a desigualdade de gênero no campo profissional. Infere-se, entre 1915 e 2022, que a Biblioteca Nacional nomeou 24 pessoas para assumir sua presidência, dentre estas, cinco eram mulheres, quatro com formação superior em Biblioteconomia. Conclui-se que a presença de mulheres em cargos de gestão na Biblioteca Nacional é pequena, dentro do período analisado, o que demonstra o poder histórico da figura masculina neste cargo.

Palavras-chave: Mulheres; Biblioteconomia; Biblioteca Nacional.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, as mulheres têm percorrido uma trajetória formada pela desigualdade e a discriminação. A sociedade, majoritariamente elitista e machista, manteve uma concepção que as mulheres eram cidadãs de uma classe inferior, chamadas de segunda classe. Enquanto o ser masculino é considerado racional, forte, viril e livre, o feminino limita-se a ser mais emotiva, passiva e subserviente. Contudo, através de mudanças sociais, políticas e culturais, a mulher está conseguindo alcançar seu espaço e qualificação profissional (MARTINS; RIOS; VIEIRA, 2016).

A entrada das mulheres no mercado de trabalho assalariado, levou-as a profissões específicas estereotipadas como femininas (CHIES, 2010). Sabendo disso, ocupações que detêm uma porcentagem maior de mulheres como professoras, enfermeiras, assistentes sociais, bibliotecárias, entre outras, não recebem a mesma relevância social

dada às profissões “masculinas”. As mulheres têm que provar constantemente o seu merecimento e competência para estar nesse mercado de trabalho desigual. Esta hierarquização opressora da sociedade em categorizar trabalhos “femininos” e “masculinos” contribui para a desigualdade de gênero tanto no mercado de trabalho como fora dela.

Trazendo essa concepção para a prática bibliotecária, no que se refere às desigualdades entre os gêneros na Biblioteconomia, é necessário propor uma reflexão do porquê essa profissão, mesmo na sua maior porcentagem ser de mulheres, ainda assim, são os homens que têm cargos de maior privilégio. Nesse sentido, esta pesquisa se faz importante, pois os estudos sobre gênero na atuação bibliotecária são limitados e pouco consolidados. Mediante tais explanações, o trabalho tem por objetivo compreender a participação de mulheres no cargo presidencial da Biblioteca Nacional.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

De maneira geral, esse trabalho possui natureza básica e qualitativa, usando da pesquisa bibliográfica para a construção do referencial teórico, a partir de um levantamento de obras científicas disponíveis sobre feminilização do trabalho e a atuação bibliotecária no âmbito da gestão. Quanto aos fins, optou-se pelo método exploratório, uma vez que a pesquisa se encontra na fase preliminar e tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto investigado, possibilitando sua definição e seu delineamento (PRODANOV; FREITAS, 2013).

A pesquisa foi direcionada às bibliotecárias que estiveram à frente da Biblioteca Nacional (BN), considerada pela UNESCO uma das dez maiores bibliotecas nacionais do mundo, e a maior biblioteca da América Latina. A coleta dos dados foi realizada através do site oficial da BN, na aba sobre o histórico²⁴, usando como recorte temporal os anos de 1915 a 2022. Estabeleceu como marco inicial o ano de 1915, pois, neste período, foi criado o primeiro Curso de Biblioteconomia, dentro da própria BN.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A sociedade brasileira, como boa parte da cultura mundial, foi historicamente pautada para que os homens tivessem uma soberania perante o público feminino de modo que as profissões, ou mesmo o mercado de trabalho, sejam espaços permeados pela desigualdade. No início do século XIX, tinha-se como padrão o homem sustentar a esposa, os filhos, e as despesas da casa, desse modo acreditava-se que não havia a

²⁴ Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/sobre-bn/historico>. Acesso em: 05 mar. 2023.

necessidade de a mulher sair para trabalhar. As únicas mulheres que não seguiram essa regra eram as viúvas e as de classes mais pobres para sustentar seus filhos (PROBST, 2015).

Os costumes empregados pela sociedade contribuíram para o estabelecimento das representações trabalhistas da mulher no mercado de trabalho, como trabalhos domésticos, atividades no campo e cuidado da família. Embora, historicamente, sabe-se que muitas mulheres ingressaram no espaço público de trabalho, na sociedade colonial patriarcalista, movidas pela necessidade de sobrevivência familiar. Foi somente no século XIX que começou a ser registrado o trabalho feminino e os questionamentos sobre sua legitimidade (SCOTT, 1992).

A partir da Revolução Industrial (1760-1840) que a mulher começa a trabalhar. O desenvolvimento de industrialização e urbanização implantado com o modelo capitalista trouxe novas perspectivas para o trabalho feminino na indústria têxtil inglesa. A ideologia da família patriarcal começou a romper, ocasionando na mudança da relação social entre os gêneros (RODRIGUES *et al.*, 2015).

Esse período de crescimento industrial fez com que o público feminino conseguisse sair de suas casas e ir trabalhar nas fábricas. Entretanto, esse trabalho não oferecia uma vida melhor, muito menos direitos trabalhistas. Conforme Bruschini (2006), outros fatores que contribuíram nesse processo de feminização do trabalho foram: a) a queda da fecundidade da mulher (estimativa do número médio de filhos que uma mulher tem ao longo da vida), isto diminui na quantidade de filhos e possibilitou, de uma determinada forma, as mulheres para ocupar os postos de trabalho; b) o aumento da escolaridade das mulheres, tendo em consideração que o acesso ao ensino superior ampliou o mercado de trabalho com novas ocupações; c) o declínio de renda da população, ou seja, a degradação das condições de vida, que culminou na necessidade do trabalho feminino para complementação da renda familiar; d) as transformações culturais nos valores relativos ao papel social da mulher e; e) a alteração da constituição da identidade feminina voltada para o trabalho produtivo, decorrente da atuação do movimento feminista.

A partir disso, evidencia-se a procura de mulheres a ocuparem cargos cada vez mais específicos. Esse processo não representava a ruptura com a visão conservadora sobre a mulher na sociedade, atrelando seu papel ao lar, família e cuidados. Mas, ainda sim, é importante notar que a maior admissão das mulheres ao mercado de trabalho representou um avanço histórico provocado principalmente pelas mudanças resultantes pelo movimento feminista desde a segunda metade do século XX.

De acordo com Bruschini e Puppini (2004), a conquista do sexo feminino por empregos melhores e de prestígio social só ocorreu nos anos 80. Apesar disso, a mu-

lher ainda sofre com a discriminação e a desigualdade de gênero no campo profissional, tanto na renda salarial como também na carga de atividades exercidas no trabalho. Nesse sentido, Carlotto (2001) apresenta que:

[...] a divisão sexual do trabalho não cria a subordinação e a desigualdade das mulheres no mercado de trabalho, mas recria uma subordinação que existe também nas outras esferas do social. Portanto a divisão sexual do trabalho está inserida na divisão sexual da sociedade com uma evidente articulação entre trabalho de produção e reprodução. E a explicação pelo biológico legitima esta articulação. O mundo da casa, o mundo privado é seu lugar por excelência na sociedade e a entrada na esfera pública, seja através do trabalho ou de outro tipo de prática social e política, será marcada por este conjunto de representações do feminino (BRITO; OLIVEIRA, 1997, p. 252 *apud* CARLOTO, 2001).

A sociedade atribui divergentes papéis e identidades para homens e mulheres, e os papéis masculinos são, em geral, muito mais valorizados e recompensados do que os femininos. Essa desigualdade de oportunidades, de tarefas, de poder e de prestígio é muitas vezes observada dentro da divisão de trabalho. Os mecanismos discriminatórios que acompanham as mulheres na sociedade podem ser evidenciados pela segregação ocupacional por gênero e pelos estudos das relações de trabalho, o que acaba propiciando um maior destaque das desigualdades entre os gêneros.

Nesse sentido, o gênero de uma profissão não deve ser entendido exclusivamente como sinônimo de igualdade, visto que indica a exclusão de um sexo em relação a outro. Também não deve prescindir uma perspectiva histórica, visto se tratar de conquistas em que a intensidade e o ritmo assumidos são diferentes para cada profissão (LOMBARDI, 2017). Essa discriminação ocorre nas profissões tradicionalmente femininas, cuja feminilização é resultado de um construto social que incorre na desvalorização. Esse fato é confirmado por Yannoulas (2003), a qual justifica que mesmo que o sexo feminino tenha um número elevado dominando uma profissão, ainda não há uma representatividade, pois prestígio do reconhecimento do trabalho ainda permanece com o homem.

Embora continue a desigualdade salarial entre os gêneros, deve-se reconhecer que, após grandes lutas, as mulheres conseguiram assumir cargos de alto nível voltados para o gerenciamento. Assim, finda influenciando que a mulher pode sim ser responsável financeiramente pela família e tem a vantagem de possuir rendimentos para investir no serviço ofertado por outras mulheres, fazendo assim, um aumento no fluxo de trabalhadoras assalariadas, o que viabiliza a vida profissional das mulheres gestoras.

Mesmo que estas dividam ou atribuam tarefas domésticas a outras profissionais como: babás, empregadas domésticas e cozinheiras, estigmatizam o papel das

mães nas atividades de cuidado, de brincar e de educar os seus filhos. Essa concepção está diretamente relacionada com a gravidez, o que causou por muitos anos uma justificativa para que empresas não aceitassem mulheres, uma vez que, diferente dos homens, inviabiliza a disponibilidade para viagens, horas extras e mais oportunidades de formação profissional.

Essa responsabilidade de conciliação entre trabalho e a vida familiar atribuída às mulheres deve ser repensada, pois é fato que os cuidados domésticos exigem organização, planejamento e controle dos afazeres, características que são o esboço do gerenciamento. Mas, por que essas competências gestoras são direcionadas apenas ao sexo masculino no ambiente de trabalho?

Betiol e Tonelli (1991) afirmam que as mulheres que possuem apoio dos maridos não estão dispostas a parar de trabalhar, pois dividem a preocupação com os filhos. Para uma parte do sexo masculino, essa vontade de parar de trabalhar é incompreensível, pois eles não conseguem compreender por que alguém que não precisa trabalhar quer mesmo assim, ficando evidente que a discriminação feminina se inicia fora do âmbito profissional, e o significado do trabalho é distinto para ambos os sexos. Apesar de todo o estresse e dificuldades que o trabalho pode causar, as mulheres estão lutando cada vez mais por cargos de maior importância, como os de gestão.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Biblioteconomia é uma das áreas mais antigas que trabalha com a organização de informações e em sua gênese foi exercida majoritariamente por homens. Dentre eles, destacam-se: o indiano Shiyali Ramamrita Ranganathan, considerado o pai da Biblioteconomia, autor das cinco leis da Biblioteconomia; Edson Nery da Fonseca, fundador de cursos de Biblioteconomia de graduação e pós-graduação, responsável pela implantação da Biblioteca Central e do Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação (IBBD); e Manuel Bastos Tigre, considerado o primeiro bibliotecário por concurso no Brasil, e o dia 12 de março, dia do bibliotecário, foi instituído em sua homenagem.

E quanto às mulheres na Biblioteconomia? Não se pode deixar de fora algumas bibliotecárias que marcaram o desenvolvimento da atuação profissional no Brasil ao longo do tempo, como Adelpha Figueiredo, a primeira mulher brasileira bibliotecária a inspirar outras mulheres; Lenyra Fraccaroli, atuante nas bibliotecas infantis públicas na capital paulista, convidada, em 1935, pelo Diretor do Departamento de Cultura, Mário de Andrade, para organizar a primeira biblioteca infantil do Estado de São Paulo; sua discípula, Denise Fernandes Tavares, fundou em Salvador a Biblioteca Infantil Monteiro Lobato.

Em face do exposto, quanto à inferência dos dados coletados no site da Bi-

biblioteca Nacional (BN), inferiu-se que entre os anos de 1915 e 2022, a BN nomeou 24 pessoas para assumir sua presidência. Dentre estas, cinco eram mulheres, quatro com formação superior em Biblioteconomia, exceto Helena Severo, em que não se localizou informação sobre sua graduação. Abaixo, com base no site da BN, pontuou-se os principais feitos realizados pelas profissionais em seus respectivos mandatos.

- a) **Jannice de Mello Monte-Mór** (mandato 1971-1979): foi a primeira mulher a assumir o cargo de diretora geral da Biblioteca Nacional. Em sua gestão: em 1978, a Biblioteca passa a integrar o Comitê Internacional de Diretores de Bibliotecas Internacionais; é criado o Plano Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros (PLANO); e tem-se a implantação do sistema *International Standard Book Number* (ISBN).
- b) **Célia Ribeiro Zaher** (mandato 1982-1984): em 1982 automatizou a biblioteca através do Bibliodata/Calco da Fundação Getúlio Vargas, desenvolvendo o catálogo automatizado em formato MARC (Catalogação Legível por Computador). Em 1983, é criado o Plano Nacional de Restauração de Obras Raras (PLANOR), pela Portaria Ministerial nº 19, de 31 de outubro.
- c) **Maria Alice Giudice Barroso Soares** (mandato 1984-1989): em 1984, a Biblioteca Nacional passa a constituir a Fundação Nacional Pró-Leitura, junto com o Instituto Nacional do Livro.
- d) **Lia Temporal Malcher** (mandato 1989-1990): informação não foi localizada.
- e) **Helena Severo** (mandato 2016-2019): a última mulher a assumir o cargo de gestão. Em 2017, retomou o Projeto Resgate, instituído pela Resolução nº 4212/1974 da Unesco, a qual, na sequência, criou e implementou o Projeto Guia de Fontes para a História das Nações.

Com base nas informações expostas, percebe-se que os feitos realizados na gestão de mulheres da Biblioteca são um grande marco para a sociedade e para a Biblioteconomia. Na gestão dessas mulheres são criados mecanismos e ferramentas para um melhor funcionamento do processamento técnico, armazenamento e difusão da produção literária brasileira.

Contudo, houve um desfalque na atuação feminina na BN entre os anos de 1990 e 2016. Isto é, a Biblioteca passa 26 anos com uma gestão predominantemente masculina. Compreende-se que a Biblioteconomia por ser considerada como profissão feminina, tais práticas carregam e perpetuam significados que interferem na divisão de cargos. Os homens nesta área concentram significativamente os cargos de poder, o que faz sentido, tendo em vista, segundo Bourdieu (2003), que a sociedade se

construiu pautada em conceitos patriarcais e androcêntricos.

5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

O estudo faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Biblioteconomia, que está em desenvolvimento. A partir dele buscou-se discorrer sobre a participação do público feminino nos cargos de gestão da Biblioteca Nacional. Como constatado, a presença de mulheres em cargos de gestão na BN é pequena, dentro do período analisado. O que demonstra o poder histórico da figura masculina neste tipo de cargo.

Acredita-se que este trabalho pode abrir precedentes para que novas pesquisas acessem detalhadamente os pormenores da prática profissional das mulheres na carreira no campo da Biblioteconomia, fomentando a discussão acerca das características e das desigualdades entre os gêneros, como tem sido tendência mundial em outros campos do conhecimento, na luta pela igualdade e reconhecimento da mulher em sua carreira.

REFERÊNCIAS

BETIOL, Maria Irene Stocco; TONELLI, Maria José. A mulher executiva e suas relações de trabalho. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 31, n. 4, p. 17-33, 1991. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/view/38618>. Acesso em: 4 mar. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRUSCHINI, Cristina. Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado? **Revista Brasileira de Estudos de População**, São Paulo, v. 23, n. 2, jul./dez. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepop/a/vG3HhnyjrSY7vFZFhS-qWL7N/?lang=pt>. Acesso em: 08 mar. 2023.

BRUSCHINI, Cristina; PUPPIN, Andrea Brandão. Trabalho de mulheres executivas no Brasil no final do século XX. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 121, jan./abr. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/nbmX97KsCvpcyZ5DxhvMMd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CARLOTO, Cássia Maria. O conceito de gênero e sua importância para a análise das relações sociais. **Serviço Social em Revista**, Londrina, v. 3, n. 2, p. 201-213, 2001. http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c_v3n2_genero.htm. Acesso em: 20 jun. 2022.

CHIES, Paula Viviane. Identidade de gênero e identidade profissional no campo de trabalho. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 507-528, 2010. Disponível: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104->

026X2010000200013. Acesso em: 04 set. 2022.

LOMBARDI, Maria Rosa. Apresentação - Mulheres em carreiras de prestígio: conquistas e desafios à feminização. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, v. 47, n. 163, p. 10-14, jan./mar. 2017. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742017000100010&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 03 maio 2022.

MARTINS, Alane Mendes; RIOS, Pedro Paulo Souza; VIEIRA, André Ricardo Lucas. Relações de gênero na gestão escolar a dicotomia entre mulheres e homens no cargo de diretora/diretor escolar. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 9., 2016, São João del-Rei. **Anais** [...]. São João del-Rei: ENFOPE, 2016.

PROBST, Elisiana Renata. A evolução da mulher no mercado de trabalho. **RH Portal**, 2015. Disponível em: <https://www.rhportal.com.br/artigos-rh/a-evolucao-da-mulher-no-mercado-de-trabalho/>. Acesso em: 30 set. 2022.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RODRIGUES, Paulo Jorge *et al.* O trabalho feminino durante a revolução industrial. *In*: SEMANA DA MULHER, 12., 2015, Marília. **Anais** [...]. Marília: UNESP, 2015. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/xiisemanadamulher11189/o-trabalho-feminino_paulo-jorge-rodriques.pdf. Acesso em: 04 mar. 2023.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. *In*: BURKE, Peter. **A escrita da História**: novas perspectivas. São Paulo: UEL, 1992. p. 63-95.

YANNOULAS, Silvia Cristina (org.) **A convidada de pedra**: mulheres e políticas públicas de trabalho e renda: entre a descentralização e a integração supranacional: um olhar a partir do Brasil 1988-2002. Brasília: Flacso; Abaré, 2003. Disponível em: <https://flacso.redelivre.org.br/files/2015/03/347.pdf>. Acesso em: 04 mar. 2022.



Modalidade: Resumo Expandido

GT 7: Informação, Memória e Patrimônio

Jornais como veículo de informação e preservação da memória: uma análise do acervo físico e digital do Museu da UFCA em Juazeiro do Norte

Jose Wesley Barbosa Belino

Walter Cadete de Souza Junior

Francisco Weber dos Anjos

Resumo: Os jornais estão entre as principais fontes de informação humana. Na região do Cariri cearense, principalmente na cidade de Juazeiro do Norte, ocorreu o surgimento de diversos jornais durante o século XX. O objetivo deste trabalho é avaliar e debater a relevância e as condições do acervo de jornais do Museu da Universidade Federal do Cariri, analisando a sua importância para a preservação da cultura e história locais. Para isso, utilizou-se da pesquisa bibliográfica de artigos referentes a área de museologia e arquivologia, além da análise dos acervos físico e digital do museu. Ao fim da análise, foi possível concluir que o acervo é de enorme importância para a preservação da história e da cultura do Cariri cearense, a disponibilização de tais materiais para o público significa uma conexão direta com o seu próprio legado cultural. Entretanto, a falta de empresas especializadas em restauração de documentos é um grande empecilho para a disponibilização de boa parte do acervo.

Palavras-chave: jornais; informação; museu digital.

1 INTRODUÇÃO

O projeto institucional denominado Museu da UFCA foi a base para a elaboração desse resumo, onde os jornais que estão em seu acervo são de suma importância para a cultura do Juazeiro do Norte e para a região do Cariri, já que suas páginas formam um acervo das mais diversas áreas que podem influenciar os mais variados projetos de pesquisa da comunidade acadêmica e também fomentar a cultura no âmbito das escolas de ensino fundamental e médio, já que muitas vezes os alunos não têm um contato constante com a cultura regional. Com isso, o Museu da UFCA poderá preencher essa lacuna que há anos perdura na sociedade do Cariri, e para isso, o estudo dos

jornais é de suma importância para construção das exposições.

A criação dos jornais locais causou um enorme e importante impacto na sociedade de Juazeiro do Norte, devido a disseminação das informações na época, e nos dias atuais, a preservação do acervo permite um olhar único sobre o passado da cidade. Tal visão pode expandir o interesse da comunidade acadêmica pela história local, vindo a estudar as valiosas coleções do museu, seja no formato físico ou no digital.

Diante dos desafios encontrados para estudar o acervo, destacam-se problemas relacionados à delicada situação de alguns exemplares, como a sensibilidade do papel e o apagamento parcial de algumas das páginas, comum em materiais do início do século XX. A manutenção e o tratamento desse acervo são de suma importância para a sua disponibilização adequada ao público.

Porém, para disponibilizar a história de várias gerações, é necessário um diálogo que vise criar as estratégias em direção à acessibilidade igualitária do acervo por toda a população, a restauração do acervo seria essencial, pois a degradação do tempo dificulta a leitura e pode chegar até mesmo a não a impossibilitar. Tal assunto traz à tona outra problemática que a tempos se tem na região do Cariri: a ausência de uma empresa que possa fazer esse processo de restauro, o que vai impossibilitar a exposição de alguns exemplares que são indispensáveis para a população conhecer a sua história, principalmente no que se diz respeito às escolas locais, que não possuem na matriz nenhuma aula sobre a história da região, algo que o museu poderia incentivar através de ações junto à comunidade.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O processo de estudo é essencial para responder a qualquer questionamento, pois “a pesquisa bibliográfica permite entender assuntos que abordam fatos históricos e definições” (BEZERRA; ALMEIDA; MOTA, 2017, p. 100). Para esse resumo utilizamos de métodos qualitativos, através da análise do acervo digital do museu e nas anotações contidas nos próprios jornais, o que possibilitou o acompanhamento do processo de indexação dos encadeamentos dos jornais doados para o museu para a plataforma do site e para tal, foram selecionadas algumas páginas de jornais que possuem grande relevância para comunidade acadêmica e para população em geral.

Para tal, trabalhamos com base formada por artigos relacionados a museologia, arquivologia e o acervo digital do museu, onde encontramos as referências para a escrita do resumo expandido. Dessa forma, foi possível responder aos questionamentos apresentados na pesquisa de como os jornais poderiam ser disponibilizados e resguardados com sua máxima integridade.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Desde que a espécie humana passou a vagar pelo mundo, surgiram pessoas que produziam conhecimento e tentavam armazená-lo da melhor maneira possível, para que fosse preservado e utilizado no futuro. Esse desejo de armazenar o que era aprendido resultou, inicialmente, em pinturas rupestres e placas de pedra onde eram anotadas as descobertas, e a cada nova era, novas formas de se armazenar conhecimento surgiam, como os papiros, os pergaminhos e os livros, até chegar nos tempos atuais, onde o principal método de se armazenar a produção científica é através de bases de dados digitais.

Uma outra forma de se armazenar o conhecimento, especialmente sobre fatos históricos, era exibir relíquias e obras de arte em espaços especiais, onde o público poderia admirá-los e conhecer sua história. Nota-se que os museus existem desde as primeiras grandes civilizações, e possuíam, inicialmente, um caráter religioso e educativo, como os museus da antiga Mesopotâmia e do antigo Egito (TRÍSCELE, 2017).

Os museus, sendo instituições antigas, que estão diretamente ligados ao desejo humano de preservar e contar sua própria história, passaram por intensas transformações no decorrer dos séculos, em especial no que se diz respeito às suas estruturas. Existe o fato de que as coleções eram inicialmente privadas, e que foi somente a partir do século XVIII que surgiram os primeiros museus com coleções públicas, após muitos acervos pessoais serem adquiridos pelo Estado (TRÍSCELE, 2017).

Outra grande alteração no conceito de museu envolve as suas próprias exposições, que passaram a apresentar objetos mais variados, diversificando assim os seus acervos. Salões que antes exibiam apenas obras de arte como pinturas e esculturas passaram a apresentar facetas mais diversificadas da história e da arte humana.

Foi no modelo de museu estadunidense que novas abordagens de se expor e organizar os acervos surgiu, a exemplo da exibição de animais em imitações de seus habitats naturais – os dioramas, uma recriação artificial de ambientes. Muitos museus fazem uso da técnica para demonstrar ecossistemas inteiros, ou parte de paisagens importantes historicamente (TRÍSCELE, 2017).

Mas, se o museu é um conceito que evoluiu junto com a espécie humana, então como é possível dar um significado a uma palavra que mudou tanto no decorrer do tempo?

Na visão de Elliott e Brito (2022), a definição de museu envolve a preservação dos objetos que fazem parte de suas coleções, para que estes sejam elevados à categoria de bens patrimoniais. Salienta-se também que museus regionais, cujos acervos sejam constituídos por materiais que preservem o patrimônio de determinadas locali-

dades, levam esse conceito diretamente em suas fundações, que envolve salvaguardar a história de suas regiões.

É preciso entender que os museus refletem a constituição cultural e política local, porque através de seu acervo, contam a história de formação do lugar, como também as histórias pessoais envolvidas no processo (HELLWIG, 2014, p. 3).

Portanto, os museus se caracterizam como espaços onde os registros materiais da história podem não apenas ser armazenados e preservados, mas também compartilhados com a população, em prol do benefício da sociedade, desde que a gestão do espaço esteja em prol de ações sociais que visem conectar as pessoas a sua própria história. O Código de Ética para Museus (ICOM-BR, 2009) aborda as noções de patrimônio e gestão envolvendo os museus. Vejamos:

2. Os museus mantêm acervos em benefício da sociedade e de seu desenvolvimento Princípio: Os museus têm o dever de adquirir, preservar e valorizar seus acervos, a fim de contribuir para a salvaguarda do patrimônio natural, cultural e científico. Seus acervos constituem patrimônio público significativo, ocupam posição legal especial e são protegidos pelo direito internacional. A noção de gestão é inerente a este dever público e implica zelar pela legitimidade da propriedade desses acervos, por sua permanência, documentação, acessibilidade e pela responsabilidade em casos de sua alienação, quando permitida.

Dessa forma, é possível concluir que os museus são mais do que apenas espaços para a preservação de bens, são também espaços onde grupos sociais têm sua diversidade representada (ELLIOTT; BRITO, 2022). Assim, entendemos que o acervo de um museu possui valor não só para a comunidade acadêmica, mas para toda a sociedade, pois preservam sua cultura e memória.

Os museus, a partir de suas características, apresentam-se como instrumento de preservação da memória cultural de uma sociedade, bem como são responsáveis pelo patrimônio natural e cultura, material ou imaterial. Suas características surgiram no decorrer do seu desenvolvimento, já que, a sua origem a princípio tinha o objetivo apenas de salvaguardar e não de disseminar as informações culturais (BEZERRA; ALMEIDA; MOTA, 2017, p. 97).

Sendo assim, os museus se categorizam como espaços para a preservação da história e do legado humano, assegurando que esse conhecimento continue a existir no futuro. Um recurso importante para a preservação da memória coletiva de uma população que os museus costumam utilizar é a dos acervos de jornais, instrumentos de disseminação com um longo histórico de noticiar acontecimentos e também os satirizar.

Os jornais, tendo um fluxo de lançamento constante e alcançando um público

elevado em épocas mais antigas, acabaram por deixar registrados inúmeros fatos e acontecimentos relevantes para a população no geral. Na opinião de Ribeiro e Pires (2015), a preservação de exemplares de jornais locais ajuda a obter informações sobre os traços culturais de uma determinada sociedade, e a preservação constitui em assegurar o contexto necessário para o seu acesso pelas gerações futuras.

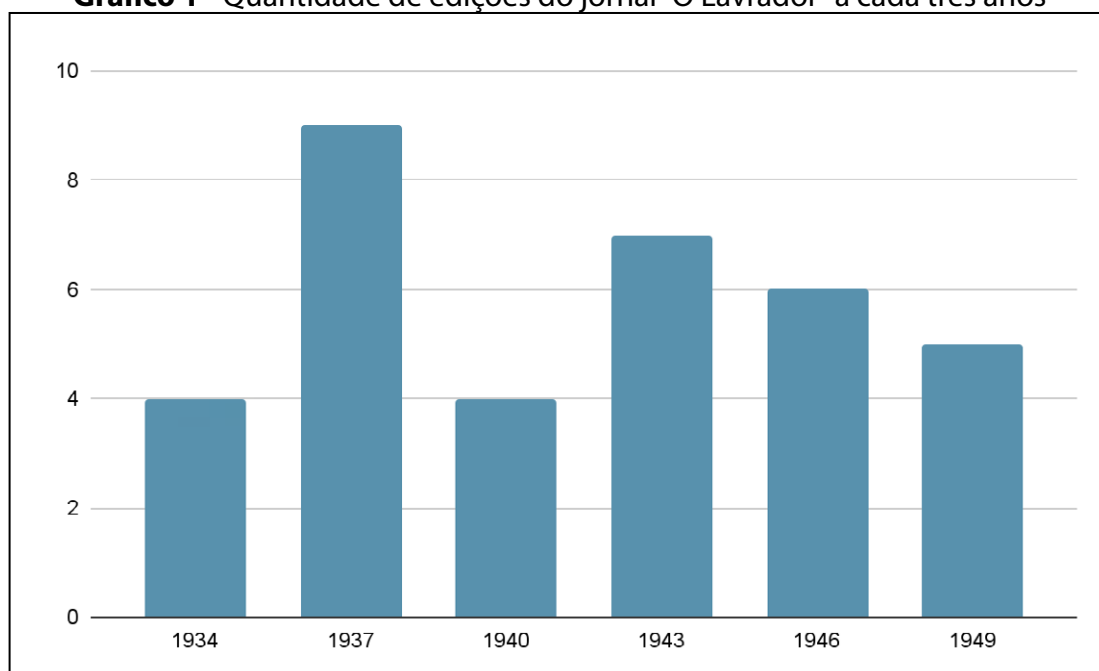
Portanto, fica evidente que um acervo constituído dos jornais publicados na região do Cariri durante o século XX tem valor inestimável para a compreensão e estudo da história e cultura locais. Deve-se, entretanto, tomar cuidado na exposição e catalogação desses materiais, para que assim não seja apagada ou modificada nenhuma expressão cultural, de forma a evitar o apagamento e desrespeito que é tão comum em acervos museológicos (COCOTLE, 2019).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a análise do acervo de jornais, foi possível perceber a função não apenas informativa, mas também interativa que os jornais da região do Cariri possuíam e ainda possuem para os habitantes das cidades locais, especialmente do triângulo Crato-Juazeiro-Barbalha. Os jornais locais tinham como característica marcante o anúncio de eventos locais e propagandas de negócios administrados na região, permitindo que as transações comerciais se tornassem mais dinâmicas.

Ao se observar a quantidade de edições, também foi possível notar que muitos dos jornais não seguiam uma periodicidade pré-determinada, tendo em vista a ausência de uma quantidade mínima de edições por ano. Essa falta de um período padrão para o lançamento de uma nova edição se deve em parte à organização interna de muitos dos jornais da época, que eram, em boa parte, administrados por escolas ou clubes.

Gráfico 1 - Quantidade de edições do jornal "O Lavrador" a cada três anos



Fonte: Elaborado pelos autores.

A exemplo do jornal "O Lavrador", que era administrado pelo clube agrícola da Escola Norma Rural de Juazeiro do Norte, as publicações aconteciam de acordo com o orçamento disponível para o processo de produção e de impressão dos exemplares, portanto não havia uma quantidade mínima de edições por ano, nem uma quantidade máxima. Isso acarretou até mesmo em anos onde não era produzida nenhuma tiragem, o que destaca possíveis dificuldades financeiras por parte da instituição responsável pela sua publicação.

Outro ponto importante observado foi a precisão com a qual acontecimentos são narrados nas notícias, permitindo ao leitor uma fácil compreensão dos eventos que ocorreram. Essa característica é crucial para estudos póstumos, especialmente na área da história, permitindo um estudo mais detalhado por parte dos pesquisadores.

Um problema que já foi destacado refere-se à qualidade dos jornais, que passaram muito tempo sem ter sido armazenados de forma adequada, fazendo com que, em algumas edições, a leitura seja dificultada, seja através do fenômeno do amarelamento das páginas ou de ocasionais rasgos nas bordas ou mesmo no meio. Nota-se que tal fenômeno é causado pelo não apenas pelo tempo, mas também devido ao armazenamento impróprio que esses materiais vieram a sofrer no decorrer do tempo.

Imagem 1 – Jornal “O Lavrador” - N. 3 - degradado pelo tempo



Fonte: Acervo digital do Museu da UFCA.

Salienta-se para a ausência de empresas especializadas em restauração na região do Cariri, e a necessidade de incentivo nesse campo, para que assim o estudo desses materiais não seja prejudicado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas essas características observadas tornam evidente a necessidade não apenas de preservação desse acervo, mas também de sua disponibilização para a comunidade acadêmica e para o público em geral, permitindo que todos possam acesso, seja para fins de pesquisa e estudo ou apenas para sanar a curiosidade. Destaca-se a necessidade de uma organização e tratamento desses materiais, para evitar, sobretudo, o desrespeito em relação às diversidades culturais.

Os jornais podem ser vistos como um manifesto dos acontecimentos da população, e são feitos especificamente para agregar à memória coletiva das pessoas. É importante que um povo possua acesso a sua memória e história, e acervos tão amplos como o do Museu da UFCA se mostram ideais para que a identidade de uma população seja preservada e disseminada.

REFERÊNCIAS

BAUER, Jonei Eger. Museu, Museologia e Museografia. **Triscele**, 2017. Disponível em: <https://www.triscele.com.br/triscele/museu-museologia-e-museografia>. Acesso em: 07 mar. 2023.

BEZERRA, Alla Moana Cordeiro de Souza; ALMEIDA, Graciane Batista Carneiro; MOTA, Denysson Axel Ribeiro. Museu como unidade de informação e preservação da me-

mória: uma análise na Fundação Memorial Padre Cicero em Juazeiro do Norte. **Folha de Rosto**, [Juazeiro do Norte], v. 3, n. esp., p. 96-104, 22 dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/256>. Acesso em: 07 mar. 2023.

COCOTLE, Brenda Caro. Nós prometemos descolonizar o museu: uma revisão crítica da política museal contemporânea. In: CARNEIRO, Amanda (org.). **Arte e Descolonização**. São Paulo: MASP, Afterall, 2019. Disponível em: <https://assets.masp.org.br/uploads/temp/temp-X87a1s0ahKuQghS3VJ4D.pdf>. Acesso em: 07 mar. 2023.

ELLIOTT, Ariluci Goes; BRITO, Carla Façanha de. Informação e patrimônio museal: a criação do museu universitário da Universidade Federal do Cariri – Ceará. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 22., 2022, Porto Alegre. **Anais** [...]. Porto Alegre: PPGCIN/UFRGS, 2022. Disponível em: <https://enancib.ancib.org/index.php/enancib/xxiiencib/paper/view/897>. Acesso em: 20 mar. 2023.

HELLWIG, Alessandro Wickbol. Museu, memória e identidade pomerana: uma correlação local. **Expressa Extensão**, [s. l.], v. 19, n. 2, p. 1-14, nov. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/4481>. Acesso em: 20 mar. 2023.

INTERNATIONAL COUNCIL OF MUSEUMS (ICOM). **Código de Ética para Museus** (versão lusófona). 2009. Disponível em: http://www.icom.org.br/?page_id=30. Acesso em: 25 maio 2022.

RIBEIRO, Célia Pereira; PIRES, Erik André de Nazaré. A preservação da informação em relação ao patrimônio cultural na atualidade. **DataGramaZero**, [s. l.], v. 16, n. 1, 2015. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/8119>. Acesso em: 07 mar. 2023.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao coordenador da bolsa, o professor Francisco Weber (Pró-reitor de Cultura da UFCA), pela instrução e confiança com um acervo tão valioso e por acreditar nas nossas capacidades para tal missão com um projeto ambicioso; também gostaríamos de agradecer ao pesquisador Renato Casimiro e a família de seu colega Daniel Walker (*in memoriam*) pela doação do acervo à Universidade Federal do Cariri e pela confiança depositada na instituição. Agradecemos também a professora Ariluci Goes Elliott, por nos auxiliar na elaboração deste resumo, e, por último, agradecemos à Pró-reitoria de Cultura (PROCULT) da UFCA, setor ao qual o projeto Museu UFCA está vinculado, por ter nos possibilitado a oportunidade de participar da catalogação do acervo.

Modalidade: Resumo Expandido

GT 7: Informação, Memória e Patrimônio

Acervo, memória e religiosidade no contexto das bibliotecas especializadas

Mateus de Souza Peralta

Arysa Cabral Barros

Resumo: Relata a importância das bibliotecas como ambientes de memória, as quais podem ser vistas como depositárias de histórias, tradições orais e materiais que permitem acessar o passado e conectar-se com as raízes culturais e religiosas. Tem como objetivo compreender a relação entre a biblioteca especializada e a cultura de preservação da memória religiosa, a fim de compreender o seu papel enquanto espaço de resistência cultural e de fomento à criação de uma memória local, individual e coletiva. Estabelece, enquanto procedimentos metodológicos, a pesquisa bibliográfica para coleta das informações contidas no referencial teórico. Discute o papel da biblioteca especializada e sua contribuição para a manutenção da identidade religiosa e cultural de uma comunidade, coletando, organizando e armazenando materiais que representem a memória religiosa. Esse papel central das bibliotecas na preservação da memória religiosa também é visto nas bibliotecas especializadas, que possuem coleções focadas em um determinado assunto ou área de conhecimento. Conclui, com base na inferência dos dados, que as bibliotecas especializadas podem fortalecer a identidade e a coesão da comunidade religiosa e manter vivas suas tradições e valores.

Palavras-chave: Memória; Acervo religioso; Biblioteca especializada.

1 INTRODUÇÃO

As bibliotecas desempenham um papel fundamental como ambientes de memória. Essa concepção, de fazer coexistir num mesmo espaço a produção do conhecimento humano, vem dos tempos remotos, tendo como marco histórico a Biblioteca de Alexandria. Alexandria traz a noção de preservação (*mnemosine*²⁵) e de patrimônio

²⁵ "Na mitologia grega, Mnemosine é a deusa grega da memória. É uma das titânides - segunda geração dos deuses -, filha de Gaia (a Terra) e Urano (o Céu). Os mortos que bebesses da água do seu poço lembravam suas vidas. É a deusa que opera as engrenagens do esquecimento e da lembrança" (TRF1, [201-], online).

cultural, o que serviu de base para a existência das bibliotecas e da Biblioteconomia enquanto campo de estudo.

Ao enaltecer a preservação da memória, compreende-se que os materiais disponíveis nas bibliotecas permitem acessar o passado e conectar-se com nossas raízes. Nesse contexto, as bibliotecas podem atuar como depositárias de histórias e tradições orais, mantidas vivas e difundidas a partir dos registros em diferentes suportes. Isto significa que são consideradas bibliotecas guardiãs da história e da cultura da sociedade e, por sua vez, possuem um papel fundamental como lugares de memória (PEREIRA *et al.*, 2021).

Sabendo disso, essa pesquisa se justifica ao evidenciar o papel das bibliotecas especializadas frente a preservação da memória religiosa de um povo. Dessa forma, enfatiza-se que esse processo acontece através da coleta, organização e armazenamento de materiais relevantes, como textos sagrados, registros históricos, documentos oficiais e publicações religiosas. E assim, contribuem para a manutenção da identidade religiosa e cultural de uma comunidade, mantendo a memória coletiva, onde ela consagra e transmite ideias, valores e princípios através do tempo histórico (MORAES; SANTOS, 2014).

Como afirma Almeida Júnior (1997, p. 59), “A memória assim preservada, torna-se mais um instrumento de defesa e resistência”. Nesse sentido, essa pesquisa tem por objetivo compreender a relação entre a biblioteca especializada e a cultura de preservação da memória religiosa, a fim de compreender o seu papel enquanto espaço de resistência cultural e de fomento à criação de uma memória local, individual e coletiva.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para atingir o propósito do trabalho, optou-se como método a pesquisa bibliográfica, um procedimento científico que tem como objetivo coletar, selecionar, analisar e interpretar informações contidas em diferentes tipos de documentos, tais como livros, artigos científicos, teses, dissertações, relatórios, entre outros (SOUSA, 2014). É uma das formas mais utilizadas para a construção do conhecimento em diversas áreas do saber, incluindo as Ciências Sociais e Humanas, e pode ser aplicada em diferentes tipos de estudos (GIL, 2010).

No contexto do trabalho sobre bibliotecas especializadas, memória social, cultural e práticas bibliotecárias para o conhecimento sobre o respectivo acervo da sua instituição, a pesquisa bibliográfica foi uma ferramenta essencial para identificar e selecionar as fontes mais relevantes para a investigação (FONSECA, 2006). A partir de uma revisão da literatura existente, foram identificados conceitos e teorias relacionados ao tema, bem como exemplos de experiências bem-sucedidas em bibliotecas

especializadas em preservação da memória.

Por fim, destaca-se que a pesquisa bibliográfica não se restringe à simples coleta de informações, mas envolve também a análise crítica e a interpretação dos dados encontrados. Nesse sentido, foi fundamental para o trabalho a capacidade de selecionar as fontes mais pertinentes e de analisar os dados de forma crítica e reflexiva, a fim de construir um conhecimento sólido e fundamentado sobre o tema em questão.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A memória cultural permite a preservação da história de uma comunidade, de um grupo de pessoas ou de uma cidade. Ela possibilita que as pessoas aprendam e conectem-se com suas raízes, sua cultura e a história da sociedade ao longo do tempo. E, dessa forma, criam uma memória cultural que fortalece a construção da identidade, de suas tradições e valores e se sintam parte de algo maior do que elas mesmas.

Para que essa memória seja preservada e disseminada entre a sociedade, um dos meios possíveis para tornar essa realidade possível são as bibliotecas, ferramentas valiosas no que diz respeito a preservação da memória local, a religiosidade de um povo e sua cultura, desde a antiguidade com as bibliotecas especializadas (MANGO, 2001).

As primeiras bibliotecas especializadas surgiram no período da Antiguidade Clássica, quando houve um grande interesse em acumular conhecimentos em áreas específicas, como a Medicina, a Astronomia, a Filosofia e outras disciplinas (AZEVEDO, 2012). As bibliotecas especializadas fornecem serviços de referência e apoio à pesquisa para demandas informacionais mais precisas e atualizadas. São frequentemente encontradas em instituições acadêmicas, como universidades e faculdades, bem como em organizações de pesquisa, museus e empresas. As coleções especializadas geralmente são compostas por materiais específicos (livros, periódicos, relatórios, manuais e outras publicações) relacionados a um determinado campo de estudo.

Essa tipologia de biblioteca está muito ligada à questão temática do acervo, sendo necessário a princípio caracterizar e delimitar o assunto temático. A construção do acervo considera: **autoridade**, que se relaciona ao produtor, editor ou figura responsável pela obra; **precisão**, objetivando evidenciar o quanto as informações vinculadas ao documento são corretas; por fim, a **atualidade**, para permitir que o acervo possui informações, de fato, úteis no contexto atual histórico (VERGUEIRO, 1997).

Tendo isso evidenciado, conhecer o acervo e suas características é algo a ser ponderado com ênfase pelo profissional em Biblioteconomia que atua nesses espaços. Essa atividade deve ser executada paralelamente e ao mesmo nível de preocupação e cuidado de outros serviços. Quanto ao uso qualitativo do acervo, o estudo

de comunidade, a avaliação de coleções, a recuperação da informação, entre outras práticas bibliotecárias, deve ser planejada para tornar os ambientes de informações mais acessíveis e passíveis de utilização.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A cultura de preservação da memória religiosa de um povo tem raízes na antiguidade, como era o caso da Biblioteca Imperial de Constantinopla, uma das maiores e mais importantes bibliotecas cristãs, contendo uma grande coleção de manuscritos bíblicos e outros textos cristãos. Com base no site da Biblioteca Nacional (2020, online):

Às vésperas de se iniciar o período hoje conhecido como Idade Média, o édito de Milão, promulgado em 313 pelo imperador romano Constantino (306 – 337), declarou a liberdade religiosa no Império. Isso permitiu que as bibliotecas das comunidades cristãs se desenvolvessem em plena luz. As primeiras coexistiram com as bibliotecas romanas: o próprio Constantino possuía milhares de volumes em rolos de papiro, alguns dos quais fez transcrever em pergaminho, material mais durável. O trabalho de preservação foi levado adiante por seu sucessor, Constâncio II (337 – 361), na Biblioteca Imperial de Constantinopla, que resistiria até o fim da Idade Média. Muitos clássicos gregos devem sua preservação às cópias bizantinas existentes ali.

Essa biblioteca teve um impacto significativo na religiosidade da época, moldando a teologia cristã e influenciando a prática religiosa. Além disso, serviu como um centro de aprendizagem e pesquisa para estudiosos cristãos de todo o Império Bizantino, também conhecido como Império Romano do Oriente, de 330 a 1453 d.C., permitindo uma análise mais profunda dos textos sagrados e um aprofundamento da compreensão teológica e filosófica do cristianismo (MANGO, 2001).

Um exemplo de biblioteca especializada e que atua na preservação da memória e disseminação da cultura e religiosidade local, atualmente, é a Biblioteca Nacional de Israel, especialmente para com a cultura judaica. A biblioteca, localizada no campus Givat Ram da Universidade Hebraica de Jerusalém, tem uma vasta coleção de livros, manuscritos e documentos relacionados à história do povo judeu e do Estado de Israel, além de ser o lar de coleções significativas de fontes primárias relacionadas à religião judaica (NATIONAL LIBRARY OF ISRAEL, 2023).

A biblioteca também desempenha um papel importante na disseminação da cultura e religiosidade local, oferecendo acesso a uma variedade de recursos e programas educacionais para estudiosos, estudantes e o público em geral. Isso inclui programas de pesquisa e bolsas de estudo, exposições, palestras e eventos culturais relacio-

nados à cultura e religião judaicas (NATIONAL LIBRARY OF ISRAEL, 2023).

No contexto brasileiro, tem-se como exemplo a Biblioteca Nacional (BN), considerada uma biblioteca especializada devido ao seu vasto acervo, composto por materiais raros, valiosos e muitas vezes únicos. É uma instituição de referência para a preservação da memória e do patrimônio bibliográfico, documental e artístico do país, e desempenha um papel fundamental na disseminação do conhecimento e da cultura brasileira. A preservação da memória é uma das principais preocupações da BN. A biblioteca também realiza ações preventivas, como o controle da temperatura e da umidade do ambiente de armazenamento, para evitar a deterioração dos materiais, e eventualmente a perda da memória que estes representam (BIBLIOTECA NACIONAL DO BRASIL, [2023?]).

E mais especificamente na Região Nordeste, um modelo de instituição que atua nesse viés é o Centro de Documentação e Pesquisa da Cultura Popular (CDCP), uma importante instituição de preservação da cultura popular nordestina. Localizado em Recife, Pernambuco, o CDCP tem como objetivo principal reunir, organizar e difundir informações sobre as diversas manifestações culturais da região e expressões populares. O centro possui um acervo bastante diversificado, e oferece atividades como cursos, oficinas, exposições e eventos culturais para toda a comunidade. Dessa forma, o centro contribui de forma significativa para a preservação e promoção dessas importantes expressões culturais (CDCP, [2023?]).

5 CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Em linhas gerais, entende-se que as bibliotecas especializadas podem desempenhar um papel fundamental na preservação da memória religiosa. Além disso, as bibliotecas especializadas possuem a capacidade de atuar como centros de pesquisa e estudo, fornecendo acesso a informações valiosas que ajudam a enriquecer a compreensão da história e dos costumes religiosos.

Em relação ao objetivo, enfatiza-se que as bibliotecas especializadas possibilitam que a cultura de preservação da memória religiosa seja fortalecida e mantida viva, onde a disponibilidade dos materiais permite que as pessoas estudem, compreendam, conheçam e se conectem com as suas tradições religiosas. Isso, por sua vez, ajuda a fortalecer a identidade e a coesão da comunidade religiosa e a manter vivas suas tradições e valores. Com isso, foi possível compreender a importância do conhecimento sobre a memória para o exercício do profissional em Biblioteconomia e para o desenvolvimento de ações de preservação e difusão da cultura da memória religiosa em bibliotecas especializadas.

Por fim, esse trabalho trata de uma pesquisa de monografia em andamento

intitulada “Biblioteca, acervo e memória: uma análise das obras religiosas da Biblioteca da Escola dos Saberes de Barbalha”. Nesse sentido, esta pesquisa seguirá de forma que oriente e baseie a construção do tema voltado à preservação da memória e religiosidade do povo barbalhense e de seu território ao qual será aplicado à Escola dos Saberes de Barbalha.

REFERÊNCIAS

BIBLIOTECA NACIONAL. **História do livro**: as bibliotecas e a circulação dos livros na Idade Média. 2020. Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/acontece/noticias/2020/06/historia-livro-bibliotecas-circulacao-livros-idade>. Acesso em: 08 mar. 2023.

BIBLIOTECA NACIONAL. **Preservação**. [2023?]. Disponível em: <https://antigo.bn.gov.br/sobre-bn/competencias-atividades/preservacao>. Acesso em: 08 mar. 2023.

CDCP - CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA DA CULTURA POPULAR. **Sobre o CDCP**. Centro de Documentação e Pesquisa da Cultura Popular. Recife, [2023?]. Disponível em: http://www.recife.pe.gov.br/cultura/index.php?option=com_content&view=article&id=491&Itemid=544. Acesso em: 08 mar. 2023.

FONSECA, Edson Nery da. **Memória, patrimônio e preservação**: diálogos brasileiros. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

JUSTIÇA FEDERAL. **Colabore com o resgate da memória do Tribunal Regional Federal-1ª Região**. Justiça Federal: Tribunal Regional Federal da 1ª Região, [s. l.], 2023. Disponível em: <https://portal.trf1.jus.br/portaltrf1/institucional/memoria-institucional/campanha-pro-memoria/>. Acesso em: 8 mar. 2023.

MANGO, Cyril. **Bizâncio**: o Império de Nova Roma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

MORAES, Gerson Leite. SANTOS, Robson da Silva. A religião como memória e transmissão. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, [s. l.], ano 03, ed. 12, v. 7, p. 05-18, dez. 2018. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/ciencia-da-religiao/religiao-como-memoria>. Acesso em: 08 mar. 2023.

NATIONAL LIBRARY OF ISRAEL. **About the National Library of Israel**. [2023?]. Disponível em: <https://www.nli.org.il/en>. Acesso em: 8 mar. 2023.

PEREIRA, Ana Paula *et al.* Biblioteca pública como dispositivo de transformação social e a Agenda 2030. **Brazilian Journal of Information Science**: Research trends, [s. l.], v.

15, publicação contínua, 2021. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/12492>. Acesso em: 8 mar. 2023.

SOUSA, Jorge Tadeu de. **Metodologia de pesquisa científica**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2014.

AGRADECIMENTOS

Expresso minha gratidão àqueles que vem me apoiando durante a construção dessa pesquisa. Em primeiro lugar, minha orientadora, Arysa Cabral Barros, por seu inestimável compromisso, apoio contínuo e paciência durante todo o processo. Agradeço também à família e amigos, especialmente Nayonara da Silva Rodrigues. Por fim, e nada menos importante, agradeço a instituição na qual cumpri o estágio supervisionado que me permitiu a imersão nessa temática e fez deste um projeto possível, a Escola dos Saberes de Barbalha, e seus membros.



A transversalidade da atuação bibliotecária:
SEABI Agenda 2030
XI Semana Acadêmica de Biblioteconomia e Ciência da Informação

